



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**LICENCIATURA INTEGRADA EM HISTÓRIA E GEOGRAFIA**  
**CURSO DE HISTÓRIA**

**GEANE DA SILVA E SILVA**

**“EU FAÇO HISTÓRIA NOS QUADRINHOS”: O USO DAS  
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO RECURSO  
DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Santarém

2019



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**LICENCIATURA INTEGRADA EM HISTÓRIA E GEOGRAFIA**  
**CURSO DE HISTÓRIA**

**GEANE DA SILVA E SILVA**

**“EU FAÇO HISTÓRIA NOS QUADRINHOS”: O USO DAS  
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO RECURSO  
DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso entregue a Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado em História e Geografia, ênfase em História, sob orientação do Prof. Dr. Douglas Mota Xavier de Lima.

Santarém

2019

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado Bibliotecas – SIBI/UFOPA**

---

S586e Silva, Geane da Silva e  
“Eu faço história nos quadrinhos”: o uso das histórias em quadrinhos  
como recurso didático no ensino de história / Geane da Silva e Silva. –  
Santarém, 2019.  
100 f.: il.

Orientador: Douglas Mota Xavier de Lima.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do  
Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Licenciatura Integrada em  
História e Geografia.

1. Histórias em quadrinhos na educação. 2. História (Ensino  
fundamental). I. Lima, Douglas Mota Xavier de, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 371.33

---

Bibliotecário-documentalista: Rogério Aoyama – CRB-2/1506

GEANE DA SILVA E SILVA

**“EU FAÇO HISTÓRIA NOS QUADRINHOS”: O USO DAS  
HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO RECURSO  
DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso entregue a Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA, como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado em História e Geografia, ênfase em História, sob orientação do Prof. Dr. Douglas Mota Xavier de Lima.

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/ 2019.

---

Prof. Douglas Mota Xavier de Lima – Orientador  
Universidade Federal do Oeste do Pará

---

Prof. Zair Henrique Santos – Avaliador  
Universidade Federal do Oeste do Pará

---

Prof. Wilverson Rodrigo Silva de Melo – Avaliador  
Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

---

Prof. Eliseu Levi Xavier de Freitas – Avaliador  
Colégio Batista de Santarém

Santarém  
2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE HISTÓRIA

Ao(s) dezoito dias do mês de janeiro de dois mil e dezenove, na cidade de Santarém do Estado do Pará, reuniu-se no (a) sala R10, Campus Rondon, para a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido por **Geane da Silva e Silva** e intitulado: **"EU FAÇO HISTÓRIA EM QUADRINHOS": O USO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA**, sob orientação do (a) docente **Douglas Mota Xavier de Lima**, da Universidade Federal do Oeste do Pará - UFOPA. A banca examinadora foi composta pelo (a) docente orientador (a) citado (a) e pelos docentes Zair Henrique Santos, Wilverson Rodrigo Silva de Melo e Eliseu Levi Xavier de Freitas. Após a defesa e análise do TCC, considerando a qualidade deste trabalho enquanto produto de iniciação científica, a banca deferiu pela (  aprovação / ( ) reprovação o TCC, resultando a nota 10 (DEZ). Fica acordado que a nota ( ) está / ( ) não está condicionada a entrega final do trabalho, no prazo máximo de **10 dias úteis** a partir desta data e o mesmo deverá contemplar as observações da banda examinadora. Proclamados os resultados pelo Coordenador da banca, foram encerrados os trabalhos e para constar, eu Douglas Mota Xavier de Lima lavrei a presente ata que será assinada pelo autor e membros da banca examinadora.

Autor: Geane da Silva e Silva matrícula: 201400399

Orientador (a): Douglas Mota Xavier de Lima

Examinador (a): Zair Henrique Santos

Wilverson Rodrigo Silva de Melo

Eliseu Levi Xavier de Freitas

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à minha mãe, que mesmo não sabendo ler e escrever sempre me incentivou e proporcionou o estudo, quem mais sonhou e torceu pela minha formação superior e continuação na longa caminhada de aprendizagem, por ser meu exemplo de persistência, força e coragem.

Dedico às minhas filhas, Alanna e Anna Clara, que durante todo o período de formação foram as únicas que, mesmo tendo todos os motivos para reclamar, sempre procuraram me entender e me apoiar, que vibraram por cada conquista que alcancei, que se emocionaram com meu primeiro dez e que sempre viram em mim exemplo de mulher. Dedico este trabalho a elas por serem meu orgulho e o melhor que a vida me deu.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente ao meu orientador, pela paciência, compreensão e dedicação que sempre teve comigo durante o processo de construção deste trabalho. Por ter despertado minha atenção para o quão interessante e prazeroso seria trabalhar com histórias em quadrinhos e por ter aceitado o desafio em me auxiliar na pesquisa, análise e produção deste TCC.

A todos os meus professores que de certa forma influenciaram na minha aprendizagem e no meu conhecimento acadêmico.

A Universidade Federal do Estado do Pará (UFOPA) por ter me concedido auxílio financeiro durante todo o período de formação acadêmica e a CAPES por me proporcionar a experiência de ser bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no período de fevereiro de 2017 a fevereiro de 2018.

Aos colegas da Turma de História e Geografia 2014 da UFOPA, que durante quatro anos estiveram comigo, que são conhecedores e participantes de todos os problemas, obstáculos e dificuldades enfrentados durante todo o período de formação. Mas, que também compartilharam das alegrias e momentos agradáveis que o curso nos proporcionou. Agradeço pelo apoio, pelas palavras de motivação e de conforto, que por várias vezes foi o que não me permitiu desistir.

À professora de história e aos alunos da turma 8º ano D de 2017, da Escola de Ensino Fundamental e Médio Rio Tapajós, da cidade de Santarém-PA, por terem me recebido e participado do processo de produção das fontes que foram objetos de análise para construção deste trabalho.

Aos amigos e familiares que entenderam os momentos em que estive ausente, mesmo em ocasiões especiais ao qual minha presença era necessária.

## **RESUMO**

O uso de Histórias em Quadrinhos no ensino de história tem se tornado cada vez mais comum, sendo importante identificar de que maneira este material pode contribuir para o ensino e aprendizagem do conteúdo da disciplina. Tendo em vista as contribuições dos quadrinhos para o ensino e para o ensino de história, tal como proposto pela literatura especializada, a pesquisa estrutura-se em torno da elaboração de quadrinhos por alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola estadual de Santarém/PA, no intuito de promover a interdisciplinaridade, estimular os estudantes a desenvolverem a competência de representar e comunicar, associando a adaptação temática, o roteiro e a produção de quadrinhos. Dessa forma, este trabalho analisa as histórias em quadrinhos construídas por estes alunos com o objetivo de identificar o tipo de consciência histórica deles sobre a “Independência do Brasil”, expressadas a partir da construção de narrativa histórica feita através da linguagem dos quadrinhos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada em estudo de caso, que se estruturou em diferentes etapas. Primeiramente, elaborou-se levantamento bibliográfico acerca das relações das HQs com a cultura de massa, com a educação e com o ensino de história. A partir disso, optou-se por desenvolver uma atividade prática de elaboração de quadrinhos com alunos do ensino fundamental público da cidade de Santarém-PA, com base nas referências de Jörn Rüsen (2011) sobre a Didática da História e, especificamente, a noção de “consciência histórica”, e nos trabalhos de Marcelo Fronza (2015) e Túlio Vilela (2014), que oferecem apontamentos teóricos e práticos para produção de HQ nas escolas, mas especificamente nas aulas de História. Esta etapa foi dividida em dois momentos. O primeiro consistiu na ministração de uma aula-oficina denominada “Eu faço história nos quadrinhos”, para familiarizar e alfabetizar os alunos na linguagem dos quadrinhos. O segundo foi destinado a produção das HQs. Os resultados da pesquisa mostram que a dificuldade dos alunos em determinada disciplina pode afetar o desenvolvimento do aprendizado em outra. Também foi percebido que, mesmo com o apelo de transformar o que é ensinado de história em algo que faça sentido para a vida prática dos alunos, ainda temos a reprodução de uma história tradicional, onde os fatos são acontecimentos passados que não se relacionam com o presente.

**Palavras-Chave:** Histórias em Quadrinhos. Ensino de história. Educação.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|  |       |
|--|-------|
| Figura 1 - Exemplo de linha do quadrinho contínua e sólida.....    | p. 27 |
| Figura 2 - Exemplo de linha do quadrinho ondulada.....             | p. 27 |
| Figura 3 - Exemplo de disposição dos balões.....                   | p. 28 |
| Figura 4 - Exemplo de linha do balão pontilhada.....               | p. 28 |
| Figura 5 - Exemplo de linha do balão ondulada.....                 | p. 29 |
| Figura 6 - Exemplo de balão ligado a outro.....                    | p. 29 |
| Figura 7 - Exemplo de balão com vários rabichos.....               | p. 30 |
| Figura 8 - Exemplo de balão em forma de zig-zag.....               | p. 30 |
| Figura 9 - Exemplo de título de quadrinho.....                     | p. 31 |
| Figura 10 - Exemplo de figura cinética.....                        | p. 32 |
| Figura 11 - Exemplo de metáforas visuais.....                      | p. 32 |
| Figura 12 - Exemplo de onomatopeia.....                            | p. 33 |
| Figura 13 - Exemplo de erro ortográfico.....                       | p. 43 |
| Figura 14 - Exemplo de erro ortográfico (2).....                   | p. 43 |
| Figura 15 - Exemplo de dificuldade de orientação temporal.....     | p. 45 |
| Figura 16 - Exemplo de dificuldade de orientação temporal (2)..... | p. 45 |
| Figura 17 - Exemplo de anacronismo.....                            | p. 47 |
| Figura 18 - Independência ou Morte, Pedro Américo (1888).....      | p. 48 |
| Figura 19 - Exemplo de influência midiática.....                   | p. 49 |
| Figura 20 - Exemplo de influência midiática (2).....               | p. 50 |
| Figura 21 - Exemplo de concepção tradicional.....                  | p. 51 |
| Figura 22 - Exemplo de concepção tradicional (2).....              | p. 52 |
| Figura 23 - Exemplo de concepção exemplar.....                     | p. 54 |
| Figura 24 - Exemplo de concepção exemplar (2).....                 | p. 55 |
| Figura 25 - Exemplo de concepção crítica.....                      | p. 56 |
| Figura 26 - Exemplo de concepção crítica (2).....                  | p. 56 |

## SUMÁRIO

|   |       |
|---|-------|
| INTRODUÇÃO.....   | p. 08 |
| CAPÍTULO 1. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, EDUCAÇÃO E ENSINO DE HISTÓRIA..... | p. 16 |
| 1. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: BREVE HISTÓRICO.....                        | p. 16 |
| 1.2. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E EDUCAÇÃO .....                           | p. 21 |
| 1.3. A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS.....                                    | p. 25 |
| 1.4. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E ENSINO DE HISTÓRIA.....                  | p. 33 |
| CAPÍTULO 2. “EU FAÇO HISTÓRIA NOS QUADRINHOS”.....                      | p. 39 |
| 2.1. DIAGNÓSTICO GERAL.....   | p. 40 |
| 2.1.1. Artes.....   | p. 40 |
| 2.1.2. Língua portuguesa.....   | p. 42 |
| 2.1.3. História.....  | p. 44 |
| 2.2. TIPOS DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA.....                                | p. 50 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | p. 58 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....   | p. 63 |
| APÊNDICES.....  | p. 68 |

## INTRODUÇÃO

Ensinar não se resume a repassar um determinado conteúdo aos alunos ou a simplesmente adaptar o que se aprendeu na universidade para trabalhar em sala de aula. Ensinar é uma relação que depende, ao menos, de dois protagonistas, professor e aluno. Não existe uma fórmula pronta ou um manual que guie o professor a melhor maneira de fazer com que o aluno aprenda o que está sendo exposto. Para isso, é importante que o educador aproxime o conteúdo da realidade do aluno e ensine em uma linguagem que o educando está familiarizado, incentivando uma melhor compreensão dos conceitos apresentados.

Os pesquisadores na área de Ensino apontam que é indispensável o uso de recursos didáticos que despertem o interesse do aluno e gerem uma melhor assimilação dos conteúdos trabalhados na sala de aula. Sobre a questão, Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli (2009) argumentam que é na sala de aula que o professor de História se transforma no artista capaz de transformar uma simples exposição do conteúdo num grande espetáculo. Para isso, o educador deve dispor de recursos que auxiliem o discente na construção do conhecimento histórico, para que ao final ele possa “(...) compreender e explicar, historicamente, a realidade em que vive” (SCHMIDT; CAINELLI, 2009, p. 53), percebendo que o que é ensinado de história faz sentido com sua vida.

Elisabeth Weber Medeiros (2007) diz que a ampliação no conceito de fonte histórica, juntamente com a revolução tecnológica ocorrida no final do século XX, gerou, de certa forma, um grande apelo por mudanças na maneira de ensinar história, fazendo com que muitos professores desta disciplina buscassem transformar as aulas meramente expositivas em um ensino mais dinâmico, procurando relacionar o cotidiano do aluno com acontecimentos passados. Deste modo, o professor de história passou a buscar novas fontes e linguagens, diferentes materiais didáticos e metodologias de ensino-aprendizagem para utilizar em suas aulas (MEDEIROS, 2007). Sobre o tema, Núcia Alexandra Silva de Oliveira (2012) pontua que:

é possível dizer que, hoje, é quase uma unanimidade entre professores em formação a necessidade de usar novas linguagens e tecnologias, seja como instrumento de trabalho (aqui estou considerando o uso do Data Show) ou ainda como fonte de investigação (considera-se, neste caso, a escolha de trechos de filmes, sites, blogs, etc.) (OLIVEIRA, 2012, p. 264).

Essa necessidade é atribuída ao grande apelo em inserir diferentes materiais e metodologias nas aulas para despertar a atenção do aluno e tornar o ensino mais dinâmico e atrativo. Nesse cenário, concordamos com Medeiros (2007) ao afirmar que é um grande desafio saber utilizar bem os diferentes e variados recursos didáticos que existem, já que a escolha adequada do material que se pretende usar e que se relacione com o conteúdo trabalhado, é de extrema importância para se desenvolver uma boa aula e alcançar o objetivo que se propõe.

Foi na intenção de ampliar o conhecimento sobre as diferentes linguagens para o ensino de história que participamos do minicurso “Quadrinhos e Ensino de História”, oferecido durante a V Jornada Acadêmica da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), realizada em 2016, na cidade de Santarém-PA, curso ministrado pelo Prof. Dr. Douglas Mota Xavier de Lima. O referido minicurso teve por objetivo apresentar aos participantes algumas possibilidades de utilizar as histórias em quadrinhos como material de apoio para o ensino de história, tendo explorado obras sobre o Holocausto, a Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria, o Descobrimento do Brasil, entre outros temas. A partir do curso surgiu o interesse em pesquisar as histórias em quadrinhos<sup>1</sup> (HQs) e sua relação com ensino de história, já que elas a muito tempo fazem parte do cotidiano das crianças e jovens, constituindo um recurso de pouca rejeição e fácil aceitação pelos alunos, além de possibilitarem diversos usos para o ensino.

A pesquisa se estruturou em diferentes etapas. Primeiramente, elaborou-se levantamento bibliográfico acerca das relações das HQs com a cultura de massa, com a educação e com o ensino de história. Essa etapa procurou mapear o desenvolvimento da linguagem dos quadrinhos no século passado; caracterizar a presença desta linguagem no ambiente escolar; estabelecer as contribuições dos quadrinhos para a aprendizagem na educação básica; compreender como os historiadores lidaram com as HQs, seja como documento ou como recurso didático; e identificar possíveis usos delas nas aulas de História. Com o levantamento e a revisão bibliográfica, observou-se que existem poucos estudos sobre a temática no campo do ensino de história, ainda que em termos de indústria cultural as HQs continuem a apresentar um crescimento vertiginoso, em especial no Brasil.

---

<sup>1</sup> No Brasil é muito comum utilizar a denominação história em quadrinhos ou gibis, no entanto, dependendo do país o nome pode variar. Nos Estados Unidos é conhecida como *Comics*, no Japão como *Mangá*, como *Banda Desenhada* em Portugal, *Tebeos* na Espanha, *Fumetti* na Itália e *Historietas* na Argentina. Porém, todas as denominações se referem a forma de arte que narra uma história através da junção de imagem e texto, distribuídos em quadros sequenciais. Por isso, os quadrinhos também podem ser chamados de arte sequencial, definição criada por Will Eisner para explicar a forma de apresentar informações em sequência gráfica.

Durante as leituras tivemos acesso a pesquisa desenvolvida por Marcelo Fronza<sup>2</sup>, na qual o autor buscou compreender de que maneira alunos do ensino médio expressavam suas consciências históricas ao construírem narrativas através da elaboração de histórias em quadrinhos. O trabalho desenvolvido por Fronza despertou nossa atenção, ao ponto que buscamos reproduzir, em parte, a investigação feita por ele.

O presente trabalho está inserido no campo de investigação da Didática da História, área que tem ganhado força nas últimas décadas. Isso se deve, em parte, ao apelo de transformar a disciplina de História em algo que os alunos possam relacionar ao seu cotidiano. No Brasil, este campo vem se ampliando especialmente em torno da produção do teórico alemão Jörn Rüsen, que em seus escritos apresenta importantes contribuições para as pesquisas que envolvem a Didática da História. Sobre isso, Raphael Guilherme de Carvalho (2014) aponta que:

Em relação à didática da história, em especial, têm sido traduzidos e publicados textos de Rüsen na área, muito em razão das iniciativas do Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica (LAPEDUH/UFPR). São os casos de *Jörn Rüsen e o ensino de História*, organizado por M. A. Schmidt, I. Barca e E. R. Martins (Editora UFPR, 2010); e do presente *Aprendizagem histórica: fundamentos e paradigmas*, também publicado em Curitiba-PR, em 2012. (CARVALHO, 2014, p. 398)

Partindo das considerações de Jörn Rüsen, trabalhamos em nossas investigações com o conceito de “consciência histórica” defendido pelo autor. O conceito está diretamente ligado ao “aprendizado histórico” que, por sua vez, é objeto de investigação da Didática da História. Esta tem por objetivo investigar o aprendizado histórico e como ele é utilizado na vida prática dos indivíduos, ou seja, se preocupa com a construção do conhecimento histórico e o uso que se faz com o que é aprendido de História. Portanto, analisa:

todas as formas e funções do raciocínio e conhecimento histórico na vida cotidiana, prática. Isso inclui o papel da história na opinião pública e as representações nos meios de comunicação de massa; ela considera as possibilidades e limites das representações históricas visuais em museus e explora diversos campos onde os historiadores equipados com essa visão podem trabalhar. (RÜSEN, 2011, p. 32).

---

<sup>2</sup> Nosso primeiro contato com os trabalhos do autor foi através de seu artigo “As narrativas históricas gráficas como expressão da aprendizagem histórica de jovens estudantes do ensino médio: perspectivas da educação histórica”, publicado no ano de 2015, na Revista História Hoje, que é uma revista de publicação semestral da Associação Nacional de História (ANPUH) dedicada a publicar temas voltados para a área da história, ensino de história e formação docente. Em levantamento sobre as pesquisas desenvolvidas por Fronza, descobrimos que este artigo é uma síntese de sua tese de doutorado intitulada “A intersubjetividade e a verdade na aprendizagem histórica de jovens estudantes a partir das histórias em quadrinhos”, defendida em 2012, na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Ao longo do trabalho, usaremos os apontamentos do artigo, tendo em vista consistirem na síntese das ideias presentes na tese.

O aprendizado histórico defendido por Jörn Rüsen seria um processo cognitivo construído através das experiências do sujeito no meio em que vive. E é a partir desse aprendizado que se desenvolve a habilidade de orientar-se temporalmente, formando assim, a consciência histórica.

De acordo com Rüsen, a consciência histórica é a forma como o indivíduo experiencia e interpreta o passado como história e, a partir de sua referência, torna-o presente, capaz de orientar-se a partir dele no seu cotidiano. Deste modo:

a consciência histórica pode ser descrita como a atividade mental da memória histórica, que tem sua representação em uma interpretação da experiência do passado encaminhada de maneira a compreender as atuais condições de vida e a desenvolver perspectivas de futuro na vida prática conforme a experiência. (RÜSEN, 2011, p. 112)

Para Rüsen, a consciência histórica é inerente a condição humana, não sendo algo que apenas uma pessoa ou grupo detenha. Dessa forma, todos os sujeitos seriam dotados de consciência histórica, porém, nem todos a constroem da mesma forma, por isso existem diferentes perspectivas históricas entre os indivíduos. A partir desta afirmação, Rüsen aponta que existem quatro tipos de consciências históricas: a tradicional, a exemplar, a crítica e a genética. Segundo Schmidt; Barca e Martins (2010), com base nos estudos de Jörn Rüsen, os quatros tipos podem ser sintetizados da seguinte maneira:

modo tradicional, quando a consciência histórica está condicionada unicamente pelos dados da tradição, uma repetição do modelo cultural vigente de modo inconsciente; modo exemplar, quando substituímos as tradições por regras gerais e atemporais como substância da constituição de sentido prático, as experiências do passado representam e personificam regras gerais de conduta humana; modo crítico, quando a consciência histórica executa uma ruptura com os modelos culturais vigentes, numa negação de sua validade, a partir de uma “contranarrativa” do passado; e o modo genético, no qual a memória histórica ao recuperar as experiências do passado, insere nelas a possibilidade de mutabilidade, de se desenvolverem, ou seja, que a realidade passada possui uma temporalidade, e que os modelos culturais podem se transformarem, e que distintos pontos de vistas podem coexistir (SCHMIDT; BARCA; MARTINS, 2010 apud BAROM; CERRI, 2011, p.7).

Mesmo sendo distintos, os quatro tipos estão ligados, sendo um pré-requisito para que o outro venha surgir, mas isso não significa que eles se excluam, pois, cada tipologia “corresponde a uma condição necessária, a qual deve ser feita se a vida humana encontrar o seu caminho no curso do tempo” (RÜSEN, 2011, p. 102). Com isso, um tipo de consciência histórica será ativado sempre que um outro estiver em curso. No entanto, um tipo será dominante e o outro secundário, dessa forma “não seriam padrões evolutivos da consciência, mas que coexistiriam e seriam mobilizados conforme a necessidade e situação em que a pessoa se encontra.” (BAROM; CERRI, 2011, p. 8).

A consciência histórica é a maneira como interpretamos o passado e damos significado a ele, podendo ser expressa através da narrativa histórica. Ela é um meio pelo qual os sujeitos podem manifestar “as suas compreensões do passado histórico e consciencializarem progressivamente a sua orientação temporal de forma historicamente fundamentada” (SCHIMIDT; BARCA; GARCIA, 2011, p. 12). Com isso, pode-se dizer que através da narrativa histórica podemos reconhecer as particularidades da consciência histórica.

Acreditamos que todo indivíduo tem conhecimento prévio de história, concebido a partir da vivência na sociedade em que está inserido. Portanto, o discente ao chegar na sala de aula já tem sua própria concepção histórica. Diante disso, ele pode demonstrar seu conhecimento e sua opinião sobre determinado fato histórico quando constrói uma narrativa, por exemplo, através das histórias em quadrinhos, e, conseqüentemente, demonstra o tipo de consciência histórica predominante sobre este fato. Assim, HQs produzidas por alunos tornam-se fontes históricas de grande potencial, pois nelas estão contidas as concepções de história de quem as produziu, oferecendo informações específicas que dificilmente estariam disponíveis em qualquer outro documento.

Analisar as produções feitas por um determinado grupo de estudantes, possibilita verificar qual o tipo de consciência histórica esses sujeitos estão desenvolvendo. Sendo assim, concordamos com Marcelo Fronza (2015) quando ele argumenta que “a narrativa gráfica é uma das conceitualizações estruturantes das histórias em quadrinhos, e isso possibilita que os jovens desenvolvam a capacidade de reconstruir suas ideias na forma de uma narrativa” (FRONZA, 2015, p. 83). Mas não só isso, a produção desse tipo de fonte pelos alunos possibilita verificar o conhecimento deles sobre várias disciplinas, já que com as HQs pode-se desenvolver um trabalho interdisciplinar, sendo necessário o educando possuir conhecimentos de variadas disciplinas para construir uma atividade com histórias em quadrinhos. Destarte, além do foco principal da pesquisa que é a área de História e o seu ensino, ao longo do estudo também estaremos considerando o conhecimento dos discentes sobre Língua Portuguesa e Artes, na tentativa de entender se a dificuldade em uma dessas disciplinas pode atrapalhar o desenvolvimento do trabalho dos alunos ao produzirem suas HQs sobre a Independência do Brasil.

Tendo em vista as contribuições dos quadrinhos para o ensino e para o ensino de história, tal como proposto pela literatura especializada, e partindo dos estudos de Marcelo Fronza, procurou-se estruturar a pesquisa em torno da elaboração de quadrinhos por alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual da cidade de Santarém/PA. Objetivou-se que o trabalho viesse a promover a interdisciplinaridade, estimular os estudantes a

desenvolverem a competência de representar e comunicar, associando a adaptação temática, o roteiro e a produção da HQ. A atividade estruturou-se com base nas referências de Jörn Rüsen (2011) sobre a Didática da História e, especificamente, a noção de “consciência histórica”, além de mobilizar os aportes, em especial, dos trabalhos de Marcelo Fronza (2015) e Túlio Vilela (2014), que oferecem apontamentos teóricos e práticos para produção de HQ nas escolas, particularmente nas aulas de História.

A seleção da escola para a atividade levou em consideração o contato prévio estabelecido durante as ações do Estágio Supervisionado com o ambiente escolar e os docentes de História, sendo a instituição escolhida a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Rio Tapajós. Esta é uma escola pública, localizada na avenida Curua-Una, s/n, bairro Diamantino no município de Santarém-PA, tendo um anexo funcionando na Escola Municipal Francisco Pereira Chaves, situado na Comunidade de Boa Esperança, Km 40 do mesmo município. De acordo com o Projeto Político e Pedagógico da escola, com vigência entre os anos 2015 a 2018, o educandário tem como data de fundação 03 de outubro de 1998, iniciando suas atividades educacionais no ano de 1999. Atualmente a escola funciona com os níveis de ensino: Fundamental Regular, Médio Regular e EJA. Possui 60 turmas distribuídas nos três turnos e atende a 2220 alunos na escola sede e a cerca de 130 alunos do Ensino Médio, no anexo. A escola sede atende alunos com faixa etária entre 10 e 50 anos, distribuídos nos turnos manhã, tarde e noite, e nos diferentes graus de ensino.

O educandário tem um espaço amplo e bem dividido, sendo arborizado e com bancos distribuídos pelo jardim. Porém, suas dependências físicas necessitam de reforma, pois apresentam desgaste na estrutura e no mobiliário utilizado nas salas de aula, estando sem condições de uso pelos alunos e professores. Ressalta-se ainda que as salas são pouco iluminadas e pouco arejadas, sendo utilizados ventiladores em estado de deterioração que emitem muitos ruídos, atrapalhando o andamento das atividades. Com isso, destacamos que há um desconforto para os alunos, o que afeta diretamente no aprendizado.

A atividade de produção de quadrinhos foi definida após o contato prévio com a professora responsável pela disciplina de História nas turmas de 8º do ensino fundamental e realizada nos dias 18 e 25 de outubro de 2017. Após apresentar o projeto a docente, definimos a turma, dias e horários em que este seria aplicado. Nos foi disponibilizado três aulas, com 40 minutos cada, para o desenvolvimento da atividade e construção das HQs. Selecionamos a turma do 8º ano D do ensino fundamental, composta por 35 alunos, com faixa etária entre 13 e 15 anos. A escolha motivou-se porque as aulas de História da turma ocorrem nos primeiros

horários, dessa forma, o andamento do trabalho teria pouca interferência nas aulas de outros componentes curriculares e poderia resultar num melhor desempenho dos alunos.

Aproveitando o conteúdo estudado nas aulas de História, optou-se por trabalhar com uma temática norteadora para a produção dos quadrinhos, sendo o tema escolhido A Independência do Brasil. A escolha também levou em consideração que à época de elaboração da pesquisa, a temática selecionada estava em voga na mídia, em virtude da telenovela *Novo Mundo*, “novela das seis” da Rede Globo de Televisão, com 160 capítulos exibidos entre março e setembro de 2017. Com base nos apontamentos de Jörn Rüsen, procurou-se observar em que medida a experiência da telenovela e de outros veículos de informação influenciam na consciência histórica dos estudantes.

A atividade de elaboração de quadrinhos foi dividida em dois encontros com o grupo de alunos selecionados. O primeiro consistiu na ministração de uma aula-oficina, denominada “Eu faço história nos quadrinhos”, para familiarizar os alunos na linguagem dos quadrinhos. Como demonstra Waldomiro Vergueiro (2014), as HQs possuem uma linguagem específica sendo constituídas por “um sistema narrativo composto por dois códigos que atuam em constante interação: o visual e o verbal” (VERGUEIRO, 2014, p. 31). Sendo assim, essa etapa foi necessária para que o aluno pudesse decodificar as mensagens presentes nas HQs.

O segundo encontro foi destinado a produção dos quadrinhos. Foram distribuídos igualmente aos alunos materiais como folhas de papel A4 branca, lápis, borracha, canetinhas coloridas e lápis de cor, necessários para a construção de suas narrativas em quadrinhos. Os alunos construíram suas narrativas a partir da seguinte colocação: “Desenhe em forma de história em quadrinho a sua versão sobre a Independência do Brasil”.

Entendemos que através das narrativas históricas, construídas em forma de quadrinhos, podemos reconhecer as particularidades da consciência histórica de quem as produziu. Deste modo:

Pela análise de uma narrativa histórica ganha-se acesso ao modo como o seu autor concebe o passado e utiliza as fontes, bem como aos tipos de significância e sentidos de mudança que atribui à história. Ela espelha por isso, tácita ou explicitamente, um certo tipo de consciência histórica, isto é, as relações que seu autor encontra entre o passado, o presente e, eventualmente, o futuro, no plano social e individual. (SCHMIDT; BARBA; GARCIA, 2011, p. 12)

Por isso, no que pese as potencialidades do trabalho em grupo, optamos em desenvolver a pesquisa com a construção de narrativas individuais, por acreditar que os diferentes sujeitos possuem sua própria concepção dos fatos históricos e, portanto, suas interpretações e significados sobre eles são específicos. Dessa maneira, se uma narrativa fosse

desenvolvida por mais de um aluno, possivelmente, o conhecimento histórico de um sobre a Independência do Brasil teria influência sobre o outro, e assim, poderia interferir na sua consciência histórica, sendo difícil saber o quanto os pontos de vista se distinguem e qual tipo de consciência histórica predomina entre os estudantes investigados.

Este trabalho foi dividido em dois capítulos. O primeiro *Histórias em quadrinhos, educação e ensino de história*, tem o objetivo de identificar as principais transformações ocorridas nas HQs ao longo do século XX e discutir a relação entre Quadrinhos e Educação, com destaque ao ensino de história. Para isso, inicia-se com um breve panorama do desenvolvimento dos quadrinhos no século passado, internacionalmente e no Brasil, mapeando a diversidade de produção, os principais temas e as mudanças na arte sequencial. Num segundo momento, aborda-se a relação entre HQs e a Educação, problematizando a linguagem dos quadrinhos e, principalmente, as reflexões sobre os usos das HQs no ensino de história. Para essa discussão, utilizou-se, em especial, os trabalhos de Vergueiro (2014), Vilela (2014), Bonifácio (2005), Bonifácio e Cerri (2005) e Lima (2017).

O segundo e último capítulo, intitula-se “*Eu faço história nos quadrinhos*”, e tem o objetivo de analisar os quadrinhos produzidos pelos estudantes. O capítulo estrutura-se na relação entre a produção citada e os conceitos de Rüsen, destacadamente no que se refere às concepções de história, trazendo diferentes exemplos do material elaborado pelos estudantes. Primeiramente, apresenta-se o diagnóstico geral a partir das HQs, problematizando a relação do material com a Língua Portuguesa, as Artes e a História. Num segundo momento, analisa-se a produção com base nos tipos de consciência história de Rüsen.

## CAPÍTULO 1.

# HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, EDUCAÇÃO E ENSINO DE HISTÓRIA

## 1. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: BREVE HISTÓRICO

Em linhas gerais, é comum a referência de que em 1896, com a publicação do personagem fixo semanal popularmente conhecido como *Yellow Kid*, pelo norte-americano Richard F. Outcault, teve lugar o aparecimento dos quadrinhos (MOYA, 1986, p.23). Ainda que não possa ser considerado o primeiro quadrinista e que publicações semelhantes possam ser encontradas anteriormente, inclusive no Brasil, a produção de Outcault fez sucesso, teve produção regular e ajudou a consolidar os quadrinhos nos jornais e como meio de comunicação, em especial através das *daily strips* (tiras diárias) e das *sunday pages* (páginas dominicais)<sup>3</sup>. Nesse quadro, não estaremos concentrando a atenção nos debates sobre as origens dos quadrinhos, buscando tal referência apenas como um ponto de partida para a apresentação do desenvolvimento da nona arte no século passado.

Ao longo das primeiras décadas do século XX predominou o quadrinho estilizado, com histórias marcadamente humorísticas, o que levaria ao nome internacionalmente conhecido das obras, *comics*. Data desse contexto a criação dos *syndicates*<sup>4</sup>, responsáveis pela publicação e distribuição dos quadrinhos norte-americanos, elemento que iria contribuir para a significativa presença dos EUA na produção e comercialização dos quadrinhos no mundo. Foi nos anos 1930 e 1940, período tido como “era de ouro” dos quadrinhos, que as histórias ganharam uma variedade mais acentuada, abordando especialmente a ficção científica, as aventuras e o tema policial. São desse período, por exemplo, as obras *Fantasma* e *Madrake*, de Lee Falk, *Flash Gordon*, de Alex Raymond, e *Príncipe Valente* e *Tarzan*, de Hal Foster. Acrescenta-se que tais décadas foram marcadas tanto pelo surgimento dos chamados *comic books* (no Brasil conhecidos como “gibis”), revistas que reapresentavam o material das tiras de jornal e que, gradativamente, passaram a produzir material original, como pelo aparecimento dos super-heróis, em geral com histórias associadas à Segunda Guerra Mundial, sendo emblemáticos *Superman*, de Joe Schuster e Jerry Siegel, *Batman*, de Bob Kane, e *Capitão América*, de Jack Kirby e Joe Simon.

<sup>3</sup> Rogério de Campos, em *Imageria: o nascimento das histórias em quadrinhos* (2015), apresenta uma crítica à perspectiva de que *The Yellow Kid* seria a primeira HQ.

<sup>4</sup> A palavra “*syndicates*” não encontra similar em português, não caracterizando um “sindicato” e sendo mais ampla que uma “associação”. Em linhas gerais, pode ser entendida como uma agência especializada em fornecer matérias variadas, particularmente de entretenimento. Sobre o tema, ver: FURLAN, 1984, p. 27-33.

Paralelamente, em 10 de janeiro de 1929, começou a ser publicada por Hergé “As aventuras de Tintin”, como o suplemento semanal *Le Petit Vingtième*. Editada em mais de trinta países, a obra é um dos principais quadrinhos europeus da primeira metade do século passado e exemplo ímpar da relação entre quadrinhos e História, principalmente como expressão do tempo em que foi produzida. Esta orientação pode ser observada em *Tintin no país dos soviets* (1929), com um claro viés anticomunista, e *Tintin no Congo* (1930), que reafirma uma posição colonialista da África (GOIDANICH; KLEINERT, 2014, p. 216-217).

Ponto comum nas obras que traçam um panorama das HQs na primeira metade do século passado, o pós-guerra é visto como período que conheceu o fortalecimento das desconfianças e das críticas aos quadrinhos. Exemplo ímpar dessa tendência foi a publicação de *Seduction of the Innocent* (1954), de Fredric Wertham, psiquiatra alemão radicado nos EUA. A perspectiva defendida na obra indicava que as crianças desenvolviam anomalias através do contato com as histórias em quadrinhos, proposta que serviu de inspiração para campanhas de censura contra as HQs. São desse contexto, por exemplo, as proposições acerca da homossexualidade entre Batman e Robin e sobre o lesbianismo da Mulher-Maravilha.

No bojo dessas críticas surgiram códigos que determinavam a conduta dos profissionais dos quadrinhos, assim como o conteúdo das obras. Tais códigos não se restringiram aos EUA, tendo surgido também nos países europeus e no Brasil, e tiveram como consequência tanto a redução dos editores de HQs, como a limitação das discussões estéticas e pedagógicas das obras (VERGUEIRO, 2014, p. 13-14). Além disso, os quadrinhos foram taxados como instrumentos de lavagem cerebral imperialista, empecilho para a alfabetização, sementes de perversão sexual, entre outras infundáveis desqualificações (CAMPOS, 2015, p. 13). Exemplo desse outro quadro de resistência às HQs é a obra *Para ler o Pato Donald, comunicação de massa e colonialismo* (1971), de Ariel Dorfman e Armand Mattelart, livro que denunciava os personagens Disney por serem promotores da propaganda imperialista norte-americana.

Ainda que a censura aos *comic books* e as exigências dos *syndicates* se fizessem presentes, os anos 1960 e 1970 foram marcados pelo movimento “underground”, caracterizado por associar inúmeros artistas contrários às normas impostas ao universo da produção em quadrinhos. O movimento abriu espaço aos quadrinhos adultos, às protagonistas femininas, aos romances em quadrinhos, entre outras frentes que avançaram no rompimento com a censura imposta pelos códigos (GOIDANICH, 2014, p. 11). Do mesmo modo, não se pode esquecer que os anos 1960 e 1970 também conheceram tanto a afirmação dos super-heróis na produção norte-americana, como a solidez e a diversificação dos quadrinhos fora dos EUA, manifestos,

por exemplo, na fundação do *Club des Bandes Dessinées* (1962) e na realização do *Primer Congreso sobre Comics* (1965), na Itália (VILCHES, 2014).

A importância dos anos 1960 foi reafirmada recentemente pela obra *Quadrinhos: história moderna de uma arte global* (2014), na qual Alexander Danner e Dan Mazur escolhem o ano de 1968 como um marco na história dos quadrinhos. Para os autores, a partir desse período as HQs passaram a se afastar do público infantil, alcançando um público mais maduro através de publicações mais sofisticadas e que abordavam temas ligados à contracultura. *Barbarella*, de Jean-Claude Forest, é expressão desse contexto, trazendo uma obra de ficção científica voltada ao público adulto e que abordava a liberação sexual da mulher. Acrescentamos que foi na década de 1960 que nomes como Andy Warhol e Roy Lichtenstein tornaram-se ícones do que seria conhecido como *pop art*. Com destaque para Lichtenstein, que em seus trabalhos inspirava-se nas histórias em quadrinhos, os pintores norte-americanos contribuíram para que as HQs e outros meios de comunicação em massa passassem a ser encarados como “arte”.

Em linhas gerais, os anos 1980 foram um novo momento de revigoração do universo das HQs. Voltados a um público de faixa etária e gostos variados, os quadrinhos também se afirmaram pelas *graphic novels* (“romances gráficos”) e por produções mais autorais, as *art comics*. Nesse cenário, Goidanich considera que “decadente nos jornais, mas explodindo em revistas e nas livrarias, os quadrinhos sobreviveram, em transformação e revolução muito saudáveis” (GOIDANICH, 2014, p. 12). Esse foi o período dos quadrinhos adultos, sendo emblemáticos os casos de *The Dark Knight Returns* (1986), de Frank Miller, *Watchmen* (1986), de Alan Moore e Dave Gibbons, e *Sandman* (1989), de Neil Gaiman.

Waldomiro Vergueiro considera que as *graphic novels* influenciaram positivamente no ambiente das HQs no mundo inteiro, predispondo leitores e críticos a uma nova forma de publicação e a uma nova formulação artística para o gênero. Para o autor:

A nova denominação ajudou a abrir as portas de outros espaços de comercialização e exposição para as produções quadrinísticas, elevando-as a um novo patamar no espectro das criações artísticas no último quarto do século 20 e início do século 21. Mais que isso: como formato de produção, as *graphic novels* tornaram possível quebrar a barreira entre os quadrinhos industrializados e os alternativos, criando condições para um mercado diferenciado, em que a qualidade artística, o aprofundamento psicológico, a ousadia do design e a complexidade temática passaram a ter seu valor melhor equacionado. Pode-se dizer que, a partir delas, as histórias em quadrinhos se firmaram como a 9ª Arte ou como Arte Sequencial (VERGUEIRO, 2009, p.27-28).

Permanecendo nos apontamentos de Vergueiro, observa-se que a partir dos anos 1980 as histórias em quadrinhos afirmaram-se como nona arte, fortalecendo a orientação de publicações autorais voltadas ao público adulto e de minisséries, contribuindo para a exploração

e a abertura de diversos gêneros. Esse é o caso do “jornalismo em quadrinhos”, cuja maior expressão é Joe Sacco e suas obras sobre a Palestina. Vergueiro conclui que se vive no século XXI uma nova idade de ouro dos quadrinhos, marcada pela qualidade das imagens e roteiros, e pela variedade da produção atual. Para o autor, ainda que uma produção industrializada massificante continue a afirmar-se no mercado, encontra-se na atualidade obras que fazem avançar a linguagem dos quadrinhos, não mais situadas no campo alternativo, sendo ainda significativa a ampliação do espaço das HQs nas livrarias e no meio acadêmico.

No que se refere aos quadrinhos no Brasil, também existem controvérsias sobre a primeira obra a ser lançada. Em linhas gerais, entende-se que a revista *O Tico Tico* (1905) foi a pioneira nos quadrinhos nacionais. Ela foi a primeira a trazer regularmente histórias em quadrinhos, sendo editada até os anos 1960. Essa publicação e outras comuns nas primeiras décadas do século XX – por exemplo, os suplementos dos jornais *A Gazeta* e *A Nação* –, foram marcadas pela orientação voltada ao humor, tendo uma influência múltipla, tanto do modelo das publicações francesas e inglesas, como das norte-americanas.

Em finais dos anos 1920 e na década de 1930, a linguagem e o formato dos quadrinhos estadunidenses passaram a orientar de forma mais significativa a produção nacional. Esta tendência se expressa principalmente na criação do *Suplemento Juvenil* (1934) pelo jornalista e editor Adolfo Aizen, que ampliou o contato do público brasileiro com os heróis norte-americanos, como *Flash Gordon* e *Mandrake*. Anos depois, em 1937, Roberto Marinho lançaria *O Globo juvenil*, mantendo-se na tendência indicada. Esta publicação gradativamente polarizou o mercado de quadrinhos brasileiro, seguida da edição da revista *Gibi* (1939), que acabaria por torna-se sinônimo dos quadrinhos no Brasil. Tal disputa de mercado ampliou-se nos anos 1940 e 1950, com a afirmação do formato revista, com a Fundação da Editora Brasil-América (EBAL), em 1947, por Adolfo Aizen, e com as primeiras publicações de *Mickey* e *O Pato Donald*, por Victor Civita, iniciando o que seria a Editora Abril.

Retomando a importância da adoção do modelo norte-americano no período, Waldomiro Vergueiro e Roberto dos Santos afirmam que:

É possível perceber a influência dos *comics* norte-americanos sobre a edição de quadrinhos no Brasil, e não só pelas tiras republicadas por aqui, mas, principalmente, nas mudanças introduzidas na linguagem das narrativas gráficas sequenciais: o quadrinho de humor com histórias curtas e autocontidas dá lugar aos enredos de aventura, serializados em vários capítulos. O modelo então vigente, derivado do quadrinho europeu, em que as legendas eram colocadas sob as vinhetas, foi paulatinamente substituído pelo americano, que emprega os balões de fala para os diálogos e os recordatórios para textos narrativos e passagens de tempo e espaço (VERGUEIRO; SANTOS, 2014, p. 180).

Paralelamente, chama-se atenção para algumas tendências das publicações dos anos 1950 e 1960 diferentes das revistas citadas até o momento. Em primeiro lugar, a edição de adaptações literárias estrangeiras e nacionais, exemplificadas por *Edição maravilhosa* e *Álbum gigante*. Em seguida, observa-se o viés de produção de obras biográficas acerca de personagens da história brasileira, como aparece em *Grandes figuras*, responsável por volumes sobre Tiradentes, Rui Barbosa e Getúlio Vargas. Ainda numa perspectiva de caráter pedagógico da produção, encontra-se a publicação da *História do Brasil em quadrinhos*. Tais obras apresentavam um caráter zeloso com a história nacional, criando ainda uma aura moral e educacional para as histórias em quadrinhos (VERGUEIRO, 2004, p. 198).

Em síntese, as décadas de 1950 e 1960 consolidaram os quadrinhos enquanto produto cultural lucrativo, sendo ainda marcadas pelo engajamento na defesa dos quadrinhos nacionais. Esse foi o período dos primeiros trabalhos de Ziraldo, com *Pererê*, e de Maurício de Sousa, com os personagens da *Turma da Mônica*, que fortaleceram a tendência de quadrinhos infantis nas décadas seguintes. No entanto, nota-se que em meados do século passado o modelo de publicação representado pela revista *Gibi* encontrava-se em exaustão, sendo lentamente superado por outras fórmulas editoriais, além de permanecer uma desconfiança de pais e educadores sobre as HQs (VERGUEIRO; SANTOS, 2014, p. 190).

Convém destacar que nesse período os quadrinhos passaram a se fazer presentes no cenário das artes nacionais e do meio acadêmico, como exemplificam a I Exposição Internacional de Histórias em Quadrinhos na cidade de São Paulo (1951) e a publicação da Revista *Quadreca*, ligada à professora Sônia Luyten, em 1977. Nos anos seguintes, essa tendência ainda deu lugar à fundação do Observatório de Quadrinhos, ligado ao professor Waldomiro Vergueiro na ECA/USP, e ao grupo de pesquisa em humor, quadrinhos e games, do mestrado em Comunicação da UFPB, assim como a realização de três bienais de quadrinhos no Rio de Janeiro, nos anos 1990, e das Jornadas Internacionais de histórias em quadrinhos, em 2011, 2013, 2015, 2017 e 2018 em São Paulo.

Como demonstra Paulo Ramos, considerando o cenário nacional no século XXI, as editoras têm investido em obras no formato livros, mirando leitores mais maduros e com maior poder aquisitivo. Ramos pontua, por exemplo, a importância da Panini no mercado nacional de HQs, iniciada com a aquisição dos direitos de publicação dos heróis Marvel e DC Comics, e seguida com o contrato com Maurício de Sousa, que garantiu a publicação da clássica *Turma da Mônica* e de sua versão renovada *Turma da Mônica Jovem*, considerada um fenômeno editorial, com cerca de 400 mil exemplares por mês. O autor também destaca a crescente presença dos mangás e das adaptações literárias, a diversificação dos títulos publicados e

traduzidos no Brasil, a abertura para a maior presença de trabalhos autorais e a maior aproximação entre os quadrinhos e o meio acadêmico (RAMOS, 2012, p. 7-9).

Num plano geral, o panorama apresentado confirma que as HQs estão em plena expansão, seja no mercado editorial, seja na conquista de novos leitores e na exploração de novas temáticas. Diante desse breve panorama, cabe observar a relação das Histórias em Quadrinhos com a Educação.

## 1.2. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E EDUCAÇÃO

É certo que atualmente as histórias em quadrinhos têm ganhado espaço na sala de aula, mas para isso acontecer foi percorrida uma longa trajetória até sua aceitação como recurso didático. Somente a partir da segunda metade do século passado, superando as resistências e desconfianças a respeito de sua leitura pelo público infanto-juvenil, que as HQs passaram a ter seu caráter pedagógico reconhecido, sendo então utilizadas como material de apoio para conteúdos escolares. No entanto, mesmo que o uso de quadrinhos seja atualmente bem aceito e utilizado por professores de várias disciplinas, a arte sequencial como recurso didático é discutida, na maioria das vezes, nas produções que abordam a inserção de novas linguagens no ensino da educação básica e dificilmente é analisada a partir de disciplinas específicas. Dessa maneira, a produção historiográfica sobre as histórias em quadrinhos levou em consideração sua relação com a cultura de massa e com a educação. A partir disso, apresentaremos neste tópico algumas das referências utilizadas como leitura para a construção desta monografia.

Dentre os trabalhos que buscam relacionar o uso de HQs com o ensino, podemos destacar a obra organizada por Ângela Rama e Waldomiro Vergueiro *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*, na qual os autores reúnem inúmeros artigos que apresentam possibilidades do uso das HQs em diferentes disciplinas. No capítulo “Uso das HQs no Ensino”, Vergueiro apresenta a trajetória dos quadrinhos, abordando desde o surgimento destes até a sua aceitação como ferramenta didática no ensino da educação básica. Ele pontua que foi somente na segunda metade do século XX que as Histórias em quadrinhos passaram a ser vistas como “elemento de destaque do sistema global de comunicação e como uma forma de manifestação artística com características próprias” (VERGUEIRO, 2014, p. 17). Com isso, passaram a ser alvo de análise por intelectuais que acreditavam em seu potencial pedagógico.

Desde os anos 1980 as análises relativas aos quadrinhos e ao saber histórico têm se ampliado no Brasil, merecendo destaque os trabalhos de Zélia Lopes da Silva, Marco Aurélio Pereira, Sônia Bide Luyten, Waldomiro Vergueiro e Paulo Ramos. Vergueiro e Ramos, em

*Quadrinhos na Educação: da rejeição à prática* (2009), argumentam que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, ao apontar para a necessidade de inserção de novas linguagens e manifestações artísticas nos ensinos fundamental e médio, ampliou as possibilidades de utilização dos quadrinhos no ensino, mas foram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), lançados em 1997, que colocaram as HQs diretamente nas salas de aula.

Consoante os autores, igualmente significativo para a promoção dos quadrinhos no ensino foi a publicação do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) de 2006. Criado em 1997 e responsável pela compra de obras e pela distribuição pelas escolas de ensino fundamental e médio, o Programa pautava-se, prioritariamente, na distribuição de livros literários, mas em 2006, pela primeira vez foram incluídas obras em quadrinhos, sendo nesse ano comprados 225 títulos, dos quais dez (10) eram histórias em quadrinhos.

As aquisições de 2006 e de 2008 pautaram-se pela orientação de que os quadrinhos são gêneros literários e pela ênfase em adaptações de obras clássicas da literatura universal. Outro aspecto ressaltado por Vergueiro e Ramos é a existência de uma interpretação do governo federal, manifesta na seleção e na distribuição das HQs pelo ensino fundamental e médio, de que os quadrinhos são mais indicados à realidade do ensino básico. Mesmo com a aquisição de obras para o Ensino Médio a partir de 2009, a crítica trazida pelos autores é que, por mais que sejam indiscutíveis os avanços alcançados pela inclusão dos quadrinhos nos PNBE desde 2006, as obras continuam a ser encaradas como “ferramenta” que permitem ao estudante alcançar outras formas de leitura, criando, assim, uma hierarquização de leitura. Defendem que é necessário “que o programa se afaste da interpretação de que quadrinhos são um gênero literário e que passem a ser avaliados pelo conteúdo que apresentam, bom ou ruim, como uma linguagem autônoma” (VERGUEIRO; RAMOS, 2009).

Em linhas gerais, a orientação do programa continuou a favorecer as adaptações literárias, no entanto, Paulo Ramos considera que, mesmo enfrentando resistências desde 2009, o PNBE passou a agregar um número cada vez maior de obras em quadrinhos, tanto para o ensino fundamental, como para o ensino médio e a educação de jovens e adultos (RAMOS, 2012, p. 223-240).

Para além da incorporação dos quadrinhos no ambiente escolar através da política pública, cabe lembrar outros fatores que também contribuíram para tal cenário. Primeiramente, a crescente presença dos quadrinhos no meio acadêmico (VERGUEIRO, 2005), o interesse universitário e o avanço da promoção de encontros e outras atividades relacionadas ao universo HQ. Segundo Bonifácio e Cerri:

Este interesse acadêmico por diferentes linguagens deve-se, em parte, à compreensão de que a escola não é mais a única instituição capaz de informar o indivíduo, mas que interage com inúmeros outros meios, podendo então, caracterizar-se como uma instância de singular valor político e pedagógico, na medida em que possibilite uma ampliação e articulação com os saberes disponíveis socialmente. (BONIFÁCIO; CERRI, 2005, p. 1)

De acordo com os elementos apresentados até o momento, a inserção de diferentes linguagens capazes de auxiliar no processo de ensino-aprendizagem ocorreu de forma gradativa no espaço escolar e, atualmente, os professores contam com diferentes recursos didáticos, entre eles as histórias em quadrinhos.

Como exposto anteriormente, os quadrinhos percorreram um longo caminho de suspeitas e rejeição até serem aceitos como importante ferramenta de aprendizagem para a promoção de um ensino mais dinâmico e agradável. Pesquisas constataam que este recurso, quando bem utilizado, pode “se efetivar como uma linguagem, capaz de desenvolver o hábito e o interesse do aluno pela leitura, além de fomentar atitudes críticas e habilidades criativas, tornando, assim, o ensino da disciplina mais fácil e prazeroso” (SILVA JÚNIOR; RODRIGUES, 2013, p. 71).

Diante disso, Valdomiro Vergueiro (2014) enumera possíveis vantagens que podemos alcançar ao utilizar quadrinhos na sala de aula: a motivação dos alunos em relação ao que é trabalhado na sala de aula; a junção de textos e imagens são grandes aliados para potencializar o entendimento de conceitos; as HQs possuem inúmeras e variadas informações que podem ser facilmente analisadas e debatidas, já que a linguagem dos quadrinhos é facilmente assimilável pelos estudantes; possibilitam a ampliação do leque de meios de comunicação dos alunos, por geralmente utilizar linguagem textual e visual, como também variados recursos linguísticos; incentivam o desenvolvimento do hábito de leitura e enriquecem o vocabulário de seus leitores; aguçam a imaginação e incentivam a análise e a compreensão de textos; podem ser usadas em qualquer nível escolar; e que as HQs têm um caráter globalizador, pois abordam temas que não necessitam de conhecimentos aprofundados para serem entendidos.

Podemos acrescentar a todas essas vantagens enumeradas por Vergueiro, que utilizar as histórias em quadrinhos como recurso pedagógico garante a interdisciplinaridade, pois a HQ:

constitui-se em uma alternativa capaz de atender às diferenças do aluno criando um ambiente de trabalho amistoso e atraente. Seu uso envolve o intercâmbio de disciplinas, tais como artes visuais (desenho, animação, uso da linguagem não verbal), português (história, sequência de ações, inserção de onomatopeias, diálogos), além da disciplina do tema transversal abordado. (NEVES, 2012, p. 8)

A lista dos benefícios que os usos das HQs no ensino podem proporcionar é bem numerosa. Contudo, é interessante lembrar que uma das maiores vantagens em se usar as histórias em quadrinhos como recurso didático é a facilidade de sua aquisição, além do baixo custo. Dessa forma, destacamos que para utilizar os quadrinhos com fins pedagógicos não é necessário que as HQs sejam exemplares novos, sendo possível adquirir nas lojas especializadas em produtos usados, os famosos “sebos”, e/ou através de doações.

Outro importante motivo para se usar os quadrinhos no espaço escolar, é o fato deles estarem presentes no cotidiano dos alunos, sendo então, bem aceito pela maioria dos estudantes. Assim, concordamos que “as histórias em quadrinhos são, entre todas as formas artes, a mídia mais popular entre os estudantes de qualquer nível de educação.” (PESSOA, 2006, p. 3).

São muitas as razões para utilizar as HQs no ensino, porém, não devemos acreditar que elas, assim como qualquer instrumento didático, sejam capazes de resolver sozinhas os problemas que se colocam durante o processo de ensino e aprendizagem. Diante disso, Vergueiro alerta que:

Os quadrinhos não podem ser vistos pela escola como uma espécie de panaceia que atende a todo e qualquer objetivo educacional, como se eles possuíssem alguma característica mágica capaz de transformar pedra em ouro. Pelo contrário, deve-se buscar a integração dos quadrinhos a outras produções das indústrias editorial, televisiva, radiofônica, cinematográfica etc., tratando todos como formas complementares e não como inimigas ou adversárias na atenção dos estudantes. (VERGUEIRO, 2014, p. 27)

O professor, ao inserir HQs em suas aulas deve lembrar que elas são apenas mais uma alternativa para incentivar a aprendizagem e que devem ser associadas a outras metodologias. Dessa forma, o educador necessita ter os mesmos cuidados que teria com outros recursos didáticos, tendo que fazer um bom planejamento ao inseri-lo no cronograma de suas aulas, para que possa ser aproveitado o máximo de seus benefícios e que se alcance o objetivo primeiro quando utilizamos quadrinho na sala de aula, que é auxiliar na aprendizagem do conteúdo e não simplesmente tornar a aula mais atrativa ou um momento de lazer para os alunos.

Considerando que a maioria das obras não é desenvolvida para fins didáticos, é necessário que o docente tenha cuidado durante o planejamento de ensino na seleção da HQ. É fundamental que essa seleção esteja ligada “à identificação de materiais adequados – tanto em termos de temática como de linguagem utilizada –, à idade e ao desenvolvimento intelectual dos alunos com os quais se deseja trabalhar” (VERGUEIRO, 2014, p.27). Isso não significa

que o docente precise se tornar um especialista em histórias em quadrinhos. No entanto, é importante que o professor se aproprie da linguagem para que possa desenvolver um trabalho adequado, pois quem tem o interesse em diversificar seu trabalho deve “saber um mínimo sobre as especificidades das diversas linguagens ou recursos que pretende utilizar em seu trabalho docente.” (VILELA, 2012, p. 41).

Vergueiro, no capítulo “A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária”, faz uma apresentação sobre a linguagem que é utilizada nos quadrinhos, explicando de forma simples e clara o que significa cada código próprio da narrativa quadrinhística, destacando que, antes de se trabalhar com tal material, deve-se conhecer minimamente sua linguagem para que se possa aproveitar o máximo dos benefícios que os quadrinhos proporcionam. Considerando, conforme os autores, que conhecer os códigos utilizados na linguagem das HQs é indispensável ao desenvolvimento de atividades que envolvam tal material, passa-se a apontamentos sobre algumas características dessa linguagem.

### **1.3. A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS**

Desde o surgimento das primeiras tiras nos jornais, os quadrinhos passaram por muitas modificações e adaptações, até se transformarem no modelo que temos hoje, ou melhor, nos modelos, já que são diversos e variados os gêneros de HQs que existem atualmente no mercado. Assim:

Nos dias atuais ainda há publicações em jornais, mas encontram-se também em outros tipos de veículos, tais como gibis que atendem os mais diversos leitores, revistas voltadas ao lazer das crianças, além de ganharem espaço na mídia televisiva em formato de desenho animado e publicações voltadas como informativo de empresas pública e privadas. (TANINO, 2011, p. 13)

É inegável o grande número de histórias em quadrinhos produzidas para alcançar os consumidores, no entanto, é importante salientar que as características próprias da linguagem dos quadrinhos se mantêm em praticamente todos os gêneros de HQs. Deste modo, independente da narrativa que se escolha para ler, iremos encontrar elementos comuns em todas elas, pois:

as histórias em quadrinhos constituem um sistema narrativo composto por dois códigos que atuam em constante interação: o visual e o verbal. Cada um desses ocupa, dentro dos quadrinhos, um papel especial, reforçando um ao outro e garantindo que a mensagem seja entendida em plenitude. (VERGUEIRO, 2014, p.31)

Dessa forma, a junção de texto e imagem é o que dá particularidade a linguagem das histórias em quadrinhos, e a mensagem contida nelas geralmente é entendida através da interação entre os dois códigos. No entanto, para que se possa ter melhor compreensão da informação passada, os autores dispõem de vários elementos gráficos na construção das narrativas dos quadrinhos. Assim, concordamos com Sonia Tanino (2011) quando ela destaca que para ampliar o entendimento sobre a os códigos usados nas HQs “é preciso conhecer os elementos que formam este repertório para melhor apropriação dessa linguagem” (TANINO, 2011, p. 15). Diante disso, e nos valendo das conceituações de Waldomiro Vergueiro (2014), faremos uma breve apresentação dos elementos que aparecem com mais frequência nos quadrinhos, como o quadro, balão, título, figuras cinéticas, metáforas visuais e onomatopeias.

Ao lermos uma história em quadrinhos, é comum nos deparamos com uma série de ações que ocorrem em espaços demarcados por linhas. Essas demarcações podem ser quadradas, retangulares, circulares ou até mesmo não existirem. Tais espaços são chamados de quadro, quadrinho ou vinheta. Segundo Waldomiro Vergueiro (2014), a vinheta será a menor unidade da narrativa de uma história em quadrinhos. Geralmente é delimitada por linhas, no entanto, a supressão delas não prejudica o entendimento da mensagem, já que diversas vezes “essa linha é facilmente imaginada pelo leitor de forma quase automática, não implicando em qualquer dificuldade adicional para a leitura” (VERGUEIRO, 2014, p. 39). Portanto, entendemos que a linha demarcatória dos quadrinhos não é uma prisão onde toda a história deva ficar condicionada, e a melhor forma de apresentação vai depender da decisão do artista, que muitas vezes utiliza esses mesmos contornos como parte integrante da história.

Dependendo de como esteja sendo apresentada, a linha de contorno do quadro pode nos dar informações importantes. Linhas contínuas e sólidas (Figura 1), representam uma ação no tempo presente. Linhas pontilhadas ou onduladas (em forma de nuvem) (Figura 2), retratam ação ocorrida no passado ou podem representar um sonho, pensamento ou imaginação do personagem.

Figura 1. Exemplo de linha do quadrinho contínua e sólida



Autor do personagem: Mauricio de Sousa

Ano de criação: 1959

Ano de publicação: 2013

Fonte: <http://turmadamonica.uol.com.br/wp-content/uploads/2013/09/distraidodemais-02.jpg>

Figura 2. Exemplo de linha do quadrinho ondulada



Autor do personagem: Mauricio de Sousa

Ano de criação: 1959

Ano de publicação: 2013

Fonte: <http://turmadamonica.uol.com.br/wp-content/uploads/2013/12/no-parquinho-6.jpg>

A fala dos personagens numa história em quadrinhos é apresentada dentro de balões que indicam quem está falando, gritando, sussurrando ou até mesmo pensando. Esta indicação ocorre através de uma extensão chamada rabicho, que liga o balão ao personagem. Vergueiro diz que “pelo balão, as histórias em quadrinhos se transformam em um verdadeiro híbrido de imagem e texto, que não podem mais ser separados. O balão é a intersecção entre imagem e palavra” (2014, p. 56). É necessário atentar-se para a disposição dos balões, posto que num mesmo quadrinho vários personagens podem falar, assim, a leitura dos diálogos devem ocorrer da seguinte forma: o balão que estiver no lado esquerdo superior do quadro deve ser lido primeiro do que os que estiverem dispostos à direita e abaixo (Figura 3). Mas, não é somente na disposição dos balões que devemos nos atentar, pois, como acontece nas vinhetas, a linha que delimita o balão também pode apresentar várias informações diferentes.

Balões com linhas tracejadas, são conhecidos como balão de cochicho e demonstram que o personagem fala em um tom muito baixo (Figura 4). Quando apresentado em formato de nuvem com o prolongamento como bolhas, está representando o pensamento do personagem (Figura 5). Se estiver ligado a outro balão, representa várias falas do personagem com as pausas que ele faz (Figura 6). Se ele possuir vários rabichos, indica que mais de um personagem está falando ao mesmo tempo (Figura 7). Quando apresentado em formato de zig-zag, representa um grito ou uma voz emitida por aparelho eletrônico (Figura 8).

Figura 3. Exemplo de disposição dos balões



Autor do personagem: Mauricio de Sousa

Ano de criação: 1959

Ano de publicação: 2013

Fonte: <http://turmadamonica.uol.com.br/wp-content/uploads/2013/11/A-maquina-do-tempo-1.jpg>

Figura 4. Exemplo de linha do balão pontilhada



Autor do personagem: Mauricio de Sousa

Ano de criação: 1959

Ano de publicação: 2013

Fonte: [http://turmadamonica.uol.com.br/wp-content/uploads/2013/12/tudoporamor\\_08.jpg](http://turmadamonica.uol.com.br/wp-content/uploads/2013/12/tudoporamor_08.jpg)

Figura 5. Exemplo de linha do balão ondulada



Autor do personagem: Mauricio de Sousa

Ano de criação: 1959

Ano de publicação: 2014

Fonte: <http://turmadamonica.uol.com.br/wp-content/uploads/2014/11/095.jpg>

Figura 6. Exemplo de balão ligado a outro



Autor do personagem: Mauricio de Sousa

Ano de criação: 1959

Ano de publicação: 2013

Fonte: [http://turmadamonica.uol.com.br/wp-content/uploads/2013/12/tudoporamor\\_08.jpg](http://turmadamonica.uol.com.br/wp-content/uploads/2013/12/tudoporamor_08.jpg)

Figura 7. Exemplo de balão com vários rabichos



Autor do personagem: Mauricio de Sousa

Ano de criação: 1959

Ano de publicação: 2013

Fonte: <http://turmadamonica.uol.com.br/wp-content/uploads/2013/08/tirinha6.jpg>

Figura 8. Exemplo de balão em forma de zig-zag



Autor do personagem: Mauricio de Sousa

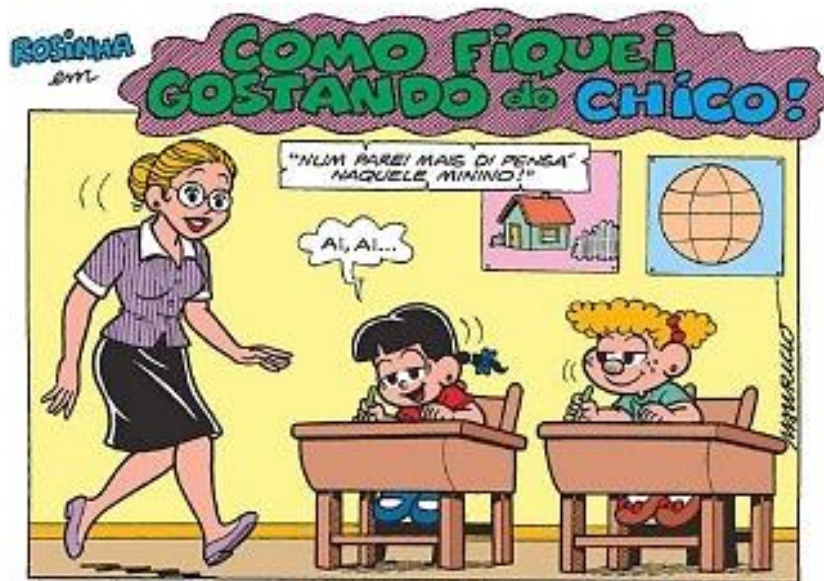
Ano de criação: 1959

Ano de publicação: 2013

Fonte: <http://turmadamonica.uol.com.br/wp-content/uploads/2013/12/moscas-01.jpg>

Antes de começar a leitura de uma história em quadrinhos, geralmente nos atentamos para o título dessa história (Figura 9). Ele estará, normalmente, destacado na primeira página, no alto da tira e funciona como um atrativo para o leitor escolher aquela história como leitura. Mas não só isso, o título também funciona, na maioria das vezes, como uma introdução a trama que se desenvolverá na história, dando uma pista de qual contexto ela trata.

**Figura 9. Exemplo de título de quadrinho**



Autor do personagem: Mauricio de Sousa  
 Ano de criação: 1959  
 Ano de publicação: 2013  
 Fonte: <http://turmadamonica.uol.com.br/wp-content/uploads/2013/09/comofiqueigostan-dochico-01.jpg>

Como as imagens nas HQs são fixas, os autores de quadrinhos desenvolveram recursos para simular movimentos em suas histórias. Esses artifícios são conhecidos como figuras cinéticas. Elas têm a função de fazer com que o leitor apreenda “a velocidade relativa de distintos objetos ou corpos” (VERGUEIRO, 2014, p. 54). Assim, quando um objeto ou personagem for deslocado em uma cena, as figuras cinéticas aparecerão indicando o deslocamento (Figura 10).

Figura 10. Exemplo de figura cinética



Autor do personagem: Mauricio de Sousa

Ano de criação: 1959

Ano de publicação: 2014

Fonte: <http://turmadamonica.uol.com.br/wp-content/uploads/2014/01/perdidos-05.jpg>

Geralmente quando numa história um personagem leva uma pancada, aparece ao redor de sua cabeça algumas estrelas, isso é uma maneira de demonstrar que ele está sentindo muita dor, mas também dar ênfase a expressão “vendo estrelas”. Códigos visuais como o exemplo que acabamos de destacar são chamados de metáforas visuais (Figura 11). Elas “atuam no sentido de expressar ideias e sentimentos, reforçando, muitas vezes, o conteúdo verbal.” (VERGUEIRO, 2014, p. 54). Assim, são usadas para facilitar o entendimento de expressões utilizadas no cotidiano ou demonstrar os sentimentos dos personagens.

Figura 11. Exemplo de metáforas visuais



Autor do personagem: Mauricio de Sousa

Ano de criação: 1959

Ano de publicação: 2013

Fonte: <http://turmadamonica.uol.com.br/wp-content/uploads/2013/09/comofiqueigostandodochico-08.jpg>

Os sons também ganharam nos quadrinhos uma forma bem específica de serem representados. São os caracteres alfabéticos que os reproduzem de forma gráfica. Essa imitação

de sons nos quadrinhos é chamada de onomatopeia (Figura 12). Waldomiro Vergueiro (2014) salienta que não é necessário que elas estejam registradas em balões, normalmente aparecem próximo de onde acontece o som que estão reproduzindo.

**Figura 12. Exemplo de onomatopeia**



Autor do personagem: Mauricio de Sousa

Ano de criação: 1959

Ano de publicação: 2014

Fonte: <http://turmadamonica.uol.com.br/wp-content/uploads/2014/01/perdidos-02.jpg>

É bem extensa a quantidade de códigos utilizados nas HQs para dar “vida” as histórias. No entanto, optamos por apresentar apenas estes que acreditamos serem os que mais aparecem nas narrativas dos quadrinhos. Mas, para que se possa ter uma melhor e profunda compreensão, sugerimos uma pesquisa aprofundada destes e outros recursos próprios deste tipo de linguagem.

#### **1.4. HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E ENSINO DE HISTÓRIA**

O pouco conhecimento do potencial pedagógico e a dificuldade em adaptar as histórias narradas nos quadrinhos ao conteúdo das disciplinas, faz com que surjam muitas dúvidas em relação ao trato com as HQs nas práticas de ensino e aprendizagem, principalmente no ensino de História. Todavia, considera-se que as histórias em quadrinhos, unidas a outros recursos didáticos, são importantes instrumentos que auxiliam na instrução e na aprendizagem do conteúdo, sendo que “o único limite para seu bom aproveitamento em qualquer sala de aula é a criatividade do professor e sua capacidade de bem utilizá-los para atingir seus objetivos de ensino.” (VERGUEIRO, 2014, p. 26). Portanto, elas podem ser utilizadas na disciplina de História sem nenhum receio.

Diante disso, damos destaque inicial a dois estudos que mostram possíveis e diferentes maneiras de utilizar a arte sequencial nas aulas de história. O primeiro é o artigo

“Histórias em quadrinhos e ensino de História” (2017), de Douglas Mota Xavier de Lima, e o segundo é o capítulo escrito por Túlio Vilela que integra a já citada obra organizada por Rama e Vergueiro e tem como título “Os quadrinhos na aula de História” (2014). Douglas Lima discute a inserção dos quadrinhos no ambiente escolar, problematizando a linguagem destes no ensino de história, além de apresentar obras e possíveis discussões para a área. Desta forma, o autor encara as histórias em quadrinhos como um “recurso didático capaz de promover a leitura, a imaginação e, também, o conhecimento histórico” (LIMA, 2017, p. 169). Para Vilela, as histórias em quadrinhos são uma poderosa ferramenta didática que quando bem utilizadas pelos professores de história podem trazer bons resultados no processo de ensino e aprendizagem. No capítulo destacado, o autor mostra que a arte sequencial é um bom recurso para se trabalhar conceitos próprios da história, podendo ser utilizados quadrinhos prontos ou construídos pelos próprios alunos.

Marcelo Fronza em seu trabalho “As narrativas históricas gráficas como expressão da aprendizagem histórica de jovens estudantes do ensino médio: perspectivas da educação histórica” (2015), faz uma análise de como a consciência histórica dos alunos do ensino médio de quatro escolas públicas brasileiras é apresentada quando estes reproduzem a narrativa histórica através da construção de história em quadrinhos. O autor conclui que ao se expressarem oralmente e através de quadrinhos, os estudantes apresentaram tipos de consciência histórica distintas. Para Fronza, isso acontece pelo fato de que as imagens canônicas exerceram grande influência sobre a maneira como os jovens interpretam o passado.

Selma de Fátima Bonifácio (2005) em sua dissertação de mestrado, procura analisar como a consciência histórica é exposta nas histórias em quadrinhos, mas especificamente na coleção *Você sabia?*, de Maurício de Sousa. A autora procura identificar as alterações que ocorrem no conhecimento histórico acadêmico quando este é transcrito para a linguagem dos quadrinhos. Assim, Bonifácio analisa três das revistas da coleção, as que tratam da Independência do Brasil, da Abolição da Escravidão e da Proclamação da República. Ela afirma que há uma dificuldade em seguir a complexidade do conhecimento histórico, quando transposto para a narrativa quadrinhística, já que é necessário manter certa simplicidade na abordagem do assunto devido ao público alvo.

Selma Bonifácio e Luís Fernando Cerri analisam de que forma as HQs contribuem na formação do saber histórico de seus leitores. Eles apresentam suas considerações no artigo “Histórias em Quadrinhos: Conhecimento histórico e comunicação de massa no espaço escolar”, produzido para o XXIII Simpósio Nacional de História da ANPUH, realizado em Londrina, no ano de 2005. Os autores afirmam que ao retratarem determinados fatos históricos,

os quadrinhos criam perspectivas particulares sobre estes, fazendo com que os sujeitos ao lerem as narrativas contidas nestas histórias, concretizem de certa forma suas concepções sobre elas.

Autores como Túlio Vilela (2012; 2014), Douglas Lima (2017), Selma Bonifácio e Luiz Fernando Cerri (2005), afirmam que mesmo que a inserção dos quadrinhos no ambiente escolar já aconteça há algumas décadas e, na maioria das vezes, apareçam nos manuais didáticos seja para dar apoio ao texto ou apenas ilustrar as páginas, na disciplina de História este recurso ainda é pouco utilizado. Isso demonstra que o receio em utilizar as HQs como recurso pedagógico não foi totalmente superado ou mesmo pelo fato de que seu potencial é praticamente desconhecido por grande parte dos professores desta área.

Tendo como base os objetivos da aula de história, considera-se que o ensino nesta disciplina deve fazer relação com o cotidiano dos alunos e “que o conhecimento e as informações aprendidas nas atividades escolares podem ser elementos ativos na história de cada um deles.” (PORTUGAL, 2005, p. 204). Cabe então ao professor de história proporcionar meios para que esta finalidade, assim como todas as outras, venha ocorrer. Dessa forma, dispor de recursos que envolvam e despertem a atenção do aluno para o assunto abordado é de extrema importância.

Ana Raquel Marque Portugal (2005) destaca o potencial pedagógico das HQs nas aulas de História:

Dentre as inúmeras possibilidades, podem-se empregar os quadrinhos como um suporte para fornecer informações acerca de comunidades do passado, fazendo referência direta ao assunto que se pretende estudar, ou então analisá-los de acordo com a época em que foram publicados, traçando assim um estudo mais contextual sem que seja vislumbrada uma relação direta com a proposta de estudo, ou ainda usá-los como ponto de partida para discussões de outros conceitos. (Portugal, 2005, p. 204)

Existem inúmeras HQs que tratam de temas específicos e que podem ser analisadas a partir do conteúdo e aspectos históricos que abordam. Dessa maneira, Douglas Lima (2017) afirma que “o fato de serem lúdicos e ficcionais não impede que o historiador utilize quadrinhos no ensino de História” (LIMA, 2017, p. 168), pois possibilitam a construção e ampliação do conhecimento histórico. Assim, elas podem ser analisadas como fontes históricas, pois, mesmo que muitas retratem tempos distintos de sua criação, conforme Vilela, elas são “registro da época em que foram criadas, porque, para efeito de humor, são atribuídos aos povos e lugares do passado as características que eles têm nos dias de hoje.” (VILELA, 2014, p. 111). Dessa forma, as HQs trazem importantes informações de quando foram desenvolvidas, sendo elas uma importante fonte de análise que representa características particulares de seu tempo.

Vale ressaltar, o que é muito bem destacado por Lima (2017) e Vilela (2014), que nem todas as histórias em quadrinhos são ficcionais, algumas são ambientadas em épocas históricas e podem ser utilizadas como referências para auxiliar na familiarização de objetos e características da época abordada. Como um exemplo de HQs que podem ser trabalhadas com essa intenção, Túlio Vilela (2014) cita *Asterix*, pois, nela podemos encontrar “elementos que remetem à Roma Antiga, nos tempos de Júlio Cesar: a arquitetura das cidades romanas e gregas: os uniformes dos militares romanos; e as armas utilizadas pelos gladiadores etc.” (VILELA, 2014, p.111)

As HQs também podem ser trabalhadas no intuito de facilitar a compreensão de determinados conceitos históricos, que muitas vezes são de difícil entendimento para os alunos. Com isso, uma história em quadrinhos:

é uma importante ferramenta que auxilia na compreensão de conceitos difíceis como representações e anacronismos devido a sua característica de ser um recurso de leitura rápida e de fácil compreensão pelos alunos, sendo bastante útil para se entender uma temporalidade que pode ser abstrata e distante para os alunos. (ÁVILA; BERBERT, 2012, p. 15)

Sendo assim, as HQs podem contribuir para o entendimento do que seja anacronismo, já que muitas utilizam elementos de épocas diferentes para satirizar, fazer críticas ou, até mesmo, apenas ilustrar as cenas. No entanto, é interessante pontuar que quando o professor for utilizar quadrinhos no propósito de identificar tal conceito, é importante que ele faça mediação da leitura com os estudantes, direcionando-os para os elementos anacrônicos. Dessa forma, os “erros”, que muitas vezes são propositais, servem para iniciar uma abordagem correta das informações históricas.

Outra maneira de usar os quadrinhos é como forma de apreender a noção de tempo. Vilela (2014) destaca que elementos contidos nas vinhetas das HQs podem ser um bom recurso para se trabalhar as dimensões temporais, como sucessão, duração e simultaneidade. Sobre o assunto, o autor considera que:

Os “recordatórios” presentes na maioria das histórias em quadrinhos podem ser utilizados para ilustrar esses conceitos: um recordatório onde se lê “Mais tarde...” ou “Logo depois...” pode ser um exemplo de sucessão e, de outro lado, aquele em que se lê “Enquanto isso...” pode facilitar ao aluno a percepção da ideia de simultaneidade. Os elementos visuais utilizados para indicar a passagem do tempo em uma história em quadrinhos (um desenho da Lua para indicar o anoitecer, um relógio na parede de um escritório; uma personagem marcando o cartão de ponto no final do expediente) podem ser usados para uma reflexão sobre os diferentes tempos: o tempo da natureza, o tempo do relógio, o tempo da fábrica. (VILELA, 2014, p. 107)

Como vimos, existem inúmeras maneiras de trabalhar na sala de aula com HQs prontas, contudo, se houver alguma dificuldade em consegui-las, é possível que o professor envolva seus alunos na construção de seus próprios quadrinhos. Em relação a isso, podemos frisar que este tipo de trabalho é uma boa oportunidade de desenvolver no discente sua capacidade de comunicação e expressão, além de fazer com que os alunos aprendam a trabalhar em equipe, já que é uma atividade que pode ser desenvolvida por mais de um aluno.

Ao sugerir esse tipo de trabalho na disciplina de História, o educador deve levar em consideração alguns critérios, para que se mantenha as particularidades da disciplina. Assim, é indicado que os estudantes desenvolvam quadrinhos a partir de temas históricos ou conteúdos abordados nas aulas. Dessa maneira:

pode-se propor que os alunos adaptem um texto historiográfico ou um documento de época para a forma de uma história em quadrinhos. Outra possibilidade é que cada grupo desenvolva uma história contada de um ponto de vista diferente. Exemplo: propor que cada grupo elabore uma história em quadrinhos ambientada no feudalismo. Um grupo pode criar uma história narrada pelo ponto de vista de um senhor feudal, outro, segundo a perspectiva de um camponês, e assim por diante. (VILELA, 2014, p. 128)

Para isso, é necessário antes de começar a construção dos quadrinhos com abordagem histórica, solicitar que os alunos desenvolvam uma boa pesquisa sobre o tema a ser adaptado, podendo o professor indicar material adequado para pesquisa.

Não é possível aqui esgotar as possibilidades de usos das HQs no ensino de história, já que são tão variadas quanto os quadrinhos disponíveis no mercado atualmente. Por isso, destacamos apenas algumas maneiras de se trabalhar o conteúdo de história utilizando quadrinhos. Assim, cabe ao professor optar por qual HQ vai utilizar e como vai desenvolver este trabalho, no entanto, antes de fazer estas escolhas ele deve estar ciente que a maioria das histórias em quadrinhos não é produzida para fins pedagógicos, mas para atender as exigências mercadológicas. Diante disso, quem decidir utilizar os quadrinhos como recurso didático deve analisar alguns pontos importantes relacionados a sua produção, pois, não se pode esquecer que antes de tudo as HQs são um meio de comunicação de massa. Assim:

Ao levar para sala de aula uma história em quadrinhos, o professor deverá sempre investigar previamente seu conteúdo, autores, época em que foi escrita, quando e onde foi produzida, por quem o autor fala (ideologia), a quem se destina, qual sua finalidade, etc. para que haja planejamento adequado, boa utilização e bons resultados. Assim, as HQ poderão ser mais do que um simples suporte de um determinado conteúdo. (ALCÂNTARA, 2009, p. 9)

As histórias em quadrinhos podem ser ótimas aliadas no processo de transmissão e aquisição do conhecimento histórico, mas é necessário compreender que “o simples fato de

transmitir conteúdos escolares na forma de uma HQ não é garantia de um material didático mais atraente. O resultado pode ser uma péssima HQ e um péssimo material didático.” (VILELA, 2012, p. 87). Assim, não podemos esperar das histórias em quadrinhos mais do que elas podem nos oferecer e será a maneira como a utilizamos que nos dará bons resultados ou um trabalho desastroso.

## **CAPÍTULO 2.**

### **“EU FAÇO HISTÓRIA NOS QUADRINHOS”**

A partir das contribuições dos quadrinhos para a Educação e, especificamente, para o ensino de história, optou-se por orientar a pesquisa em torno da elaboração de quadrinhos por alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola estadual da cidade de Santarém/PA. Outras vias foram consideradas durante o desenvolvimento da pesquisa, como a ênfase na reflexão teórica sobre os quadrinhos no ensino ou a aplicação de uma determinada obra ou coleção em atividades com os alunos, todavia, optou-se pela elaboração de HQs pelos estudantes tendo em vista que através das narrativas históricas construídas em forma de quadrinhos podemos reconhecer as particularidades da consciência histórica de quem as produziu. Pela escolha, a abordagem estruturou-se com base nas referências de Jörn Rüsen (2011) sobre a Didática da História e, em especial, na noção de “consciência histórica”, tendo como eixo o tema Independência do Brasil.

Durante a atividade de produção de quadrinhos foram desenvolvidas pelos alunos trinta (30) versões distintas sobre o tema. A totalidade da produção apresentou os recursos linguísticos específicos das HQs, como os balões de fala e de pensamento, vinhetas e legendas, entre outros utilizados especificamente neste tipo de linguagem, demonstrando que de certa forma os alunos desenvolveram a familiaridade com os códigos próprios da arte sequencial. Não é possível saber se os discentes já possuíam conhecimento da linguagem dos quadrinhos ou se eles compreenderam e se apropriaram da informação durante a apresentação desta na primeira aula-oficina do projeto. De qualquer modo, é importante salientar que os alunos souberam aplicar de maneira adequada os códigos em seus quadrinhos.

Do total de histórias produzidas pelos alunos, sete (7) ficaram inacabadas. Não sabemos o motivo desses discentes não finalizarem suas histórias, no entanto, todas foram assinadas como solicitado, não omitindo o verdadeiro autor. Isso demonstra alguma dificuldade por parte dos alunos em desenvolver este tipo de atividade. Foi observado que durante o trabalho, até mesmo os alunos que finalizaram as histórias relataram não saber desenhar, o que podemos inferir que esse possa ser um dos motivos dessas sete (7) histórias não serem terminadas. Dentre as vinte e três (23) histórias finalizadas, uma foi desenvolvida em apenas uma cena, três em duas cenas e as demais foram compostas por três ou mais cenas para narrar a versão do estudante sobre a Independência do Brasil.

Ao considerar a produção dos alunos, constata-se que o material serve de diagnóstico da aprendizagem em diferentes áreas, ultrapassando as especificidades da História. Em outras palavras, a expressão dos alunos através da linguagem dos quadrinhos, uma linguagem que mobiliza variadas habilidades e que é indissociavelmente interdisciplinar, permite que se verifiquem déficits de aprendizagem que envolvem áreas como Artes, Língua Portuguesa, Geografia e História, a área específica de nossa investigação. Deste modo, passamos a algumas considerações gerais para, em seguida, concentrarmos a atenção nos elementos históricos.

## **2.1. DIAGNÓSTICO GERAL**

### **2.1.1. Artes**

Ao analisarmos os códigos visuais das HQs produzidas pelo grupo de alunos percebe-se que na maioria dos casos, os desenhos possuem traços simples e sem a definição clara de volume e profundidade. Do mesmo modo, percebeu-se que alguns dos alunos que deixaram suas histórias incompletas sabiam o contexto da Independência do Brasil e de certa forma explicavam sobre o assunto aos colegas próximos, no entanto, não conseguiram desenvolver o trabalho. Esse foi o caso de uma aluna que oralmente demonstrou significativo conhecimento sobre o contexto solicitado para a construção da atividade, porém apenas simulou alguns rabiscos na folha em branco que lhe foi entregue e não concluiu seu quadrinho. Tais elementos confirmam os argumentos apresentados pelos alunos durante a construção das HQs, ao apresentarem certa resistência a atividade pela dificuldade em desenhar.

Deste modo, podemos constatar que houve um déficit na educação artística destes alunos, pelo menos ao que se refere as técnicas de volume e profundidade. Assim, destacamos que a maior dificuldade em construir as HQs se deu pela falta de aptidão ao elaborar os desenhos. Diante disso, Maria Janaina Piedade Souza e Nadia Aparecida de Souza (2017) apresentam que são inúmeros os desafios enfrentados por professores da educação básica ao atuar como educadores da disciplina de Artes. As autoras apontam que os problemas mais comuns entre esses profissionais na sala de aula é a falta de recursos apropriados para desenvolver as atividades com seus alunos, o que os limita na elaboração de aulas mais criativas. Problema este que se soma a carga horária insuficiente e a falta de estrutura adequada nas escolas. Em vista disso, as autoras afirmam que:

Os problemas são numerosos e reais, atravancando as possibilidades de os professores desenvolverem um trabalho mais adequado. O tempo reduzido para ministrar a disciplina é um fator incontestável, pois o ensino de arte é, aparentemente, minimizado nas repercussões impressas na formação do educando. Somado à reduzida carga horária, a ausência de espaços específicos (sala de artes) exige que o professor perca tempo reunindo e deslocando recursos didáticos ou, pior, abdique deles – contentando-se com aulas mais explicativas e discursivas, que participativas. (SOUZA; SOUZA, 2017, p. 407)

Dessa forma, tais obstáculos interferem diretamente nas aulas de Artes, assim como no processo criativo dos alunos. Com isso, vale ressaltar que “apesar de todo esforço por parte de alguns educadores, o ensino de Artes ainda está muito distante do que seria o ideal.” (SOUZA; SANTOS, 2013, p. 5), o que prejudica o desempenho no ensino da disciplina.

Concordamos com Souza e Ferrarez (2017) quando afirmam que os quadrinhos são uma das possibilidades de potencializar o aprendizado de Arte, pois eles podem proporcionar excelentes resultados interdisciplinares, sobretudo com a união da linguagem artística e científica, desenvolvendo no aluno possíveis habilidades que o auxiliem durante seu processo de formação educacional. Assim, compreendemos que a HQs “são um excelente veículo para estimular a criatividade, tanto na criação de textos, quanto na elaboração de desenhos.” (LIMA; FLORES; AZEVEDO, 2015, p. 30)

Verificamos que os desenhos produzidos pelos alunos são ilustrações simples, porém, é possível ter noção do que se quer representar e fazer uma leitura adequada das imagens distribuídas nas vinhetas das HQs feitas por eles. Dessa maneira, Túlio Vilela (2014) tem razão ao dizer que nossos alunos não precisam ser perfeitos artistas para construir histórias em quadrinhos, basta apenas que seus desenhos possam transmitir significado. Também concordamos com Fábio Tavares da Silva e Adriana de Sá Leite de Brito (2016) quando dizem que “às vezes, a sutileza da mensagem a ser passada está na simplicidade do desenho. Muitas vezes, o “dar a entender que” surte mais efeito na conversa com o leitor do que a mensagem mastigada” (SILVA; BRITO, 2016, p. 145). Portanto, é possível trabalhar histórias em quadrinhos nas aulas de Artes, ainda que nossos alunos não sejam especialistas e desenvolvam trabalhos com poucos recursos artísticos. Mesmo porque “os quadrinhos podem ser utilizados em sala de aula não apenas para explicar elementos das artes plásticas, mas também como um exercício prático, uma oportunidade de discutir e praticar o processo criativo.” (BARBOSA, 2014, p. 143).

Passemos agora a discorrer nossas considerações a respeito do que foi verificado nos quadrinhos feitos pelos alunos investigados, sobre a língua portuguesa.

### 2.1.2. Língua portuguesa

Ao analisar os textos desenvolvidos nas HQs, percebemos que todos os alunos objetos de análise possuem alguma dificuldade na língua escrita. Como bem destacam Alexandre Costa Moura e Maria Vilma da Silva (2013), esse é um problema que afeta a maioria dos alunos da educação básica e que se não resolvido, pode se estender durante toda sua vida como discente, chegando a atrapalhar o desempenho no ensino superior, o que acarreta diversos problemas na vida acadêmica, sendo comum dificuldades tanto “na leitura dos textos de fundamentação teórica, quanto no ato de escrever os textos relacionados às disciplinas do currículo dos seus respectivos cursos e, principalmente, no momento de produção do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC.” (MOURA; SILVA, 2013, p. 60).

Dentre as HQs analisadas, duas foram construídas com textos extensos, o que é incomum neste tipo de linguagem, apresentando a dificuldade de síntese desses alunos. Com isso, concordamos que:

saber escrever é também saber usar a variedade linguística adequada ao gênero de texto que se está produzindo, aos objetivos que se quer cumprir com o texto, aos conhecimentos e interesses dos leitores previstos, ao suporte em que o texto vai ser difundido, fazendo escolhas adequadas quanto ao vocabulário e à gramática. (COSTA VAL, 2006 apud MOURA e SILVA, 2013, p. 64).

Portanto, entendemos que esses alunos possuem poucas habilidades no domínio da escrita, já que tiveram dificuldades em sintetizar suas ideias.

Nas narrativas produzidas pelos alunos, percebeu-se também que das trinta (30) produções, vinte e sete (27) continham erros gramaticais e vinte e cinco (25) possuíam erros ortográficos, além de todos os trabalhos terem pontuação ou acentuação inadequada. Os erros encontrados na produção escrita dos quadrinhos foram percebidos antes da finalização da atividade, já que durante a construção das histórias por vários momentos eles perguntavam como certas palavras eram escritas, o que é o caso da palavra “Independência”, que inúmeras vezes foi questionado sobre sua ortografia e acentuação gráfica. Diante de tantas dúvidas solicitaram que a palavra fosse escrita no quadro branco, porém, mesmo com ela exposta para todos, ainda houve casos em que foi grafada com erro nas HQs. São os exemplos destacados abaixo (Figuras 13 e 14).

**Figura 13. Exemplo de erro ortográfico**



Fonte: aluno 4.

**Figura 14. Exemplo de erro ortográfico (2)**



Fonte: aluno 21

Segundo Ana Paula da Silva Petronilo (2007), não nascemos com problemas escolares, estes são adquiridos durante todo o percurso discente, e quando não revertidos podem causar inúmeros transtornos no processo de aprendizagem. As dificuldades apresentadas na construção dos textos expostos nas narrativas feitas pelos alunos acusam o déficit existente no ensino da Língua Portuguesa nas escolas de nosso país e que os problemas de leitura e escrita atingem a maioria dos estudantes brasileiros, sendo esta uma das principais causas de muitos fracassos educacionais (SOUSA; SILVA, 2009). No entanto, essa é uma realidade que pode ser modificada, se os educadores adotarem medidas que ajudem seus alunos a superarem tais dificuldades. Para isso, é necessário o uso de metodologias que tornem as aulas mais interessante e estimulem o aprendizado da leitura e escrita, pois:

É importante notar que os indivíduos com essa dificuldade possuem outras habilidades e facilidades para aprender, permitindo a compensação e a superação das dificuldades iniciais. Isso indica que estes indivíduos não são “burros” como muitos os rotulam, e que podem alcançar o sucesso em sua vida social e profissional desde que recebam a atenção e orientações necessárias. (PETRONILO, 2007, p. 11)

Paulo Ramos (2014) afirma que a arte sequencial ainda é um material pouco utilizado pelos professores de Língua Portuguesa, no entanto, se bem adaptado ao que pretende desenvolver, ele obterá bons resultados, percebendo que é viável ensinar os conteúdos da disciplina utilizando quadrinhos. Aliado a outros recursos, de forma a potencializar o aprendizado em sala de aula, as HQs “propõem aos alunos um bom debate e um maior aprofundamento do que seja o uso da língua portuguesa.” (RAMOS, 2014, p. 66). Com isso, usar histórias em quadrinhos na disciplina de Língua Portuguesa pode auxiliar de forma significativa o aprendizado do conteúdo, pois, possibilita o aluno aprender variados tipos de linguagens de forma dinâmica.

### **2.1.3. História**

Relacionando as histórias em quadrinhos criadas pelos alunos com o ensino de história, destacamos alguns pontos importantes. O primeiro é a dificuldade de três alunos em se situar temporalmente. Ao desenvolverem suas versões da Independência do Brasil, narram o que demonstra ser o “Descobrimento do Brasil”, mesmo tendo como título “Independência do Brasil”. Em suas histórias, dois desses discentes desenharam barcos e pessoas com arcos e flechas, e em balões de fala destacaram a expressão “cheguei”, o que podemos inferir que seja a narrativa da chegada dos europeus em terras americanas (Figuras 15 e 16).

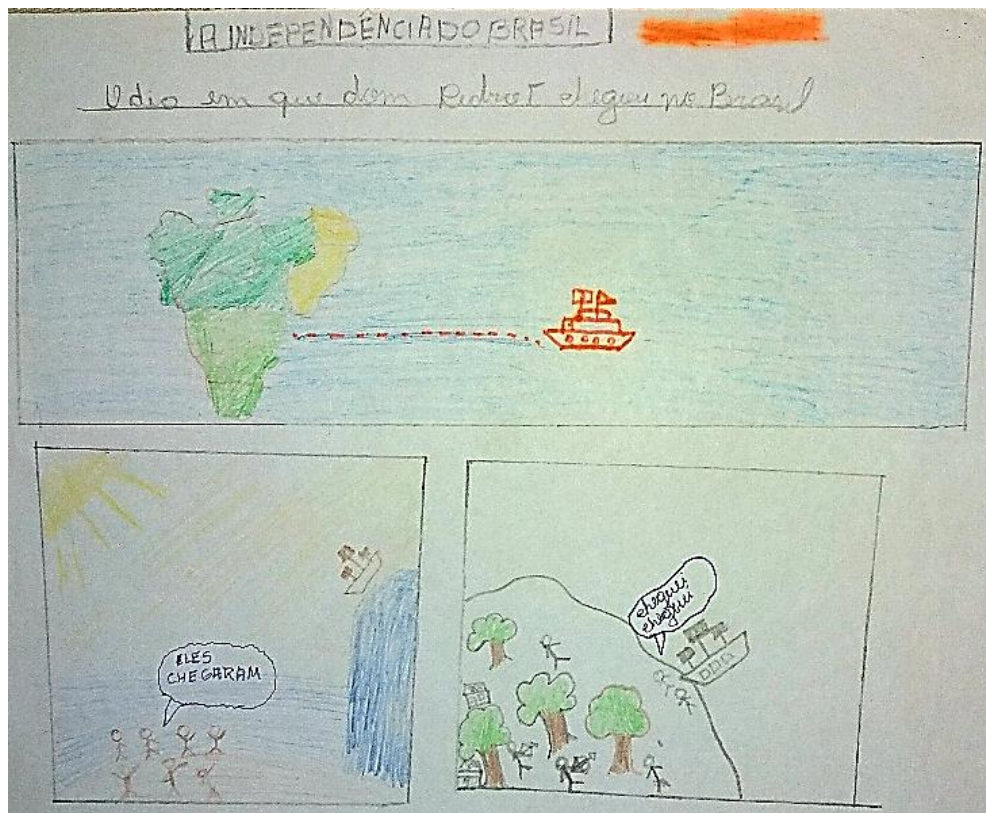
Diante de tais ocorrências, considera-se que a dificuldade destes alunos em apresentar fatos nas suas respectivas temporalidades decorre de possíveis desvios no aprendizado histórico, conseqüentemente na consciência histórica destes, já que saber orientar-se temporalmente é uma das competências do aprendizado histórico.

Figura 15. Exemplo de dificuldade de orientação temporal



Fonte: aluno 25

Figura 16. Exemplo de dificuldade de orientação temporal (2)



Fonte: aluno 24

Sobre a questão, Jörn Rüsen (2011) afirma que:

A aprendizagem da história é um processo de desenvolvimento da consciência histórica no qual se deve adquirir competências da memória histórica. As competências que permitem efetuar uma ideia de organização cronológica que, com uma coerência interna entre passado, presente e futuro, permitirá organizar a própria experiência de vida, são as mesmas competências de que se necessitam para poder receber e também produzir histórias. Entre elas, a capacidade de refletir sobre os conhecimentos históricos que proporcionam à própria existência clareza de quadros cronológicos e, também, a capacidade de construir a própria identidade com os pontos de vista que propiciam uma prolongação temporal que, superando os limites do tempo de vida próprio, volte ao passado e alcance o futuro. (RÜSEN, 2011, p. 113)

O teórico alemão demonstra que a consciência histórica dos sujeitos está diretamente ligada ao aprendizado de história, o que pode ser analisado através das narrativas históricas produzidas por esses sujeitos. Assim, a narrativa “será um meio imprescindível para crianças e jovens exprimirem as suas compreensões do passado histórico e consciencializarem progressivamente a sua orientação temporal de forma historicamente fundamentada” (SCHMIDT; BARCA; GARCIA, 2011, p. 12). Com isso, podemos dizer que estes três alunos apresentam falha em suas consciências histórica por confundirem os fatos históricos relativos à Independência e ao Descobrimento do Brasil. No entanto, mesmo com a concepção de que houve prejuízo no aprendizado histórico desses alunos, não é possível, no momento, identificar o que acarretou tais danos, mesmo porque esse não foi o objetivo da atividade.

Outro ponto de destaque, é que dentre as versões feitas pelos alunos, não incluindo os três casos já citados anteriormente, percebemos que nove (9) histórias contêm elementos anacrônicos que são apresentados através do uso de objetos inadequados ao contexto. Metralhadoras e revólveres aparecem em cenas que aparentam ser batalhas entre Dom Pedro e outros sujeitos; um microfone utilizado por um personagem que possivelmente seja o Príncipe Regente em discurso ao povo brasileiro; Dom Pedro aparece em alguns quadrinhos coroado como se fosse um rei ou o futuro imperador Dom Pedro I. O anacronismo também está presente no deslocamento de personagens a acontecimentos que lhes são alheios, pelo fato de não pertencerem a tal temporalidade. Destacamos aqui o caso do aluno que desenhou em seu quadrinho um diálogo entre Dom Pedro, Pedro Álvares Cabral e José Bonifácio, onde a definição de cada personagem ocorre através dos nomes em destaque indicados por setas (Figura 17).

**Figura 17. Exemplo de anacronismo**



Fonte: aluno 17

O anacronismo cometido pelos discentes se apresenta também por meio da linguagem. Em vinte e quatro (24) histórias os alunos optaram por utilizar expressões atuais como gírias ou conversas informais. Não sabemos se tais elementos anacrônicos inseridos nos quadrinhos pelos alunos são propositais ou não, mas concordamos que o conceito de anacronismo “pode parecer óbvio para os historiadores e professores de História, mas também por demais abstrato e de difícil compreensão para estudantes do ensino básico” (VILELA, 2014, p. 120). Além disso, o anacronismo ao ser inserido propositalmente nas histórias em quadrinhos, pode ser utilizado como um instrumento satírico, capaz de trazer importantes críticas e reflexões. Assim, é importante destacar que:

toda criação artística não é fruto apenas da imaginação do autor, mas, também, daquilo que ele viu, leu, viveu etc. Afinal, o artista não é alguém isolado do mundo, alheio à realidade que o cerca. Ele é parte integrante de uma sociedade real, em época e lugar específicos. (VILELA, 2014, p. 122)

Dessa maneira, podemos dizer que os discentes recorreram às suas experiências cotidianas quando optaram pela inserção de tais elementos em suas histórias em quadrinhos. Schmidt e Garcia (2005) apontam que os diferentes sujeitos se apropriam do conteúdo histórico de uma forma particular e valem-se de seus conhecimentos prévios para criar suas próprias narrativas. Ou seja, utilizam a consciência histórica para fazer suas próprias interpretações. Deste modo:

A consciência histórica vem à tona ao contar narrativas, isto é, histórias, que são uma forma coerente de comunicação, pois se referem à identidade histórica de ambos:

comunicador e receptor. As narrativas, ou seja, histórias contadas aqui, são produto da mente humana; com sua ajuda as pessoas envolvidas localizam-se no tempo de um modo aceitável para si mesmas. (RÜSEN, 2011, p. 80)

Portanto, os alunos elaboraram seus desenhos a partir de seus referenciais e são essas referências o nosso terceiro ponto de análise, pois nelas estão contidos os tipos de consciência histórica expressas pelos alunos através de suas versões da Independência do Brasil produzidas em forma de história em quadrinhos.

Para esta análise selecionamos vinte e três (23) histórias em quadrinhos que foram finalizadas e que continham uma versão da Independência do Brasil. Nestas, a imagem de Dom Pedro juntamente com a expressão “Independência ou Morte” está presente em dezesseis (16) narrativas, assim como a alusão ao fato da Independência do Brasil ter ocorrido as margens do Rio Ipiranga e com Dom Pedro montado a cavalo aparecer em sete (7) das histórias analisadas. Estes índices confirmam o que é apontado por Marcelo Fronza, que diz que:

A onipresença da imagem da pintura de Pedro Américo em todas as fontes com as quais os jovens têm contato quando estudam, leem ou veem sobre a Independência do Brasil, tem um poder de banalização que invade a estruturas da sua consciência histórica. (FRONZA, 2015, p. 88)

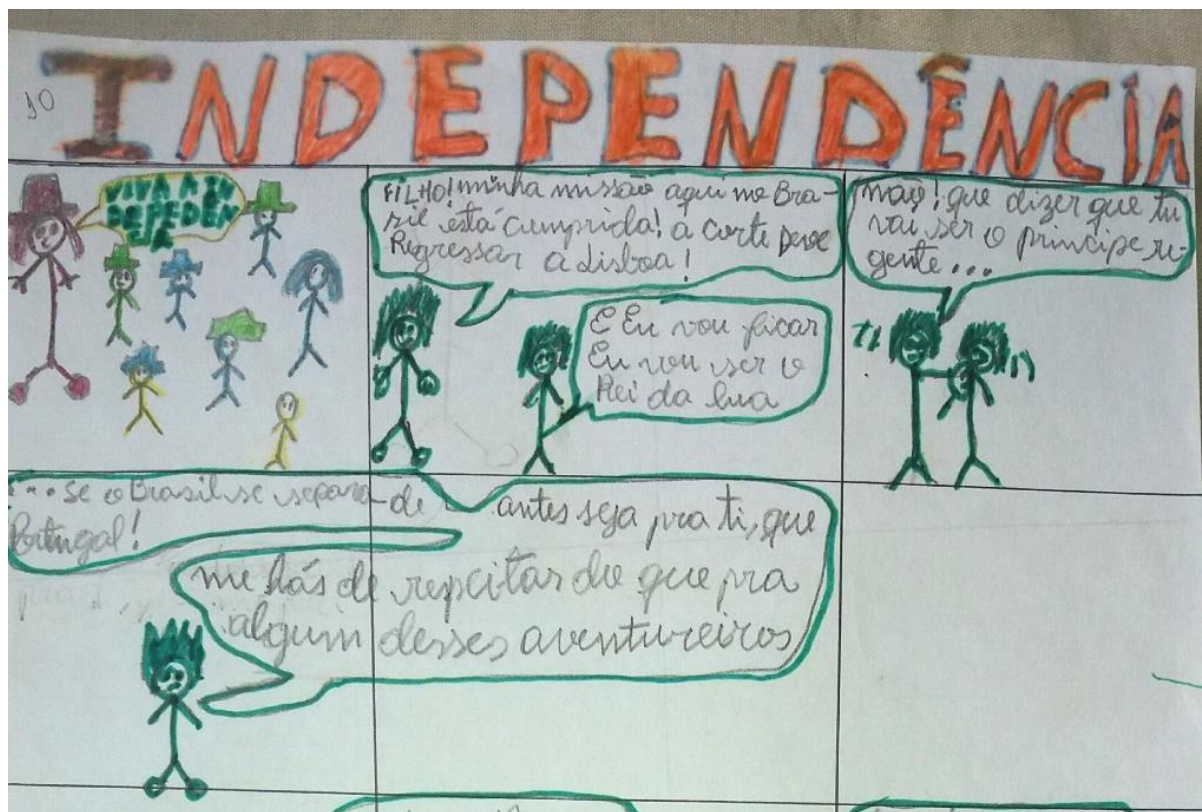
**Figura 18. Independência ou Morte, Pedro Américo (1888)**



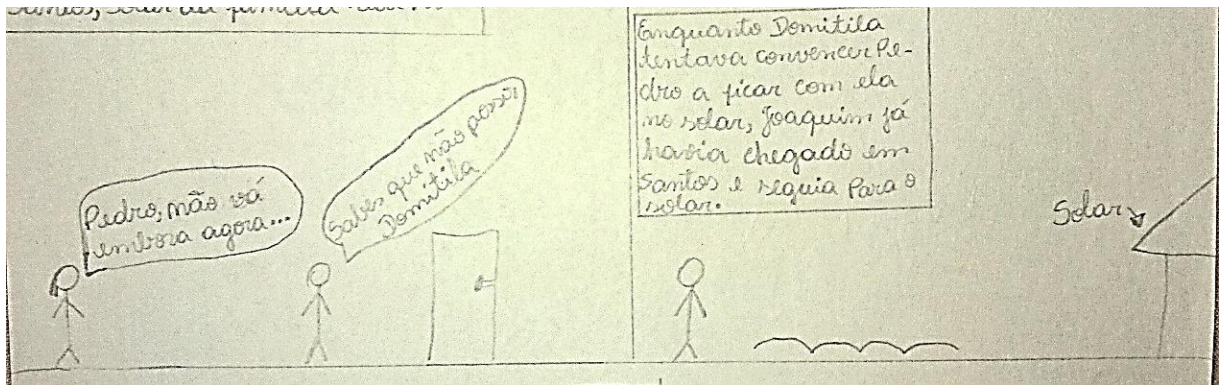
Autor: Pedro Américo (1888)  
Fonte: <http://www.mp.usp.br/acervo>

Dessa forma, podemos dizer que a consciência histórica destes estudantes pode ter sido influenciada pela concepção de história existente na imagem citada. Podemos citar também quatro (4) alunos que possivelmente tiveram influência midiática sobre suas consciências histórica em relação aos acontecimentos da Independência do Brasil. Estes alunos ao contarem suas versões incluíram personagens como a princesa Leopoldina, Domitila (suposta amante de Dom Pedro I) e Dom João VI. Estes personagens aparecem nos quadrinhos em diálogos com Dom Pedro, onde as falas expostas nas legendas do narrador e nos balões são semelhantes as conversas que esses personagens apresentaram na telenovela *Novo Mundo*, “novela das seis” exibida entre março e setembro de 2017 (Figura 19 e 20). É o caso em que um aluno narra a cena em que Dom João VI retornando para Portugal se despede de Dom Pedro e exclama “Se o Brasil se separar de Portugal! Antes seja pra ti, que me hás de respeitar do que para algum desses aventureiro”.

**Figura 19. Exemplo de influência midiática**



Fonte: aluno 15

**Figura 20. Exemplo de influência midiática (2)**

Fonte: aluno 16

Diante disso, constatamos que as experiências vividas fora da sala de aula são um meio muito importante para aquisição do conhecimento histórico. No entanto, devemos tomar cuidado para que esse conhecimento não seja a reprodução errônea de influências externas sobre os fatos históricos. É o que nos alerta o teórico alemão Jörn Rüsen (2011):

Pode-se adquirir novos conhecimentos na maneira como alguém vê televisão passivamente, adquirindo algumas informações históricas e uma nova informação pertencente à história. Isto pode até ser identificado como aprendizagem, mas na verdade é apenas a repetição daquilo que já se sabe e, portanto, não abrange o desenvolvimento real da aprendizagem. (RÜSEN, 2011, p. 81)

Desta maneira, o autor nos informa que no processo de aprendizagem histórica o conhecimento adquirido pelos sujeitos passa a fazer parte de sua subjetividade e consequentemente interferem na sua percepção histórica. Dito isso, passamos a analisar quais os tipos de consciência histórica se destacam nas histórias em quadrinhos produzidas pelos alunos.

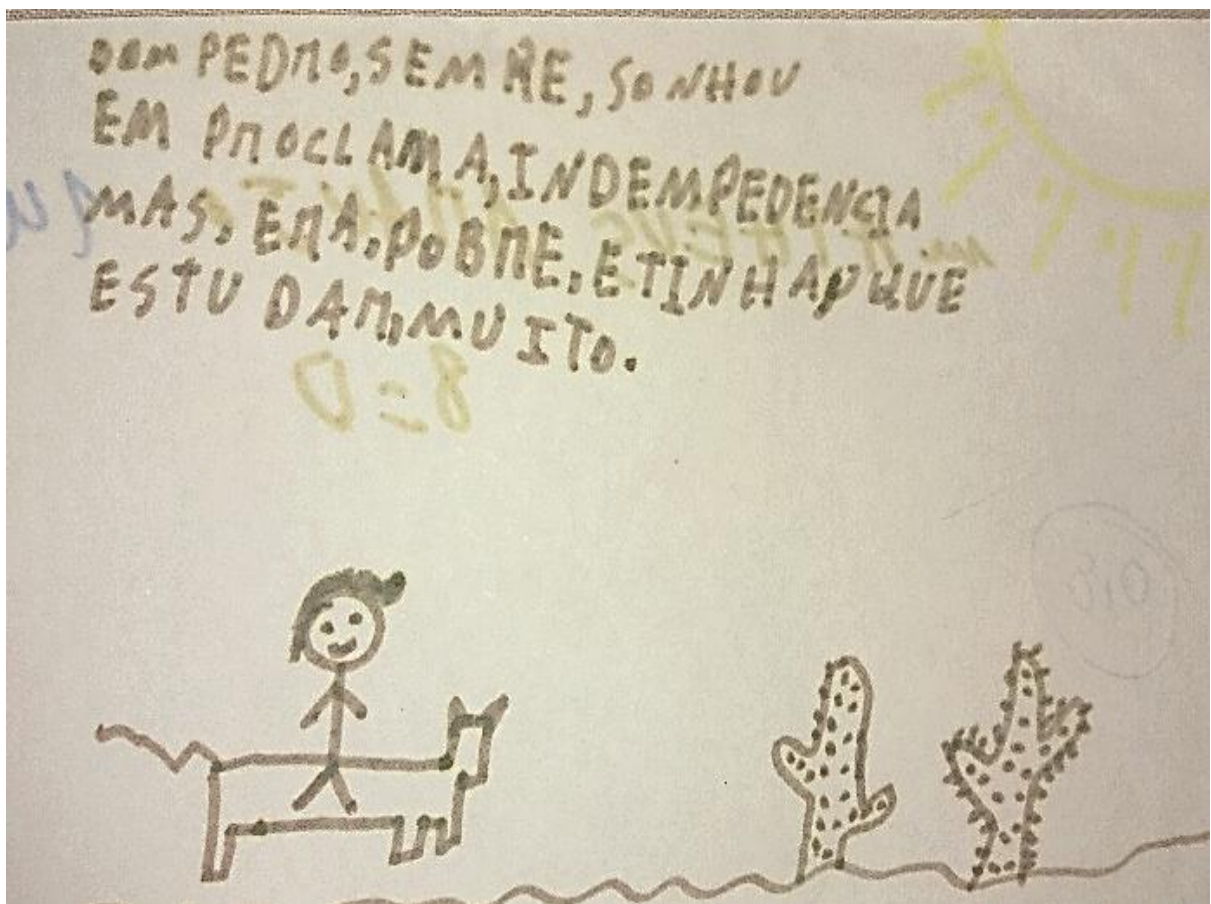
## 2.2. TIPOS DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

Percebemos que os tipos tradicional e exemplar são predominantes nas narrativas dos discentes, mas também notamos a presença do tipo de consciência histórica crítica, ao passo que o tipo genético não foi identificado em nenhuma das narrativas. Assim, destacamos que dezesseis (16) HQs apresentam concepção tradicional, seis (6) contêm concepção exemplar e uma (1) demonstrou concepção histórica crítica.

Escolhemos cinco quadrinhos que contêm elementos claros de sua concepção histórica: dois expressam consciência histórica tradicional, dois o tipo exemplar e um com a consciência histórica crítica. Nos dois quadrinhos que apresentam consciência histórica

tradicional há uma naturalização dos acontecimentos. Dessa forma, destacamos como elementos que demonstram tal concepção o fato desses alunos focalizarem suas narrativas na figura de Dom Pedro, como se a Independência fosse consequência apenas de sua existência, descartando os demais sujeitos. O primeiro coloca em sua vinheta inicial a seguinte legenda “Dom Pedro sempre sonhou em proclamar a independência...” (Figura 21); e o segundo, ao final de sua história apresenta em um balão a expressão: “E assim ficou!” (Figura 22). Com isso, esses alunos demonstram que não fazem diferença entre o fato e o significado, além de expressarem pelas falas expostas que o acontecimento é permanente, sem mudanças no tempo e no espaço.

**Figura 21. Exemplo de concepção tradicional**



Fonte: aluno 3

Figura 22. Exemplo de concepção tradicional (2)



Fonte: aluno 4

Em relação as narrativas que apresentam consciência histórica tradicional Jörn Rüsen (2011) afirma que: “Elas constroem a continuidade como uma permanência da constituição originária dos sistemas de vida e formam a identidade pela afirmação dos dados – ou mais precisamente, pré-dados – padrões culturais de autocompreensão” (RÜSEN, 2011, p. 99). Já o tipo exemplar, ele define como:

a experiência do passado na forma de casos que representam e personificam regras gerais de mudança temporal e a conduta humana. O horizonte da experiência temporal se expande de forma significativa neste modo de pensamento histórico. A tradição se move dentro de um marco de referência empírica bastante estreito, mas a memória histórica estruturada em termos de exemplos está aberta para processos em número infinito de acontecimentos passados, desde o momento em que estes não possuem relação com uma ideia abstrata de mudança temporal e de conduta humana, válido para todo tempo, ou ao menos cuja validade não está limitada a um acontecimento específico. (RÜSEN, 2011, p. 65)

Portanto, este tipo de consciência não se desliga das experiências do passado, mas as toma como referência para se orientar em seus acontecimentos presentes. A partir disso, é

que conseguimos identificar que essas duas histórias selecionadas apresentam este tipo concepção histórica. Elas não negam o fato da Independência do Brasil ter realmente ocorrido, o que é confirmado pela exposição da data oficial “7 de setembro de 1822”, que reporta a consciência tradicional do fato, mas, o por eles constroem cenas que aparentam acontecer em tempo presente utilizando a data para confirmar o acontecimento, torna estas narrativas exemplar. Isso confirma o que Rüsen (2011) aponta, que um tipo de consciência histórica irá se desenvolver a partir de uma referência do tipo anterior e que mais de um tipo pode estar presente na narrativa histórica, mas uma será predominante. Dessa maneira, dentro da narrativa exemplar sempre estará contida o tipo tradicional. Assim, o fato da data da Independência aparecer nas histórias não significa que a consciência histórica destes estudantes seja propriamente tradicional, pois eles constroem em suas versões uma narrativa em que aparentemente eles mesmos estão representados.

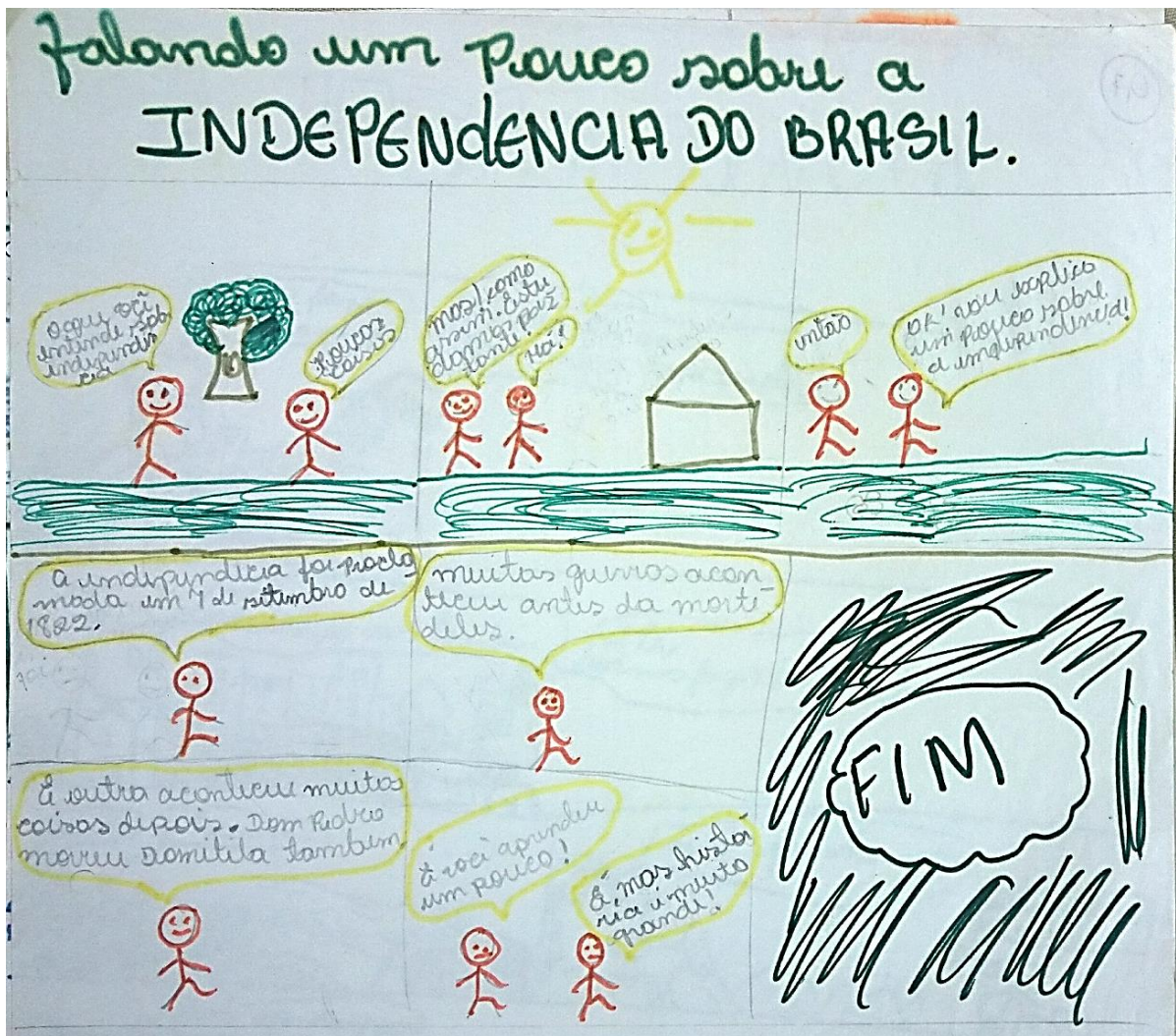
A exemplaridade destas histórias é demonstrada a partir do diálogo entre os personagens, que nos dá a entender que acontece no presente. Na primeira história são representados como personagens uma mãe e seu filho, onde a mãe está assistindo televisão e o filho a interrompe questionando onde estaria Dom Pedro. A mãe começa a explicar como se relatasse o capítulo da novela que estava assistindo e o filho, em pensamento, diz “Legal!”. No quadrinho final da história ele aparece exclamando a frase “Viva a Independência!” (Figura 23). Na segunda história são dois amigos, onde um faz o seguinte questionamento: “O que você entende sobre Independência?”. O outro responde não saber muito sobre o assunto, ao que o primeiro retruca: “Mas como assim? Estudamos bastante!”, começa a relatar alguns fatos e, ao final, argumenta “É mas a história é muito grande!” (Figura 24).

Figura 23. Quadrinho 10. Exemplo de concepção exemplar



Fonte: aluno 20

Figura 24. Exemplo de concepção exemplar (2)



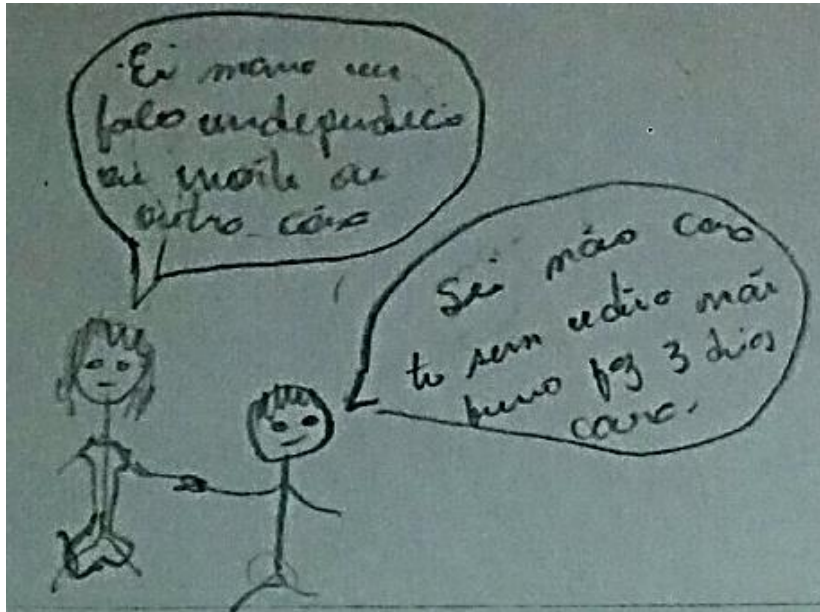
Fonte: aluno 21

Os dois exemplos apresentam pontos característicos da consciência histórica exemplar, pois a partir de atividades presentes afirmam acontecimentos históricos passados, legitimando-os.

O terceiro tipo de consciência histórica identificada foi a crítica. Rüsen (2011) afirma que: "As narrações deste tipo formulam pontos de vista históricos, demarcando-os, distinguindo-os das orientações históricas sustentadas por outros. Por meio dessas histórias críticas dizemos "não" às orientações temporais predeterminadas de nossa vida" (RÜSEN, 2011, p.67). Esta concepção histórica foi apresentada em somente uma história em quadrinho, a qual nos chamou muita atenção, pois a discente que construiu essa HQ apresentou uma narrativa focando o uso de drogas, perceptível num diálogo entre os personagens quando em uma das cenas um deles diz estar sem ideias pois não fuma a três dias. A história foi construída com onze vinhetas e todas possuindo linguagem informal e contendo muitas gírias.

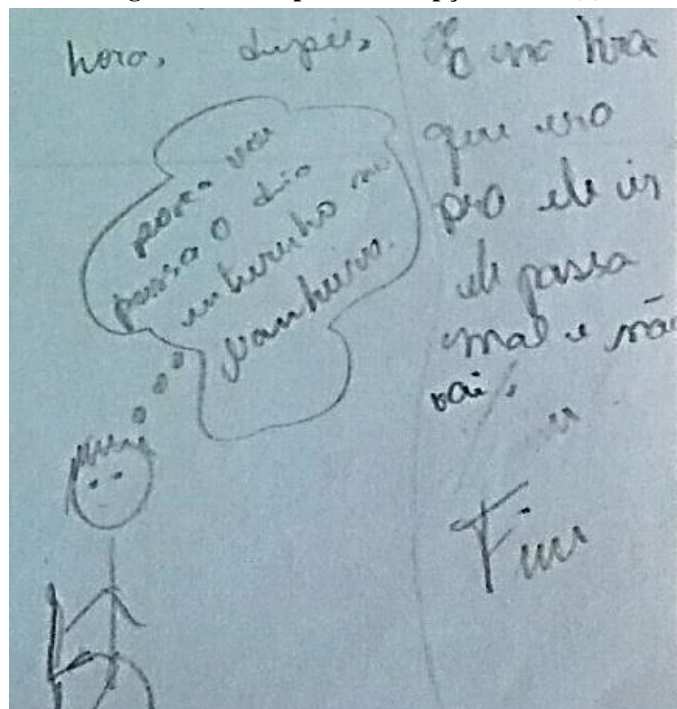
Apesar destas questões, a aluna produziu uma versão da Independência do Brasil em que demonstra uma consciência histórica crítica, pois ao invés de afirmar a frase que a maioria dos alunos destacaram como referência a Independência, ela, satirizando a expressão, a colocou em forma de questionamento, elemento que nos permitiu caracterizar o tipo de consciência histórica que prevalece nesta narrativa (Figuras 25 e 26).

Figura 25. Exemplo de concepção crítica



Fonte: aluno 1

Figura 26. Exemplo de concepção crítica (2)



Fonte: aluno 1

Há ainda outro ponto que nos faz confirmar a caracterização, o fato da estudante discordar da narrativa predominante e criar sua própria versão. Ela não relaciona a figura de Dom Pedro ao acontecimento da Independência do Brasil, nem ao fato de que ela realmente tenha acontecido. Pelo contrário, a aluna finaliza sua história com outra narrativa: “E na hora que era pra ir, ele passa mal e não vai”. Assim, podemos dizer que o que predomina na consciência histórica desta discente sobre a Independência é o tipo crítico, pela sua negação do fato histórico.

\*

Em síntese, pontuamos que através das narrativas históricas criadas pelos discentes pudemos conhecer qual o tipo de consciência histórica, sobre o fato da Independência do Brasil, predomina neste grupo de alunos. Assim, destacamos que a concepção tradicional é a que mais se destaca nas interpretações deles. Mesmo que tenhamos encontrado outras duas, a maioria dos estudantes investigados ainda estão no primeiro nível de concepção sobre este fato histórico. Sabendo que os alunos observados ainda estão em processo de formação do aprendizado histórico, este quadro poderá ser modificado, cabendo investigações futuras para verificar o processo de desenvolvimento de suas consciências históricas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É incontestável que o interesse em utilizar diferentes linguagens e recursos didáticos variados para ensinar cresceu bastante nas últimas décadas. No entanto, nem todo material que pode ser usado como apoio pedagógico teve e tem a mesma aceitação na sala de aula, por isso, ainda há grande desconfiança sobre o uso de determinados instrumentos didáticos, seja por não saber adaptá-lo ao conteúdo ou desconhecer seu potencial.

Buscamos destacar neste trabalho o grande potencial das histórias em quadrinhos enquanto recurso didático no ensino e os benefícios que elas podem proporcionar quando utilizadas na sala de aula. No entanto, sabemos das limitações que possuem como ferramenta pedagógica. A partir disso, destacamos que o bom êxito do trabalho com quadrinhos no ambiente escolar vai depender da maneira como o professor irá utilizá-la, pois, os quadrinhos não são capazes de suprir todas as necessidades que se colocam durante o processo de aprendizagem do conteúdo. Assim, conhecer a linguagem própria das HQs e fazer um planejamento adequado é essencial para realizar um bom trabalho utilizando este material.

Com isso, destacamos que na disciplina de história os quadrinhos auxiliam no ensino e aprendizado, assim como no processo avaliativo do aprendizado histórico. Desta forma podemos utilizá-los tanto como meio de apreender conceitos, quanto como fontes históricas. As formas como as HQs serão utilizadas nesta área dependem da finalidade que o professor dessa disciplina queira alcançar. Assim, reafirmamos a importância deste profissional conhecer e entender as vantagens em utilizar este material como reforço para facilitar na fixação do que é ensinado de história, levando sempre em consideração que a maioria das histórias em quadrinhos são produzidas para atender as exigências do mercado e não interesses pedagógicos, logo é necessário ter muita cautela e saber como e quando utilizar as HQs como recurso didático, tendo o cuidado de desconstruir o que já está posto pela sociedade sobre os acontecimentos da história, pois muitos quadrinhos podem estar cheios de estereótipos, o que pode reafirmar e fortalecer os preconceitos existentes sobre certos fatos e personagens históricos.

A partir disso, chamou nossa atenção o fato de não haver tantos trabalhos que tratam sobre as HQs e o ensino de história. Dessa forma, encontramos dificuldade em aprofundar o conhecimento sobre o tema, como também são poucas as produções que analisam o uso das HQs como material de apoio em diferentes disciplinas, mesmo assim, destacamos que o material encontrado foi suficiente para auxiliar ao que pretendíamos. É necessário pontuar que geralmente as análises feitas sobre os quadrinhos como recurso didático estão ligadas a

introdução de diferentes linguagens pedagógicas no ensino em geral. Dessa forma, acreditamos ser muito importante investigações sobre a aplicação de atividades utilizando histórias em quadrinhos em diferentes matérias escolares, já que uma abordagem geral sobre eles, enquanto instrumento pedagógico, oculta a especificidade de seu uso em disciplinas específicas. Assim, conhecer os benefícios e limitações em cada área de ensino, pode ajudar os educadores a melhor maneira de utilizar HQs em suas aulas, trazendo resultados satisfatórios na aprendizagem de seus alunos.

Pontuamos o grande potencial interdisciplinar do uso de histórias em quadrinhos em ambiente escolar, com isso, mostramos que determinada atividade não precisa ser desenvolvida em apenas uma disciplina. Ela pode ser construída, simultaneamente, por professores de diversas áreas, estimulando o trabalho conjunto destes profissionais em benefício do aprendizado do aluno. Dessa forma, o desenvolvimento de projetos que incluam a construção de quadrinhos é uma boa oportunidade de envolver discentes e educadores em um trabalho de aprendizagem mútua e contínua, possibilitando aos professores envolvidos reconhecerem a importância do diálogo para ajudarem o aluno a superar possíveis déficits de aprendizagem.

Assim, destacamos que as histórias em quadrinhos são um bom meio de avaliar o conhecimento dos alunos, pois, a partir de sua construção identificamos que ocorreram fatores que comprometeram o aprendizado em diferentes disciplinas. Observamos que o aluno pode até aprender elementos de uma disciplina em particular, no entanto, a lacuna de aprendizagem ou a aprendizagem falha de outras habilidades, competências, conceitos ou conhecimentos em geral, pode causar a dificuldade da aplicação dos elementos de uma área em outra. Como no caso de alguns alunos que provavelmente conseguem criar uma narrativa oral sobre a Independência, mas, ao serem demandados de se expressar textualmente e/ou artisticamente através de uma redação ou através das HQs, esses apresentam dificuldades e demonstram o déficit de aprendizagem.

Esperávamos que o trabalho proposto fosse recepcionado com entusiasmo pelos alunos, já que histórias em quadrinhos são um material que geralmente desperta interesse e é bem aceito como leitura por sujeitos nessa faixa etária. Esse interesse foi demonstrado durante a aula oficina sobre a linguagem das HQs, onde os alunos fizeram questionamentos e demonstraram conhecer alguns dos signos. Mas, ao informarmos que a atividade a ser desenvolvida seria a criação de histórias em quadrinhos desenhadas por eles, e não a leitura de HQs prontas, percebemos a resistência deles em desenvolver o que se propunha, com a justificativa de não serem bons desenhistas, o que nos deixou receosos que isso pudesse

interferir no andamento da pesquisa. Porém, depois de conversas e incentivos de que não precisavam fazer desenhos muito elaborados, mas que demonstrassem sentido, os discentes aceitaram participar e construíram as histórias em quadrinhos que se tornaram nosso objeto de pesquisa.

Uma investigação aprofundada para entender os motivos que impediram esses alunos de desenvolverem aptidão em desenhar se faz necessária, já que essa deficiência poderá comprometer seu processo de aprendizado, pois, ao não conseguir desenvolver certas atividades exigidas pelos professores, pode acarretar em baixo rendimento escolar e possivelmente desestimular o aluno a continuar sua vida como estudante. Assim, descobrir os problemas no ensino de artes e solucioná-los é uma maneira de incentivar o aprendizado de nossos alunos. Acreditamos que todos somos capazes de desenvolver habilidades, basta apenas termos boas condições de aprendizado e incentivos necessários para que isso aconteça. Dessa forma, destacamos que a construção de histórias em quadrinhos é um bom instrumento para motivar os alunos ao processo criativo, mas também sabemos que sem recursos adequados este tipo de trabalho será um obstáculo para o bom desenvolvimento e estímulo da aprendizagem nesta disciplina.

Os muitos erros ortográficos nos quadrinhos dos alunos e a dificuldade de escrever determinadas palavras, nos alertou para possíveis outros problemas, específicos da língua portuguesa, como por exemplo a dificuldade destes discentes em leitura e interpretação de textos, já que inúmeros especialistas apontam que saber escrever corretamente reflete em ser bom leitor e conseqüentemente ter boa interpretação. No entanto, não pudemos nesta pesquisa fazer esta comparação ou identificar se uma coisa pode se relacionar ou dificultar a outra. Como esta não foi a intenção de nossa investigação, não atentamos para oralidade e leitura dos alunos. Mas, acreditamos que esta seja uma pesquisa bem relevante, já que a partir dela pode-se perceber as dificuldades dos alunos em língua portuguesa e, então, buscar maneiras para solucionar tais obstáculos.

Ao realizarmos a análise dos quadrinhos construídos pelos alunos do 8º ano na tentativa de responder nossa problemática inicial, ou seja, “de que forma as histórias em quadrinhos podem auxiliar no ensino e aprendizado de História?”, chegamos a algumas constatações, mas também nos surgiram novos questionamentos que buscamos compartilhar.

Primeiramente, verificamos que foi possível desenvolver uma atividade diferenciada no ensino de história utilizando HQs e que para isso não precisamos de recursos sofisticados, bastou apenas dispor de materiais que são usados frequentemente pelos alunos. Também é importante frisar que não é necessário o professor desviar o planejamento de suas

aulas, basta saber inserir os quadrinhos de forma adequada que poderá alcançar bons resultados. No entanto, é preciso que o educador conheça seus alunos para escolher a melhor forma de trabalhar com esse recurso didático, pois observamos que a maioria dos estudantes escolhidos para a atividade da pesquisa não receberam a proposta com entusiasmo, havendo uma grande aversão em desenvolver o que foi solicitado. Dessa forma, indicamos aos professores que pretendem utilizar esse tipo de atividade em suas aulas verificar a possibilidade de desenvolvê-la ou não com seus alunos, para que não tenha resultado diferente do esperado, e, ao invés de tornar o aprendizado do conteúdo mais agradável, esse venha ser maçante para os discentes, prejudicando o bom proveito do que está sendo ensinado.

Sabemos que o professor de História exerce grande influência na construção da consciência histórica de seus alunos. Dessa forma, despertou nossa atenção o fato do contexto histórico da Independência do Brasil ter sido trabalhado em sala de aula pouco tempo antes do início de nossa pesquisa e, mesmo assim, os alunos tiveram dificuldade em construir uma narrativa que possuísse criticidade sobre tal acontecimento e até mesmo o expressivo número de alunos que relataram, em conversas paralelas, realmente não saber o que foi a Independência do Brasil. Diante disso, é importante revermos de que forma este conteúdo está sendo ensinado por nossos professores, pois o que percebemos é que mesmo em meio a muitos apelos por um ensino de história que seja relevante para a vida prática dos educandos, ainda existe a reprodução de um discurso já superado, em que os fatos históricos parecem ser algo pronto e acabado, acontecimentos isolados e sem continuidades.

Ademais, observa-se que paralelamente ao problema do ensino coloca-se a questão da aprendizagem, posto que, independente da abordagem proposta, os conteúdos já apresentados aos alunos pelos professores não foram devidamente apreendidos pelos estudantes, o que se manifesta nos inúmeros erros, de diversas ordens, presentes durante a atividade. Não sabemos como os docentes da turma têm feito o acompanhamento da aprendizagem, mas a elaboração dos quadrinhos funcionou como avaliação diagnóstica, permitindo notar falhas no processo de ensino-aprendizagem da disciplina de História, Artes e Língua Portuguesa.

O que nos fez refletir sobre isso foi o grande número de alunos que apresentaram em seus quadrinhos consciência tradicional sobre a Independência do Brasil. Não que isso seja de todo mal, já que o aprendizado histórico destes ainda está em formação, sendo possível, eles alcancarem futuramente outros níveis de concepção histórica sobre este acontecimento. Mas o fato de numa turma de trinta (30) alunos, dezesseis (16) dos discentes (mais da metade) ainda construírem suas narrativas baseados numa perspectiva histórica ultrapassada, nos faz pensar

sobre qual seja a concepção histórica que o professor de história possui, visto que ele é muito importante na disseminação de referências sobre a história e pode estar favorecendo uma concepção dos fatos que queremos superar.

No entanto, ao encontrarmos a narrativa construída por uma aluna que demonstra o tipo de consciência histórica crítica, nos leva a questionar: Por que somente esta aluna se diferenciou dos demais colegas, demonstrando este tipo concepção histórica? Quais seriam as influências que ela teve durante sua vivência, que a fizeram desenvolver esse tipo de consciência histórica sobre o contexto da Independência do Brasil? Talvez estes questionamentos sejam de difíceis respostas, cabendo uma investigação cuidadosa e aprofundada para solucioná-los. Porém, é importante destacar que numa turma de alunos em que é ensinado os mesmos conteúdos de uma mesma maneira, o aprendizado histórico de cada um se difere e eles constroem suas concepções sobre o passado de diferentes formas, já que sofrem influências diretas do meio em que vivem e das pessoas com que se relacionam.

A partir destas considerações, acreditamos que as mesmas fontes utilizadas para análise neste trabalho seriam um rico objeto de pesquisa para outras áreas, como a psicologia ou a pedagogia, pelo fato de muitos alunos desenvolverem suas histórias com narrativas que demonstram estarem retratando a si próprios e parte de seu cotidiano, assim, como seus desejos, preocupações e aflições. Também propomos aos que se interessam pelo campo de pesquisa da didática da história, a análise sobre o porquê do desconhecimento dos alunos sobre determinados acontecimentos históricos ou até mesmo qual o motivo de não conseguirem assimilar o conteúdo estudado a pouco tempo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, Cláudia Sales de. “**Ler ou não ler, eis a questão**”: O uso das histórias em quadrinhos na educação brasileira. In: anpuh – xxv simpósio nacional de história, 25, 2009, Fortaleza. Anais anpuhnacional Fortaleza: resources, 2009. p. 1-10. Disponível em: <<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.25/ANPUH.S25.0749.pdf>>. Acesso em: 24 mai. 2017

ÁVILA, Brayan Lee Thompsom; BERBERT, Anne Isabelle Vituri. **O uso de HQ para o ensino de conceitos históricos de segunda ordem**. História & Ensino, Londrina, v. 18, p. 07-30, Especial, 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/13253/11525>>. Acesso em: 10 set. 2017

BARBOSA, Alexandre. Os quadrinhos no ensino de Artes. In: BARBOSA, Alexandre; RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio; RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014, p. 131-147

BAROM, Wilian Carlos Cipriani; CERRI, Luis Fernando. **O ensino da história a partir da teoria de jörn rüsen**. In: Seminário de pesquisa do PPE, 2011, Maringá. p. 1-9. Disponível em: <[http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario\\_ppe\\_2011/pdf/1/006.pdf](http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2011/pdf/1/006.pdf)>. Acesso em: 30 ago. 2017

BONIFÁCIO, Selma de F. **História E(m) Quadrinhos**: análises sobre a História ensinada na arte sequencial. 2005. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2005. Disponível em: <[https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/6604/S\\_BONIFACIO DISSERTA \\_web.pdf?sequence=2](https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/6604/S_BONIFACIO DISSERTA _web.pdf?sequence=2)>. Acesso em: 17 abr. 2017

BONIFÁCIO, Selma de F.; CERRI, Luís F. **Histórias em quadrinhos**: conhecimento histórico e comunicação de massa no espaço escolar. In: Simpósio Nacional de História, 23., 2005, Londrina. Anais anpuhnacional Londrina: resources, 2005, p.1-8. Disponível em: <<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.23/ANPUH.S23.0933.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2018

CAMPOS, Rogério de. **Imageria: o nascimento das histórias em quadrinhos**. São Paulo: Veneta, 2015.

CAMPOS, Cláudio César de Oliveira. **Quadrinhos e o incentivo à leitura**. 2013. xviii, 142 f., il. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) — Bacharelado em Biblioteconomia, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/6091>>. Acesso em: 05 nov. 2018

CARVALHO, Raphael Guilherme de. **Jörn Rüsen e os fundamentos teóricos da didática da história**. Revista de Teoria da História, Goiânia, Ano 6, v. 12, n. 2, p. 358-368, Dez. 2014. ISSN 2175-5892. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/33455>>. Acesso em: 12 jul. 2017

FONZA, Marcelo. **As narrativas históricas gráficas como expressão da aprendizagem histórica de jovens estudantes do ensino médio**: perspectivas da educação histórica. Revista

História Hoje, v. 4, nº 8, p. 81-103, 2015. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/188>>. Acesso em: 06 set. 2017.

FURLAN, Cleide. HQ e os “syndicates” norte-americanos. In: LUYTEN, Sonia M. Bibe (org.). **História em Quadrinhos. Leitura crítica**. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 27-33.

GOIDANICH, Hiron Cardoso. Pequena história das histórias em quadrinhos. In: GOIDANICH, Hiron Cardoso; KLEINERT, André. **Enciclopédia dos Quadrinhos**. Porto Alegre: L&PM, 2014, p. 9-15.

GOIDANICH, Hiron Cardoso; KLEINERT, André. **Enciclopédia dos Quadrinhos**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

LIMA, Douglas Mota Xavier de. **Histórias em quadrinhos e ensino de História**. Revista História Hoje, v. 6, nº 11, p. 147-171, 2017. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/332>>. Acesso em: 19 mar. 2017

LIMA, Luciano Soares; FLORES, José Antonio Vieira; AZEVEDO, Cláudio Tarouco de. **O ensino de arte e as histórias em quadrinhos (HQ): A arte sequencial e o desenvolvimento gráfico**. Palíndromo. v. 7, n. 14, p. 27-44, ago/dez, 2015. ISSN 2175-2346 Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/6779/4871>>. acesso em: 29 mai. 2018.

MAZUR, Dan & DANNER, Alexander. **Quadrinhos. História moderna de uma arte global**. Martins Fontes: São Paulo, 2014.

MEDEIROS, Elisabeth Weber. **Ensino de história: fontes e linguagens para uma prática renovada**. VIDYA, v. 25, n. 2, p. 59-71, jul/dez, 2005 - Santa Maria, 2007. ISSN0104 - 270 X. Disponível em: <<https://www.periodicos.unifra.br/index.php/VIDYA/article/view/395>>. Acesso em: 23 mar. 2018

MOURA, Alexandre Costa; SILVA, Maria Vilma da. **Déficit de aprendizagem na leitura e na escrita dos alunos da educação básica se estende ao nível superior**. Revista Eletrônica de Educação de Alagoas Volume 01. Nº 01. p. 60-69, 1º Semestre de 2013. Disponível em: <<webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:K99vdk-HYw4J:www.educacao.al.gov.br/component/jdownloads/send/151-1-edicao/550-deficit-de-aprendizagem-na-leitura-e-na-escrita-dos-alunos-da-educacao-basica-se-estende-ao-nivel-superior+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 07 fev. 2018.

MOYA, Álvaro. **História das histórias em quadrinhos**. Porto Alegre: L&PM, 1986.

NEVES, Sílvia da Conceição. **A história em quadrinhos como recurso didático em sala de aula**. 2012. 30 f., il. Monografia (Licenciatura) — Licenciatura em Artes Visuais, Universidade de Brasília, Universidade Aberta do Brasil, Palmas-TO, 2012. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/5588>>. Acesso em: 02 nov. 2017

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. “Novas” e “diferentes” linguagens e o ensino de história: construindo significados para a formação de professores. EntreVer, Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 262-277, jan./jun. 2012. ISSN 2237-6674. Disponível em: <<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/EntreVer/article/view/1647>>. Acesso em: 23 mar. 2018

PESSOA, Alberto Ricardo. **Quadrinhos na Educação: Uma Proposta Didática na Educação Básica**. 2006. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Artes de São Paulo – Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/100272>>. Acesso em: 24 mai. 2017

PETRONILO, Ana Paula da Silva. **Dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita**. Brasília, 2007. 54 p. Monografia (Especialização) – Especialização em Esporte Escolar, Universidade de Brasília. Centro de Ensino a Distância, 2007. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/274506561/DIFICULDADE-DE-APRENDIZAGEM-NA-LEITURA-E-NA-ESCRITA>>. Acesso em: 20 mai. 2018

PORTUGAL, Ana Raquel Marques da Cunha Martins. **A utilização de história em quadrinhos no ensino de história**. Revista CAMINE: Caminhos da Educação, Franca, v. 7, n. 2, 2015. ISSN 2175-4217. Disponível em: <<https://ojs.franca.unesp.br/index.php/caminhos/article/view/1474>>. Acesso em: 10 mai. 2018

RAMOS, Paulo. Os quadrinhos em aulas de Língua Portuguesa. In: BARBOSA, Alexandre; RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio; RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014, p. 65-85.

RAMOS, Paulo. **Revolução do Gibi: a nova cara dos quadrinhos no Brasil**. São Paulo: Devir, 2012.

RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Resende (Org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011. p. 23-40.

RÜSEN, Jörn. Experiência, Interpretação, Orientação: as três dimensões da aprendizagem histórica. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Resende (Org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011. p. 79-91.

RÜSEN, Jörn. Narrativa histórica; fundamentos, tipos, razão. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Resende (Org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011, p. 93-108

RÜSEN, Jörn. O desenvolvimento da competência narrativa na aprendizagem histórica: uma hipótese ontogenética relativa à consciência moral. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Resende (Org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011, p. 51-77

RÜSEN, Jörn. O livro didático ideal. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Resende (Org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011, p. 109-127

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos; GARCIA, Tânia Maria F. Braga. **A formação da consciência histórica de alunos e professores e o cotidiano em aulas de história**. Cad. CEDES [online]. 2005, vol.25, n.67, p. 297-308. ISSN 0101-3262. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622005000300003&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622005000300003&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 20 out. 2017.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel, GARCIA, Tânia Braga. Significados do pensamento de Jörn Rüsen para investigação na área da educação histórica. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Resende (Org.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011, p. 11-21.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2009.

SILVA JÚNIOR, Astrogildo Fernandes da; RODRIGUES, Fabiana Conceição de Moura Gonçalves. **Histórias em quadrinhos e ensino de história: olhares e práticas**. OPSIS, Catalão, Goiás, v. 13, n. 1, p. 66-82 - jan./jun. 2013. ISSN 2177-5648. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/19816#.W6KAKXtKjIU>>. Acesso em: 24 mai. 2017

SILVA, Fábio Tavares da; BRITO, Adriana de Sá Leite de. **História em quadrinhos como expressão artística na formação do artista/professor/pesquisador**. Revista Temporis [ação], v.16, n.2, número especial, p.135-149, 2016. ISSN 2317-5516. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/article/view/4695>>. Acesso em: 29 mai. 2018.

SOUSA, Regina Lúcia de; SILVA, Raimunda de Jesus da. **Dificuldades na aprendizagem: a língua escrita e seus desafios numa escola pública cearense**. Revista textos e debates, Boa Vista, n. 17, edição online, p. 52-64, 2009. Disponível em: <<https://revista.ufr.br/textosedebates/article/view/753/649>>. Acesso em: 07 fev. 2018.

SOUZA, Alberto Carlos; FERRAREZ, Adriano Henrique. **Histórias em quadrinhos na educação artística, energética e ambiental no proeja**. HOLOS, Itaperuna, Ano 33, Vol. 04, p. 201-216, 2017. ISSN 1807 – 1600. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/5544>>. Acesso em: 29 mai. 2018.

SOUZA, Maria Janaina Piedade; SOUZA, Nadia Aparecida de. **Dificuldades para o ensino de artes: o que dizem os professores**. In: XVII SEDU – Semana da Educação UEL 2017 “Educação e Dilemas Contemporâneos”, 2017, Londrina. Anais eletrônicos... Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2017. Disponível em <<http://www.uel.br/eventos/semanadaeducacao/pages/anais/2017/sumario-anais-2017.php>>. Acesso em: 15 mai. 2018.

SOUZA, Marli Schirmer Teles de; SANTOS Juliano Ciebre dos. **Os desafios no ensino de artes**. Nativa – Revista de ciências sociais do norte do Mato Grosso, Mato Grosso, v. 1, n. 2, p. 1-6, 2013. Disponível em: <<http://revistanativa.com/index.php/revistanativa/article/view/130>>. Acesso em: 25 mai. 2018.

TANINO, Sonia. **Histórias em quadrinhos como recurso metodológico para os processos de ensinar**. 2011. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/SONIA%20TANINO.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2017

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: BARBOSA, Alexandre; RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio; RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs). **Como usar as**

**histórias em quadrinhos na sala de aula.** 4. ed., 2ª reimpressão. São Paulo, contexto, 2014. p. 7-29.

VERGUEIRO, Waldomiro. As histórias em quadrinhos no limiar de novos tempos: em busca de sua legitimação como produto artístico e intelectualmente valorizado. **Revista Visualidade**, vol.7 n.1 jan./jun. 2009, p. 15-41.

VERGUEIRO, Waldomiro. A pesquisa em quadrinhos no Brasil: a contribuição da universidade. In: LUYTEN, Sonia B. (org.). **Cultura pop japonesa. Mangá e animê.** São Paulo: Hedra, 2005, p.15-26.

VERGUEIRO, Waldomiro. Origen, desarrollo y tendencias de las historietas brasileñas. **Revista latinoamericana de estudios sobre la historieta**, Cuba, n.16, v.4, diciembre de 2004, p.192-214.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (org.). Os quadrinhos oficialmente na escola: dos PCN ao PNBE. In: **Quadrinhos na Educação. Da rejeição à prática.** São Paulo: Editora Contexto, 2009 (E-book).

Elísio dos. **A revista Gibi e a consolidação do mercado editorial de quadrinhos no Brasil.** In: Matrizes, v.8, n.2, p. 175-190, jul./dez. 2014, São Paulo. ISSN: 1982-2073

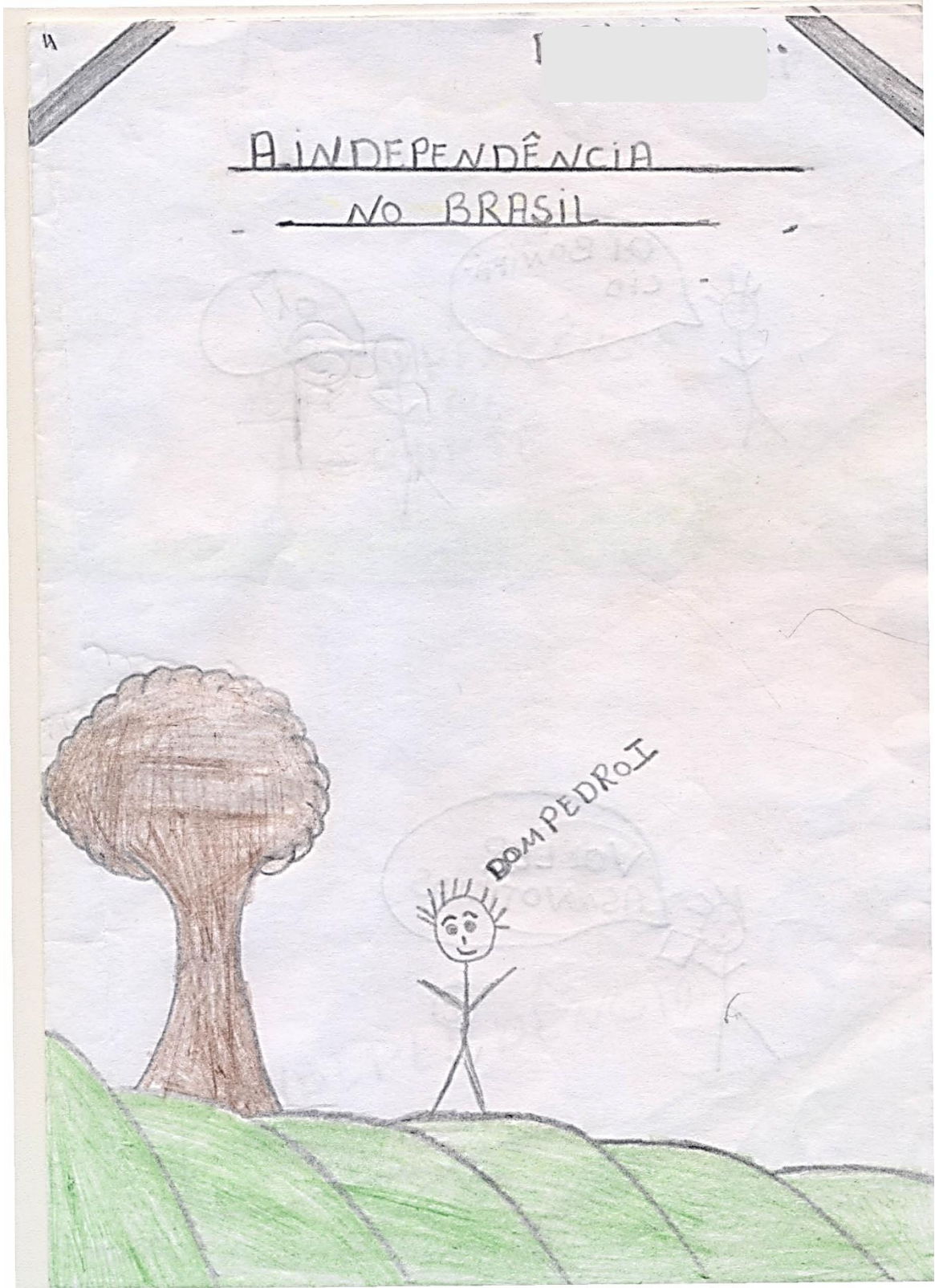
VILCHES, Geraldo. **Breve história del cómic.** Madrid: Nowtilus, 2014.

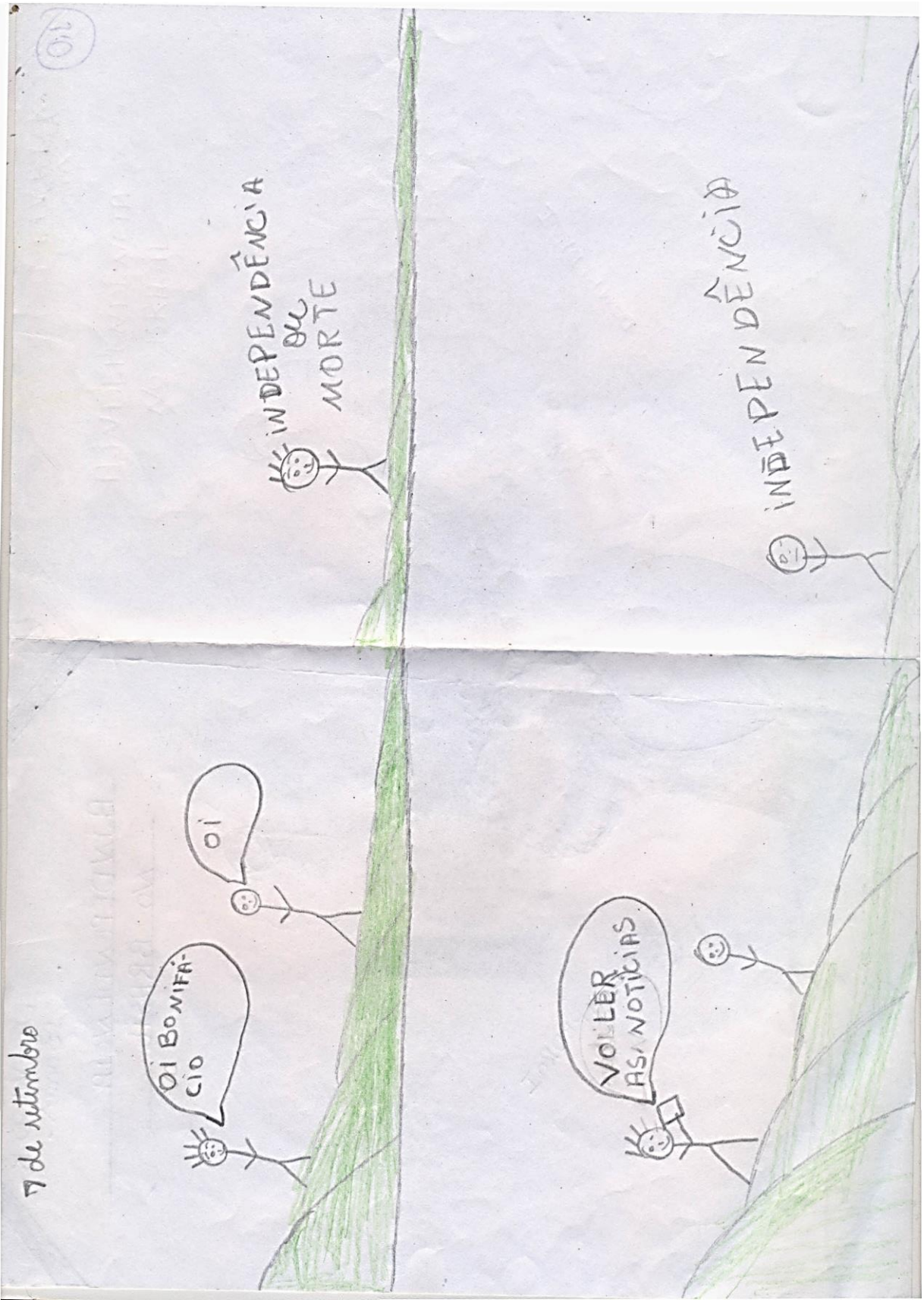
VILELA, Marco Túlio Rodrigues. **A utilização dos quadrinhos no ensino de história: avanços, desafios e limites.** 2012, 322 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Humanidades e Direito, Mestrado em Educação, Universidade Metodista de São Paulo. 2012. Acesso em: <<http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/971>>. 24 mai. 2017

VILELA, Túlio. Os quadrinhos na aula de História. In: BARBOSA, Alexandre; RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio; RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** 4. ed., 2ª reimpressão. São Paulo, contexto, 2014. p. 105-129

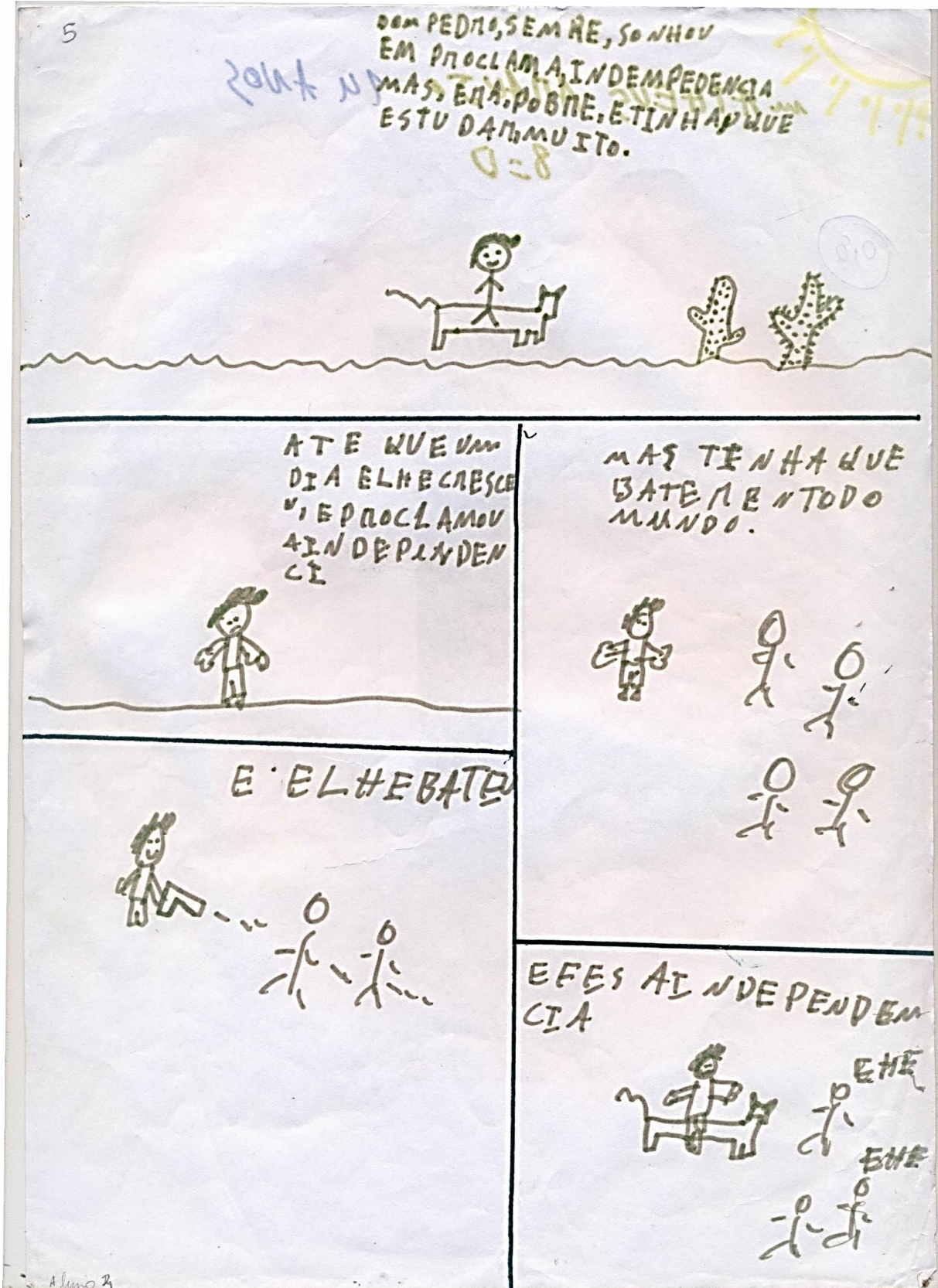


ALUNO 2

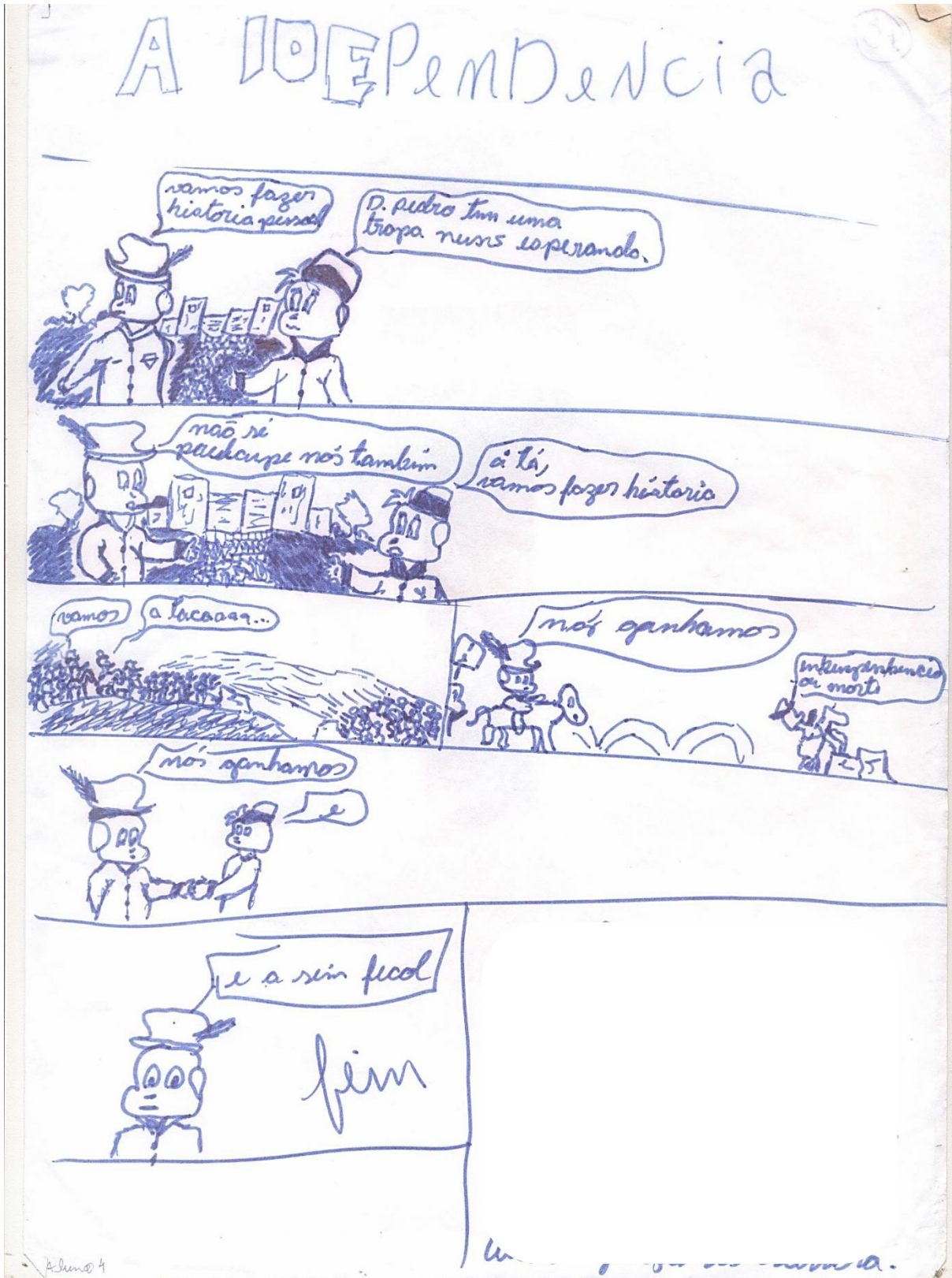




ALUNO 3

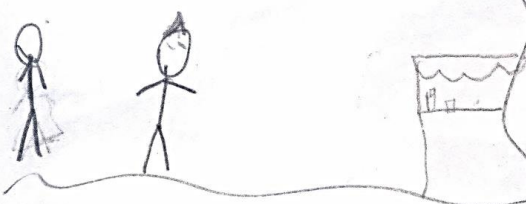


ALUNO 4

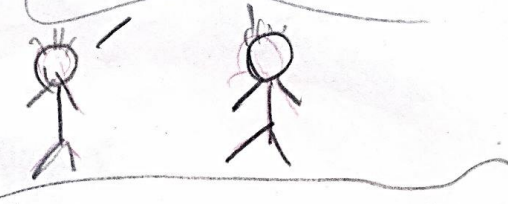


ALUNO 5

com as coisas na qual  
aparece um transporte  
das outras cidades  
com seus recursos



e com tudo isso  
o dom Pedro  
decidiu fazer uma  
nova decisão



que a partir da qual  
dia os luses  
deu Brasil suam  
do Brasil



o mesmo aconteceu



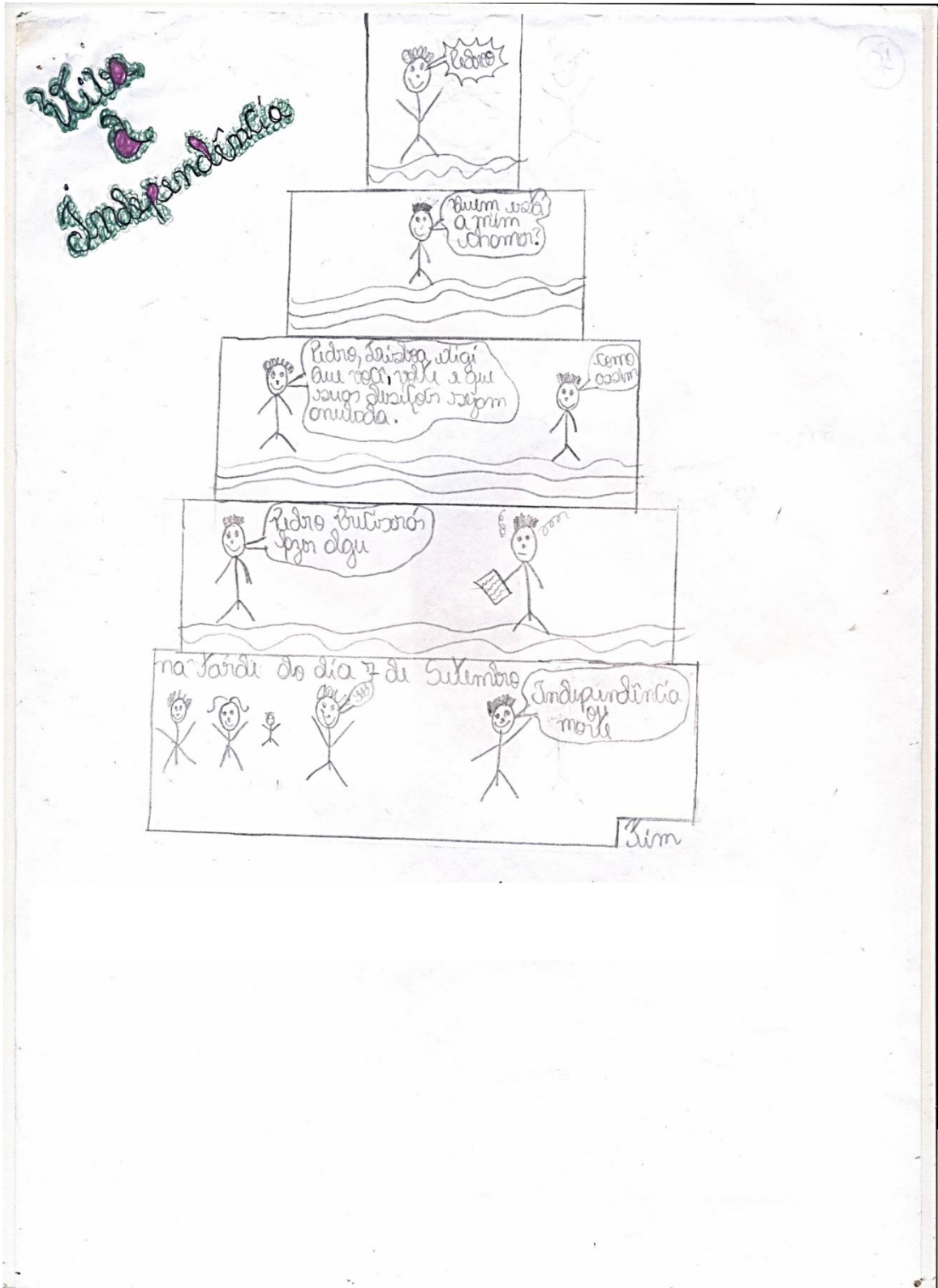
onde ele chegou prate a uma  
guerra e paz em;



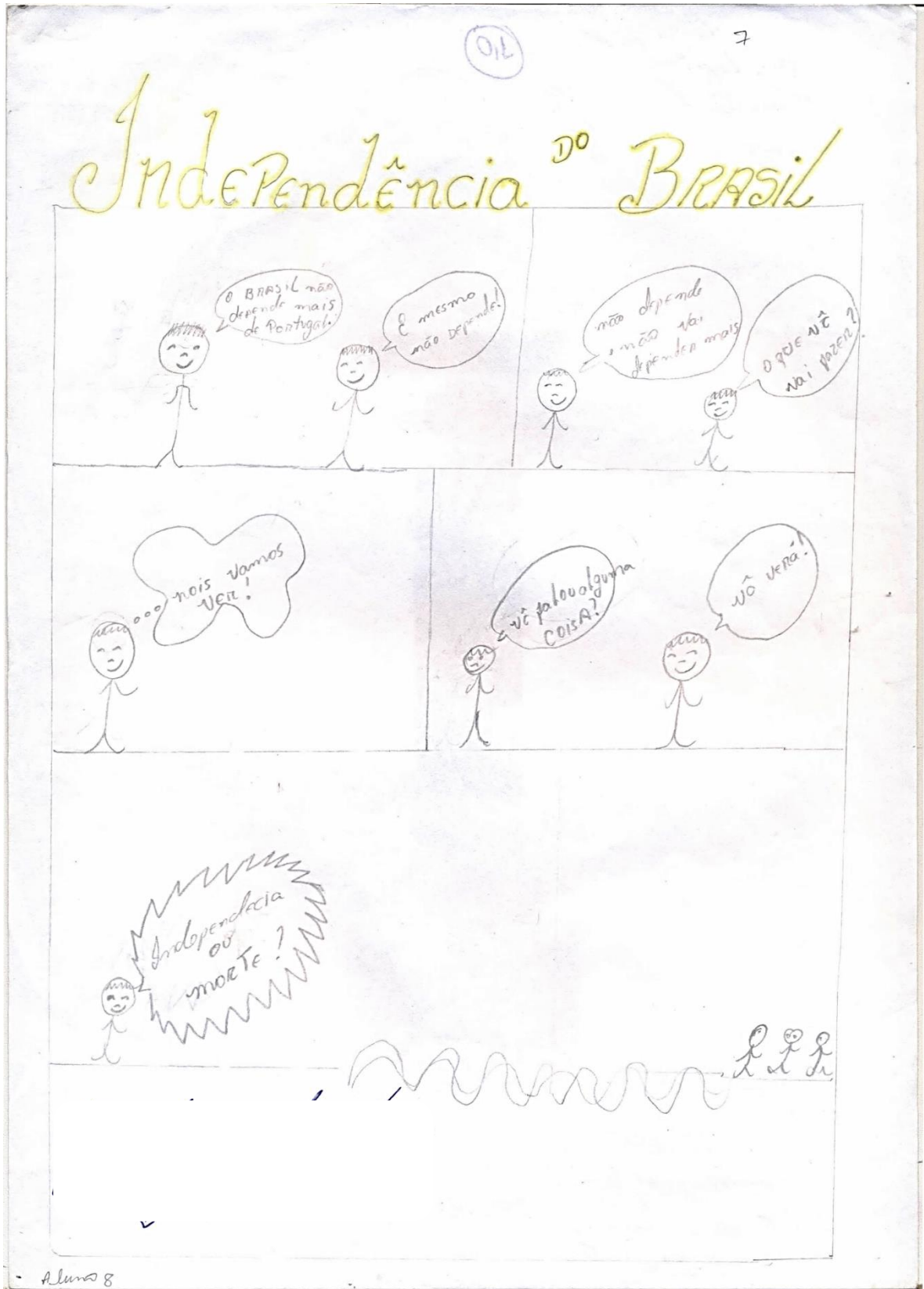
ALUNO 6



ALUNO 7



ALUNO 8



Aluno 8

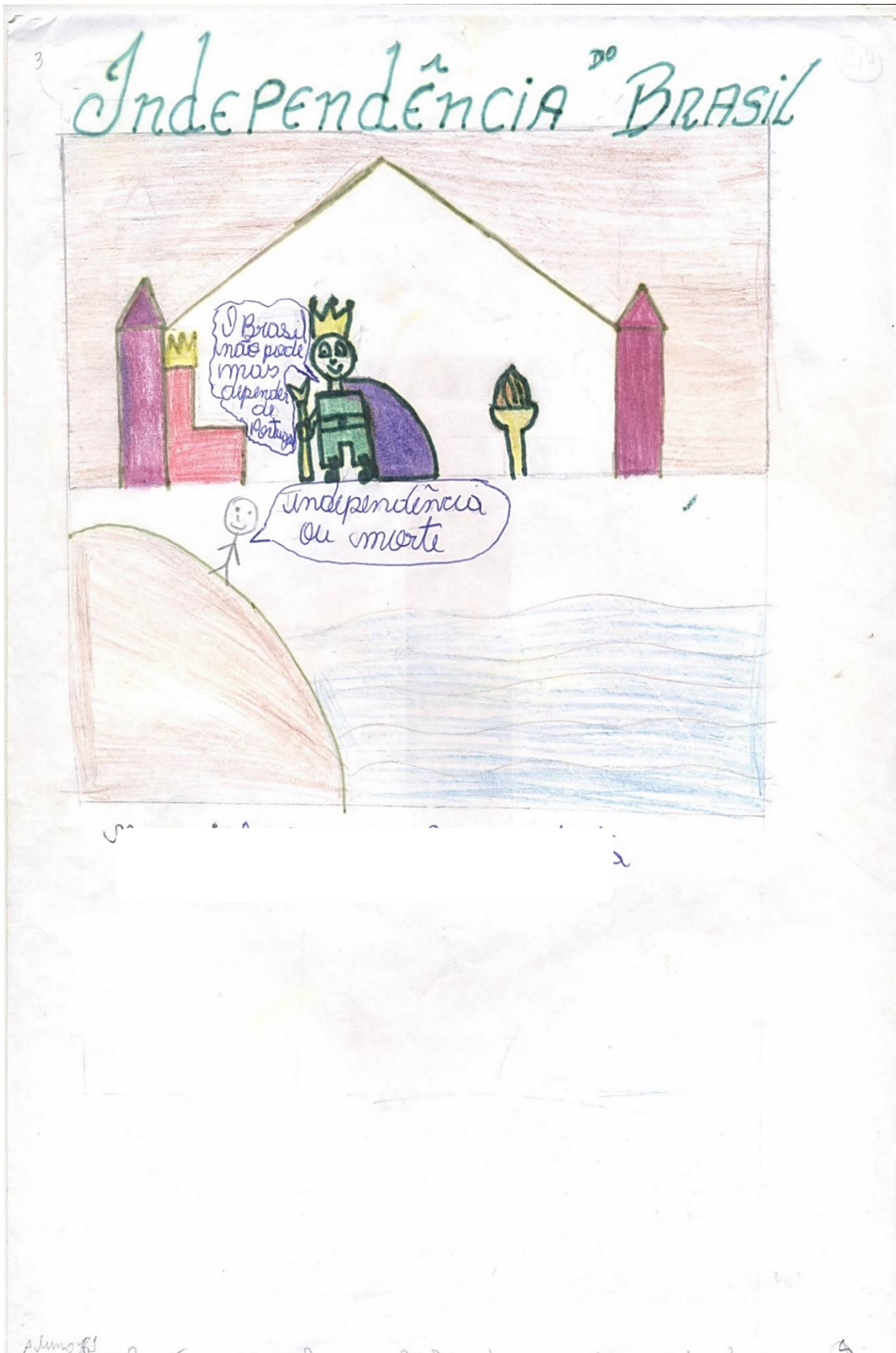
ALUNO 9



ALUNO 10



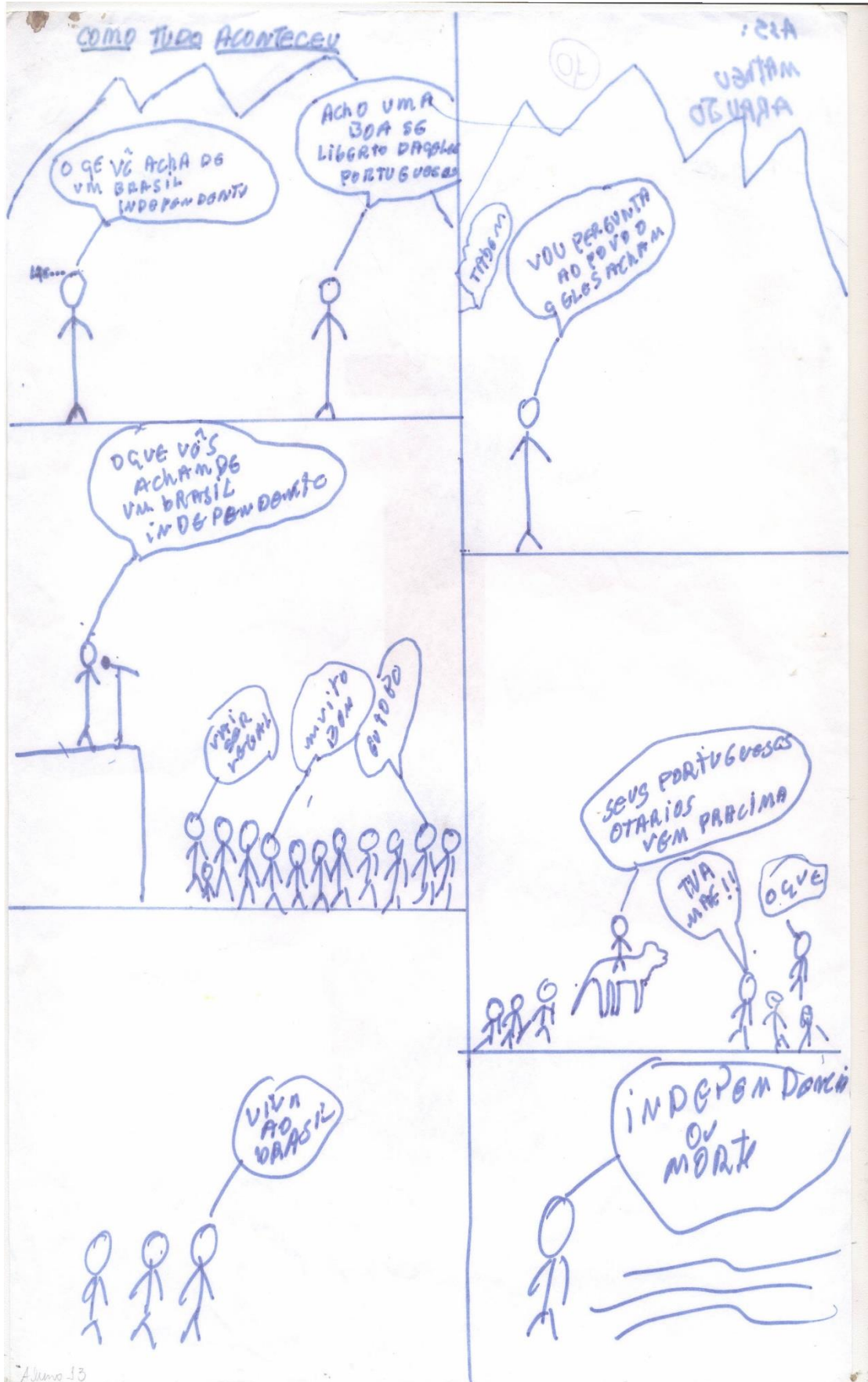
ALUNO 11



ALUNO 12



ALUNO 13



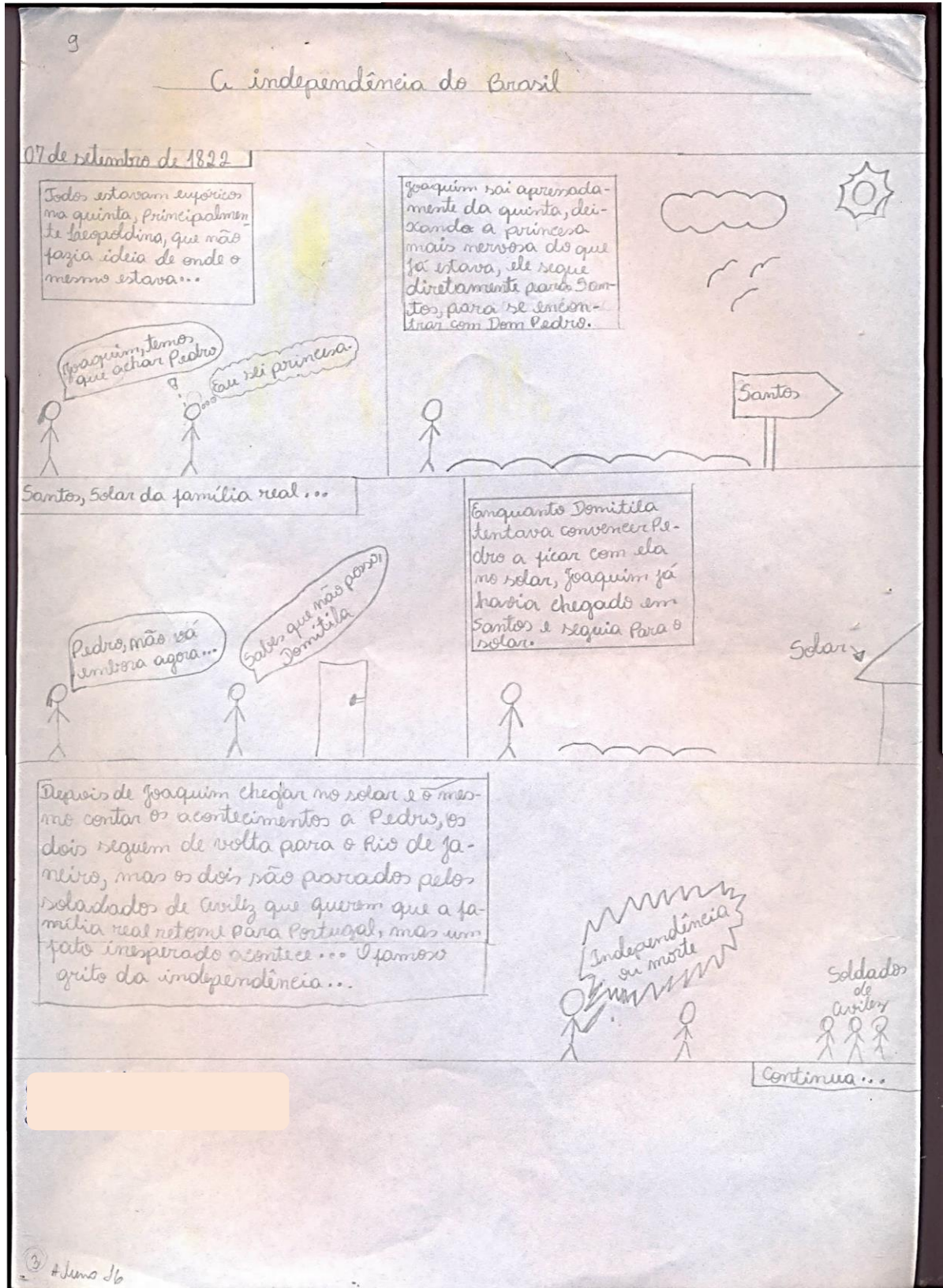
ALUNO 14



ALUNO 15









ALUNO 16



3 Junho 16

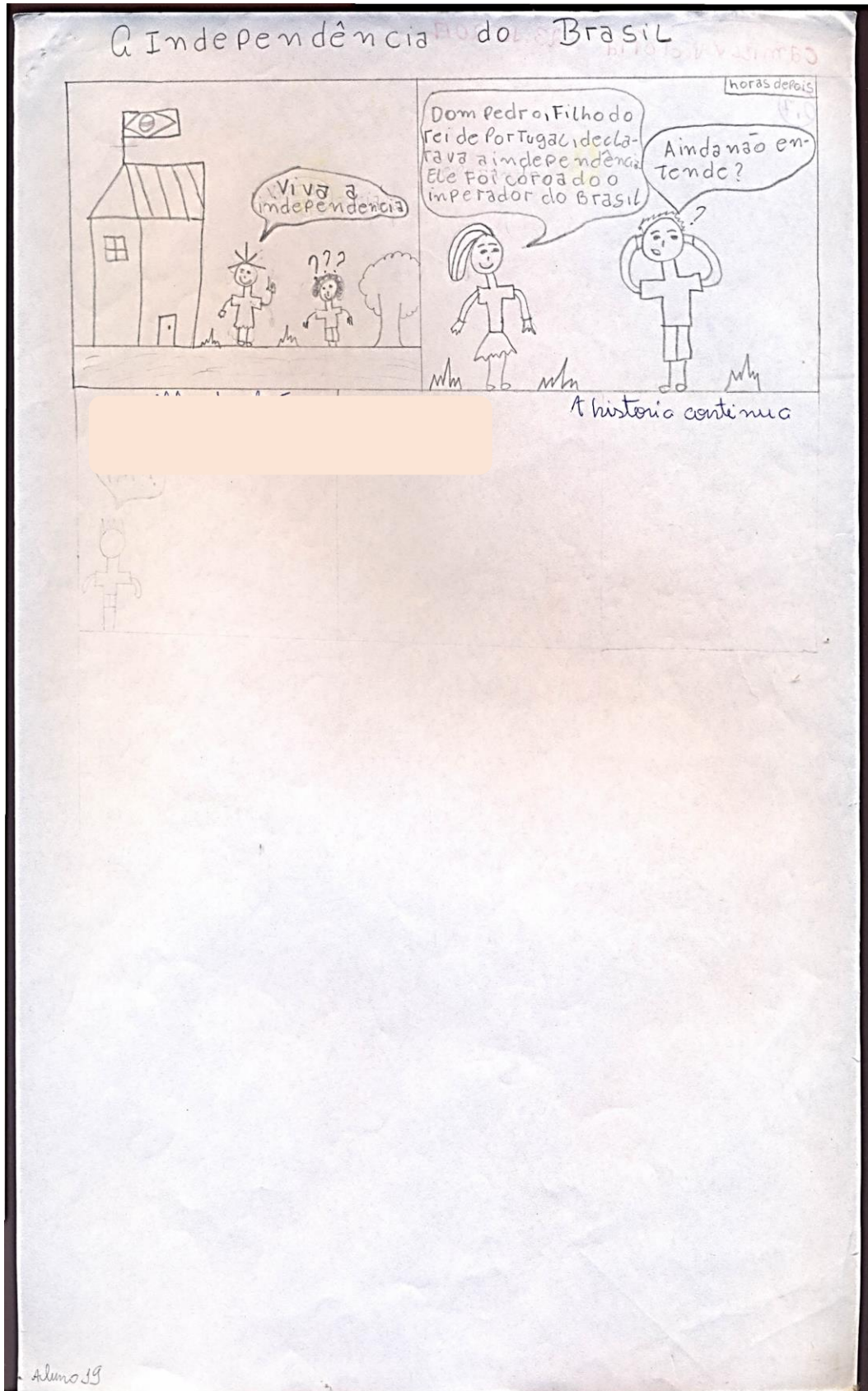
ALUNO 17

|   |   |
|---|---|
| <p>versão Da independência</p> <p>deu o vetor<br/>nar para<br/>portugal</p>  <p>Dom Pedro</p>  | <p>Claro: sim</p> <p>Oha! Dom<br/>Pedro quanto tempo<br/>que eu te<br/>mangu</p> <p>Abreu o<br/>cartaz</p>  <p>Jose Bonifacio</p>  |
| <p>Vamos fazer uma<br/>reapm e anlon<br/>Trar o principe<br/>regente do</p>  <p>Pedro alvares<br/>Cabral</p> <p>sim! vamos</p>  | <p>Vamos fazer guerra</p> <p>Independência<br/>eu quero</p>  <p>Príncipe<br/>regente</p>  <p>Pedro alvares<br/>cabral</p> |
| <p>Então que foi procla<br/>mada a undependncia<br/>do Brasil que aconteceu<br/>no dia 7 setembro em<br/>1822.</p> <p>Aluno 17</p>  |   |

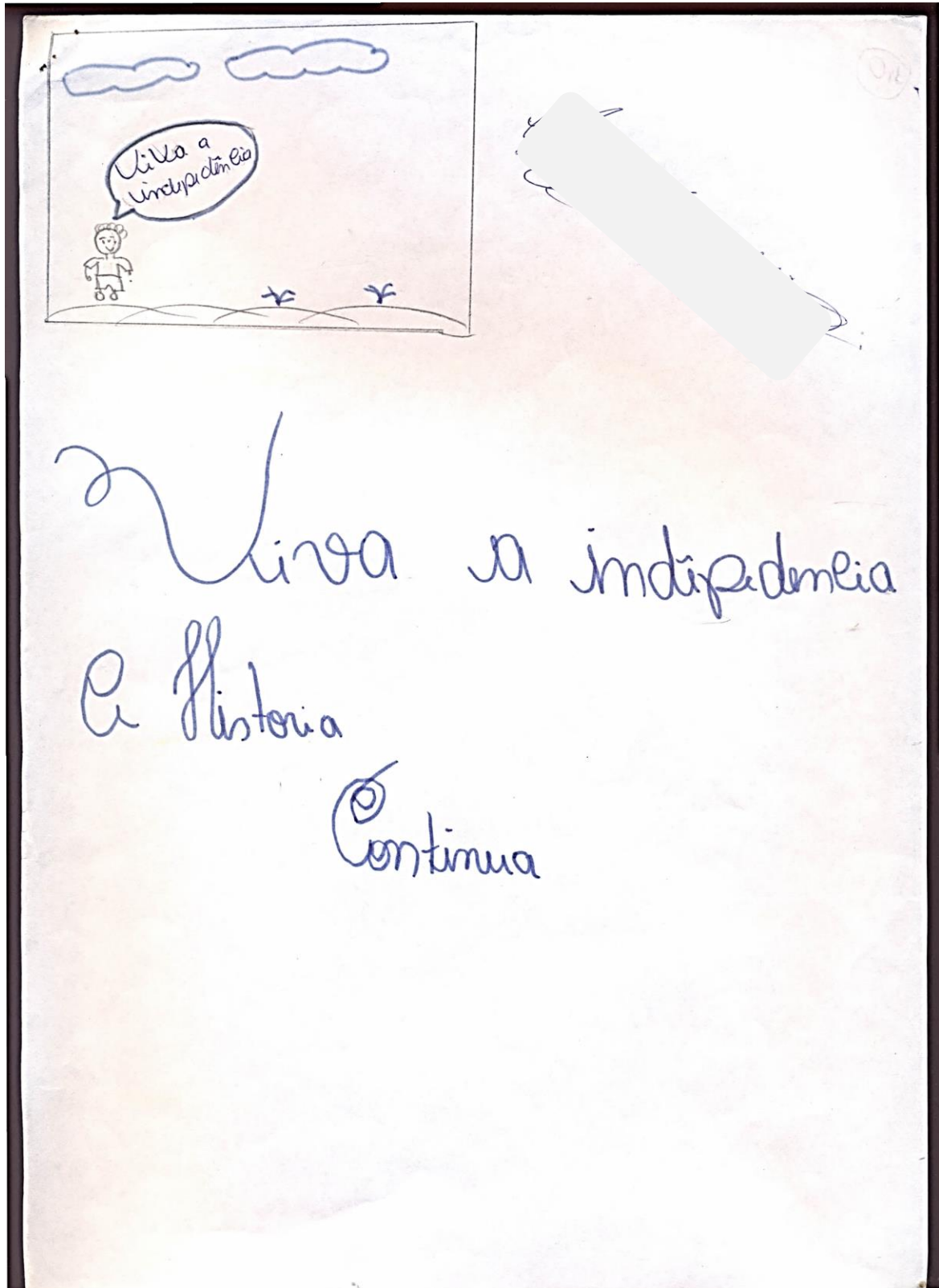
ALUNO 18



ALUNO 19





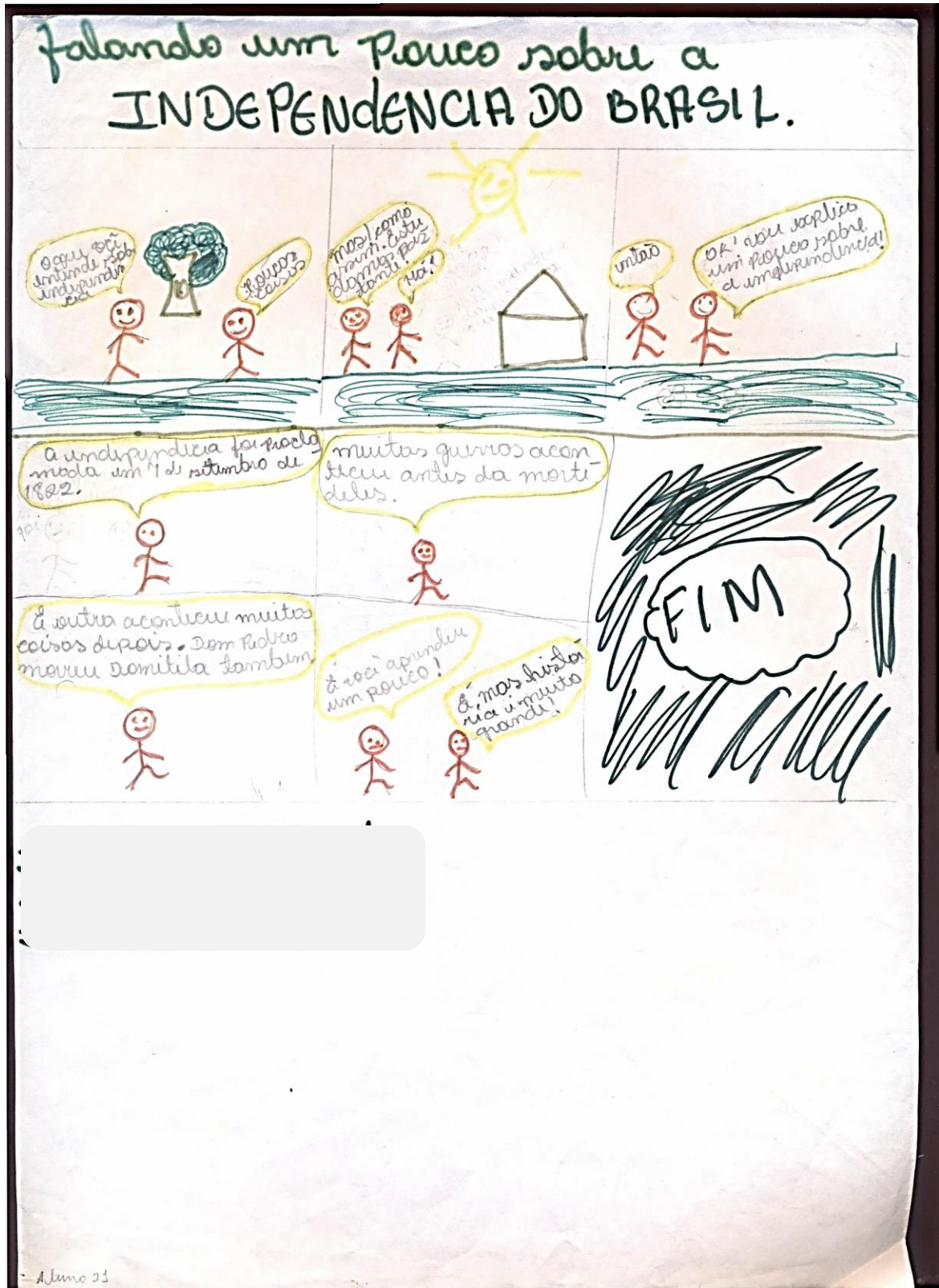


Viva a independência

A História

Continua

ALUNO 21



ALUNO 22

A independência do Brasil

com o surgimento do povo brasileiro



4 Jun 22

ALUNO 23

equilíbrio leu na 1a) aula  
**INDEPENDENCIA 4/08**

**1a) aula**  
 Um homem: Vou contar uma história pra vocês.  
 Outro homem: Conte, conte.  
 A muitos tempo atrás  
 Em mid 1822 um príncipe filho de dom Filipe

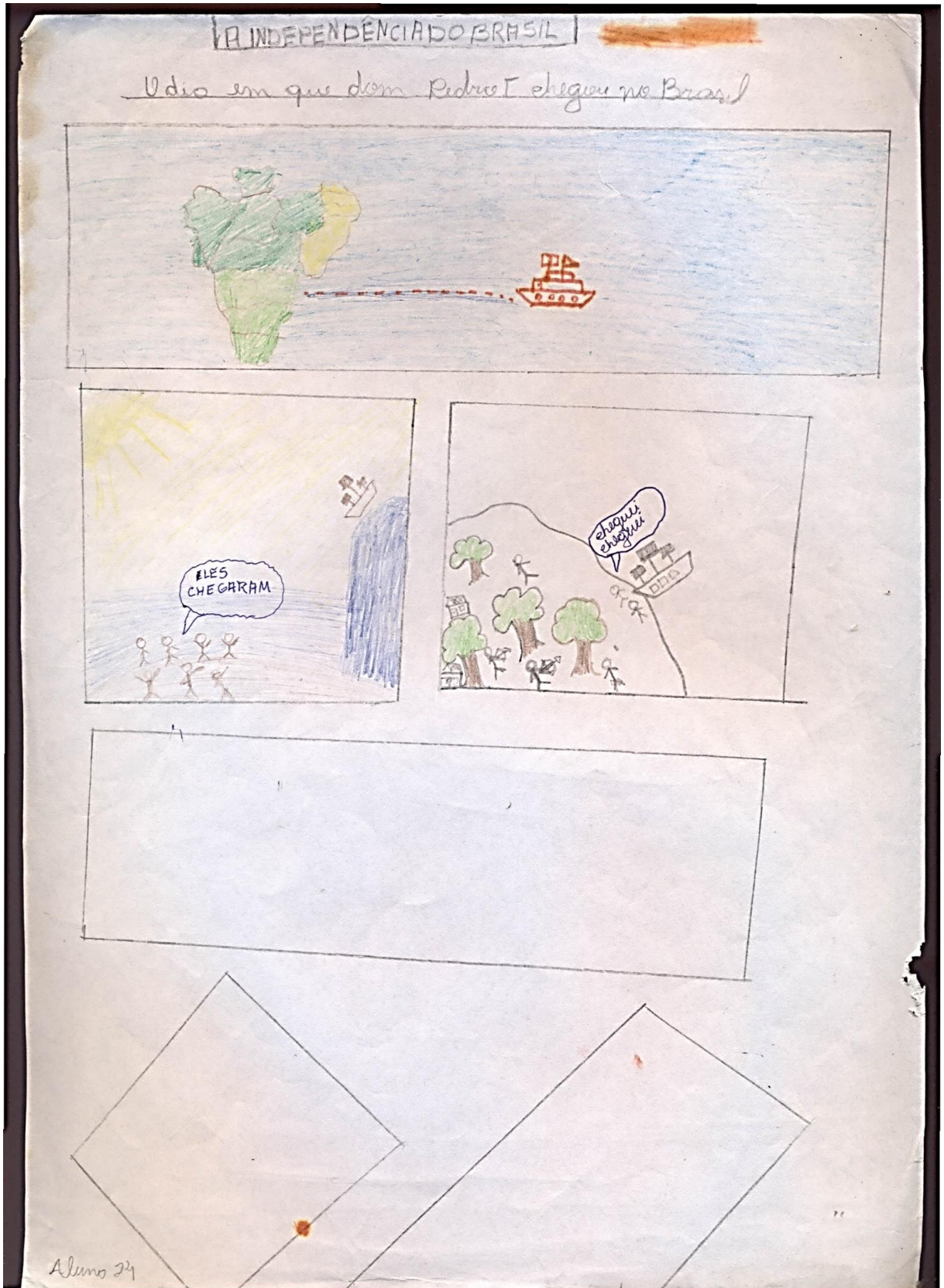
Do maraton em patu gel aqui no para. de no tempo, muito galantia  
 Lá se um homem muito bonito no gestora muito de isto em gente  
 a mesmo nome e meu filho

no que tempo todos os mulheres lembraram ter ele como marido no por cause do dinheiro e por cause que ele muito bonito  
 no que tempo do vison no saque de príncipe pensava ni e tanto. e esse príncipe filho de dom Filipe se chamado gome e se meu pai e a dona maria

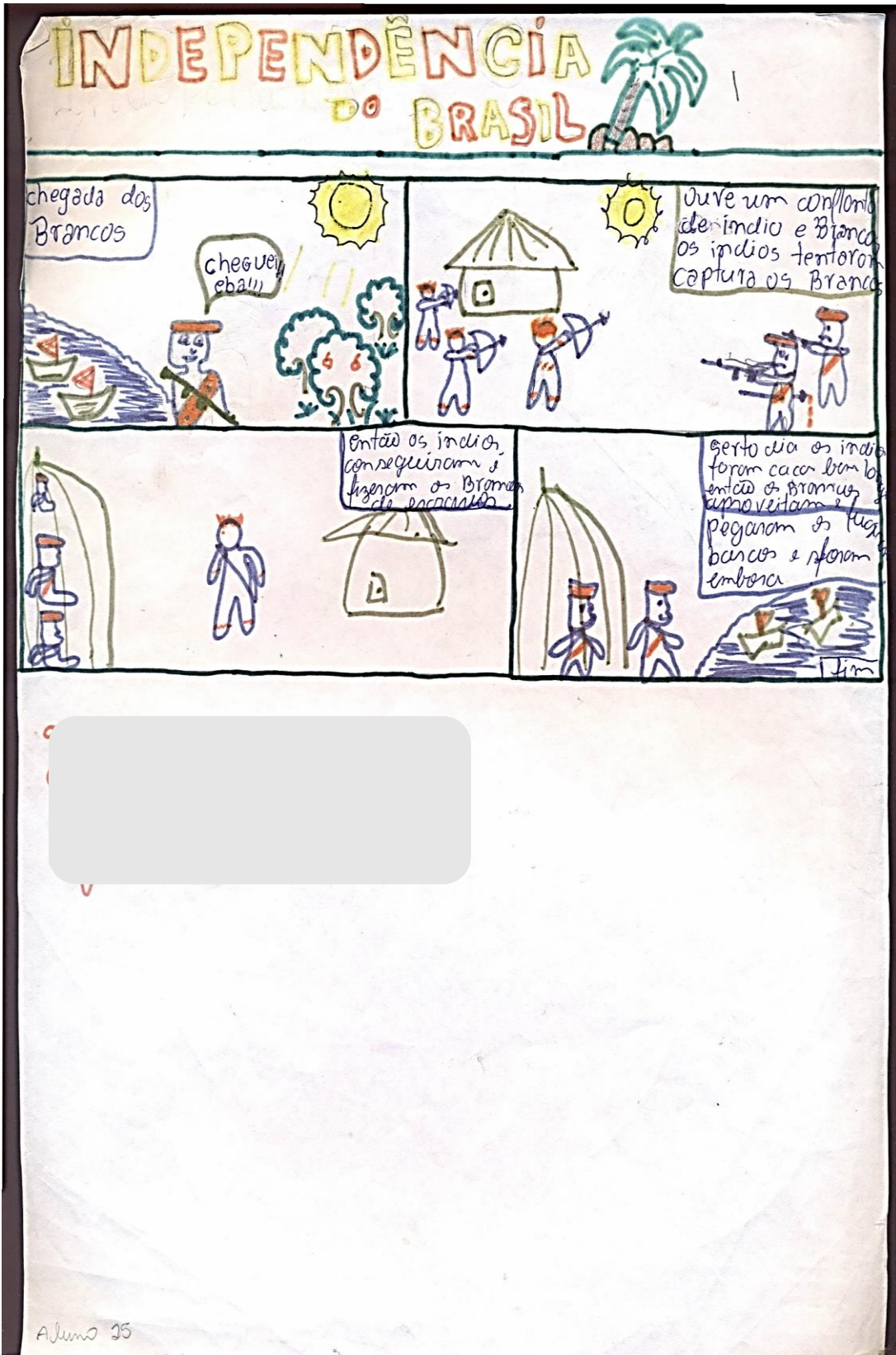
meu meu filho, ele não gosta de meu pai dom Filipe por cause do tempo tem muito.  
 E meu pai não queria que meu filho I, deixasse a independência, mais meu filho muito bonito e bravo com meu pai, mais e bu todos aqui pra hora de rio tapajó e foi independência de meu pai.  
 HAHHAH

P.M.

ALUNO 24



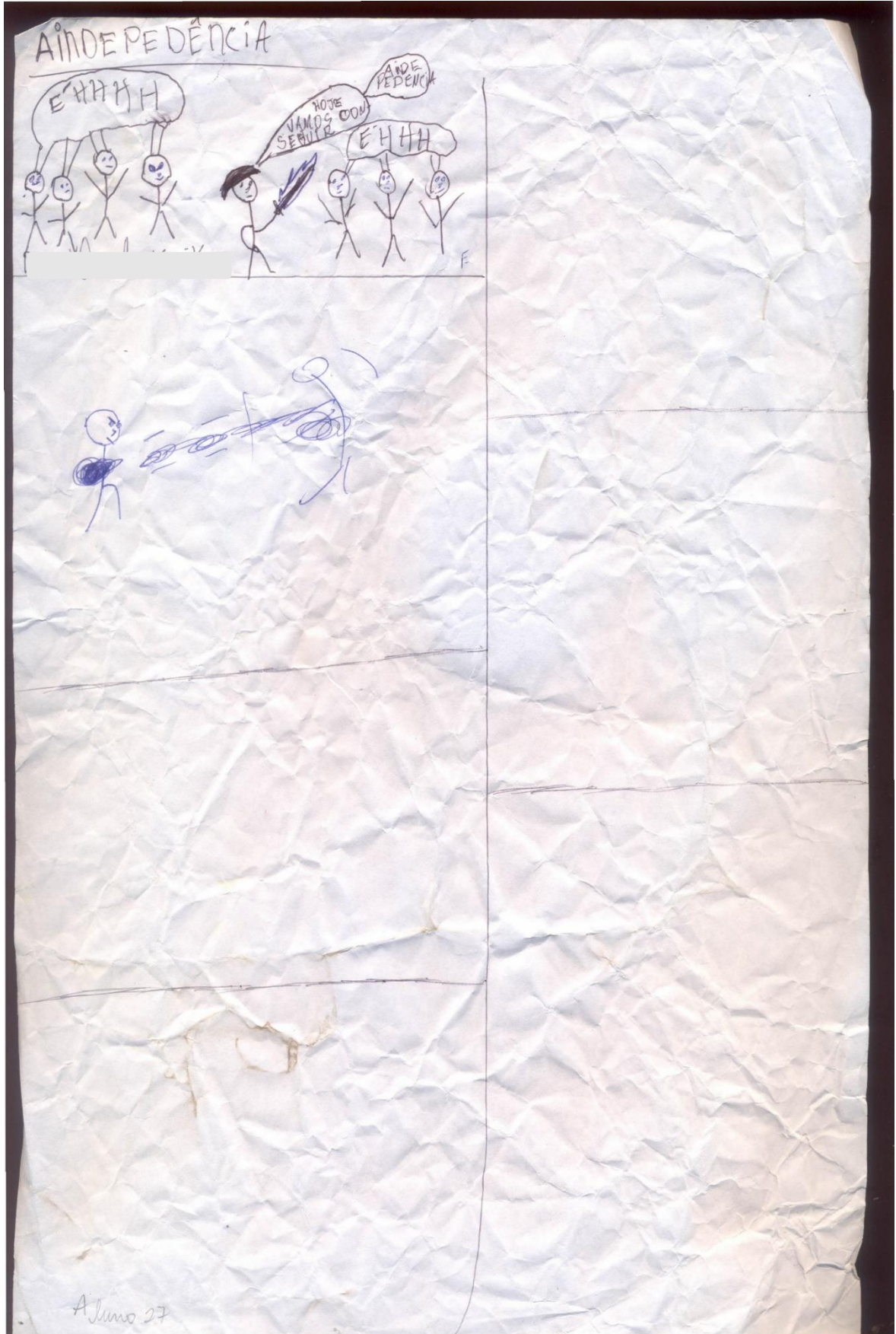
ALUNO 25



ALUNO 26

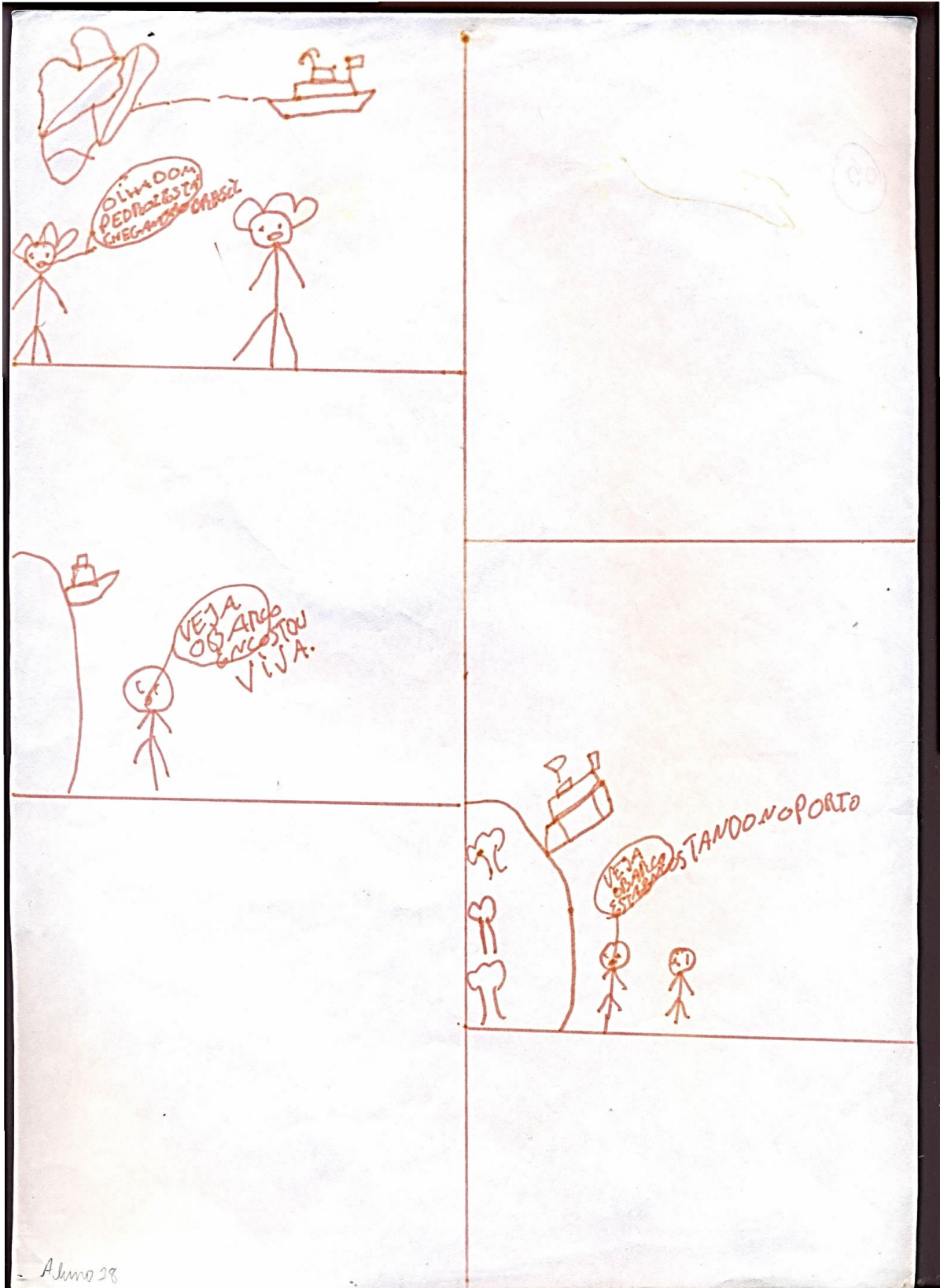


ALUNO 27

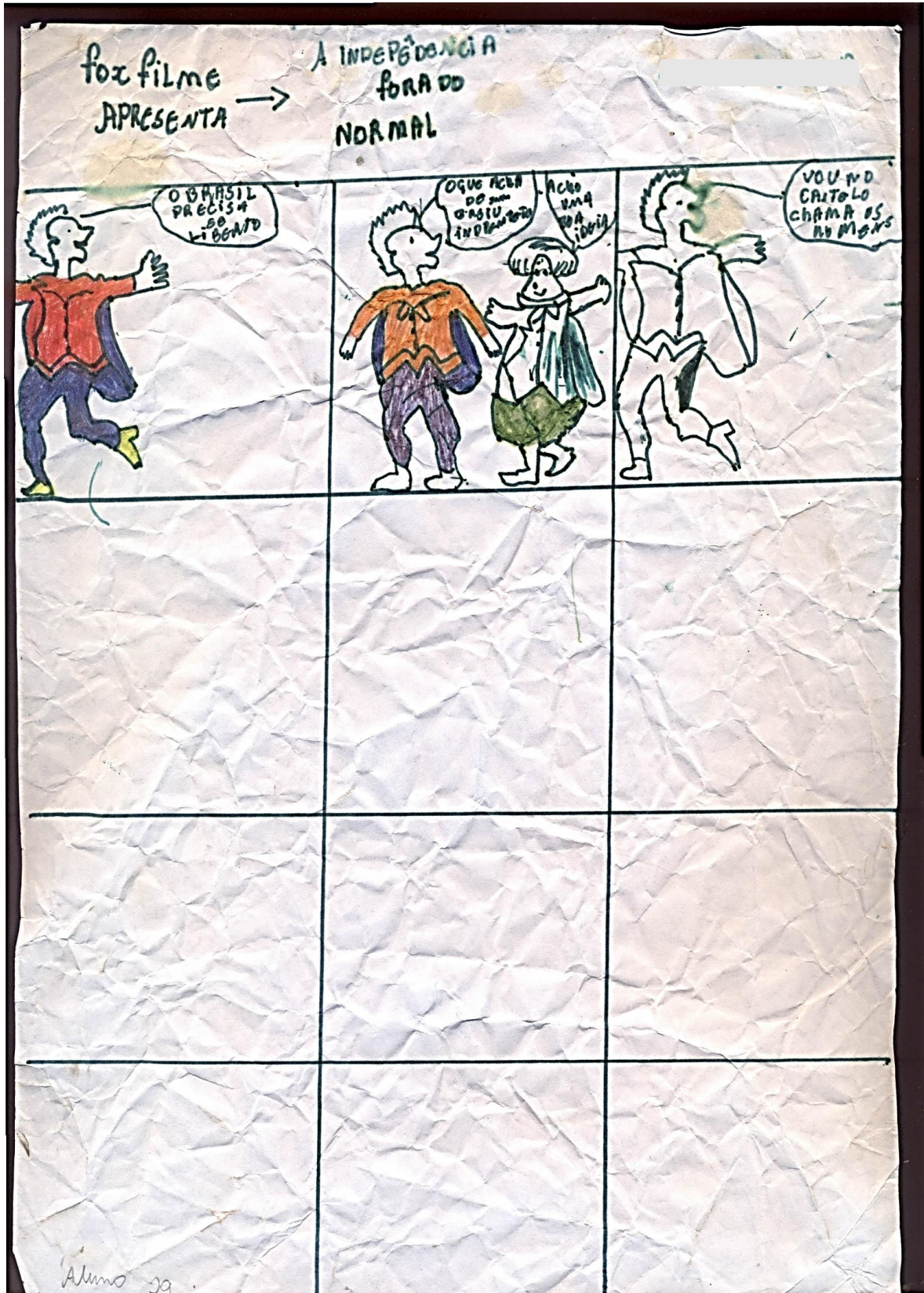


Aluno 27

ALUNO 28




ALUNO 29



ALUNO 30

# A INDEPENDÊNCIA

AH! Muitos anos atrás existia um Imperador Dom Pedro II



|  |  |  |
|--|--|--|
|  |  |  |
|  |  |  |
|  |  |  |
|  |  |  |
|  |  |  |

Aluno 30